



PAULUS

# vida pastoral

janeiro-fevereiro de 2021 – ano 62 – número 337



TEMAS PASTORAIS  
PARA UM NOVO  
FUTURO

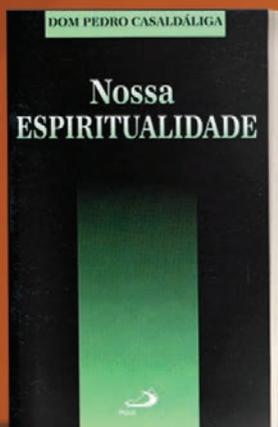
ISSN 0507-7184



01

# TODA A VIDA DE JESUS FOI UM TESTEMUNHO DE SOLIDARIEDADE AOS POBRES!

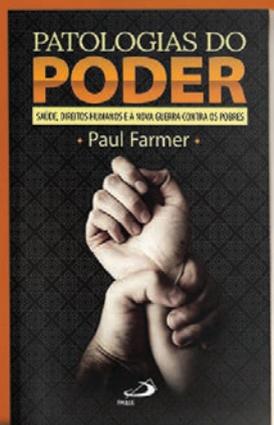
PROMOVER UMA ECONOMIA E SOCIEDADE A SERVIÇO DA VIDA É PARTE INDISPENSÁVEL DA FÉ CRISTÃ.



## **Nossa espiritualidade**

*Dom Pedro Casaldáliga*

Uma síntese dos valores que guiaram o “bispo do Araguaia” para uma vida simples e de luta pelo direito à terra e pela dignidade dos mais pobres.



## **Patologias do Poder: saúde, Direitos Humanos e a nova guerra contra os pobres**

*Paul Farmer*

Escrita por um infectologista, mostra como a doença física tem relação direta com o adoecimento do poder político-econômico, que deixa grupos vulneráveis.



## **Idolatria do dinheiro e Direitos Humanos: uma crítica teológica do novo mito do capitalismo**

*Jung Mo Sung*

Constata as problemáticas humanas da globalização econômica neoliberal e comenta a importância de a Igreja ser “pobre e para os pobres” nesse cenário.



## **Evangelhos Sinóticos: comentário à luz das Ciências Sociais**

*Bruce J. Malina / Richard L. Rohrbaugh*

Recontextualiza os Evangelhos nas sociedades ocidentais e industrializadas em que são lidos para que o leitor moderno alcance uma melhor compreensão.

## Prezadas irmãs, prezados irmãos, graça e paz!

vida  
pastoral

Iniciamos um novo ano. Com ele, a esperança de um novo tempo. Dizer “novo ano” é diferente de dizer “mais um ano”. A expressão “mais um ano” poderia dar a sensação de um peso, de um fardo semelhante ao do mito de Sísifo. O tempo presente, apesar dos cenários incertos, e agora agravados pela pandemia da Covid-19, revela-se para nós como um desafio de encontrar brechas que apontem para um novo tempo, um novo futuro. Nossa perspectiva é a da esperança. Aquela esperança iluminada pela fé, capaz de fazer nossos olhos enxergarem além do cinza do tempo.

Para nós, a teologia não consiste somente em ideias, discursos e altas elucubrações. Ela tem suas raízes na realidade concreta. Num fato. No caso da teologia cristã, o fato é Jesus mesmo, que se fez história, “em tudo semelhante a nós, menos no pecado” (Hb 4,15). Já na passagem do século IV para o V, com Santo Agostinho, a fé era percebida de duas maneiras: uma maneira que era olhar na fé os seus conteúdos (*fides qua*), outra que era olhar na fé o ato de crer (*fides quae*). Os conteúdos da fé seriam vazios sem a fé. A fé é um movimento. E esse movimento não nos permite paralisarmos. Nas adversidades e na dúvida, o desafio da fé se intensifica. Um exemplo elucidativo é Pedro caminhando sobre as águas (Mt 14,22-33). Como não duvidar, se o lugar onde se pisa não é sólido? Que alguém não afunde, aí subjaz o mistério. Há uma atração diferente, outro fio de gravitação. Esse fio nos permite olhar a realidade presente com o olhar da fé.

O cinza dos dias que se abate sobre a humanidade nos revela que não pisamos em lugar muito sólido, isto é, não temos muita segurança. Basta um olhar aguçado para os olhos das pessoas. Por imposição da pandemia do novo coronavírus, o uso de máscara deu maior exposição ao nosso olhar. A boca

escondida deixa os olhos falarem mais. Há olhos aparentemente amedrontados e, conseqüentemente, com a expressão de exaustão. Há em muitos olhos uma espécie de grito silencioso ou pedido de socorro, feito aquele grito confiante de Pedro: “Senhor, salva-me”.

Este número de *Vida Pastoral* propõe temas para pensar “um novo futuro”. Para tanto, nosso primeiro olhar é sobre a Amazônia, ambiente que nos recorda o projeto original de Deus. Na perspectiva do Sínodo, há um caminho a ser percorrido junto para o cuidado urgente da “casa comum”. Tudo está interligado. Desse modo, é preciso considerar, ao mesmo tempo, o valor das formigas e o lugar dos aviões. Daí o convite para pensar a “economia de Francisco”, nosso segundo olhar, desafio imenso para um futuro integrador, em que cessem a exploração e o lucro desenfreado, enquanto multidões ficam à beira do caminho. Certamente todas as possibilidades de um novo tempo são factíveis mediante o diálogo e a tolerância entre povos, nações, religiões. Trata-se do apelo da Campanha da Fraternidade Ecológica, nosso terceiro olhar. Por fim, o novo futuro pede vozes proféticas, capazes de abertura ao Espírito. Homens e mulheres imbuídos de ternura e comunhão ecológica. O perfil de Pedro Casaldàliga recorda-nos a importância de seu legado e, ao mesmo tempo, o apelo para uma vivência pastoral autêntica e integrada às causas do Reino de Deus.

O novo futuro é a Nova Jerusalém (Ap 21,2), dom prometido por aquele que faz novas todas as coisas.

*Vida Pastoral* inicia o ano de cara nova. Esse colorido é a expressão de nossa esperança em um novo tempo.

Boa leitura!

**Pe. Antonio Iraildo Alves de Brito, ssp**  
Editor

## Editora

PIA SOCIEDADE DE SÃO PAULO

## Jornalista responsável

Valdir José de Castro, ssp

## Editor

Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp

## Conselho editorial

Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp

Darci Luiz Marin, ssp

Paulo Sérgio Bazaglia, ssp

Sílvio Ribas, ssp

## Ilustrações

Romolo Picoli Ronchetti (artigos)  
e iStock

(Roteiros Homiléticos)

## Imagem da capa

Romolo Picoli Ronchetti

## Diagramação e projeto gráfico

Elisa Zuigeber

## Revisão

Alexandre Santana

Tiago José Risi Leme

## Assinaturas

assinaturas@paulus.com.br

(11) 3789-4000

WhatsApp: 99974-1840

Rua Francisco Cruz, 229

Depto. Financeiro • CEP 04117-091

São Paulo/SP



## Redação

© PAULUS – São Paulo (Brasil)

ISSN 0507-7184

vidapastoral@paulus.com.br

paulus.com.br / paulinos.org.br

vidapastoral.com.br

Periódico de divulgação científica.

## Área:

Humanidades e artes.

Curso: Teologia.

## Sumário

O SÍNODO PARA A AMAZÔNIA: CONVENIÊNCIA  
PASTORAL E AUDÁCIA SOCIOECOLÓGICA ..... 4

**Paulo Suess**

UM OLHAR CRÍTICO E CONSTRUTIVO SOBRE  
A CIDADE À LUZ DA ECONOMIA DE FRANCISCO  
“MESTRE, ONDE MORAS?” (Jo 1,38) ..... 14

**Claudia de Andrade Silva, Klaus da Silva Raupp  
e Eduardo Brasileiro**

DIÁLOGO PROFÉTICO: DESAFIO DA CAMPANHA  
DA FRATERNIDADE ECUMÊNICA DE 2021 ..... 24

**Joel Portella Amado**

PEDRO CASALDÁLIGA: O MÁRTIR  
QUE NÃO CONSEGUIRAM MATAR ..... 31

**Marcelo Barros**

ROTEIROS HOMILÉTICOS ..... 38

**Aíla L. Pinheiro de Andrade e Izabel Patuzzo**

## Assinaturas

A revista **Vida Pastoral** é distribuída gratuitamente pela Paulus.

A editora aceita contribuições espontâneas para as despesas postais  
e de produção da revista.

Para as pessoas que moram em cidades onde não há livreria Paulus e desejam  
receber a revista, as assinaturas podem ser efetuadas mediante envio dos dados  
para cadastro de assinante (nome completo, endereço, telefone, CPF ou CNPJ)  
e de contribuição espontânea para a manutenção da revista. Para os que já  
são assinantes e desejam renovar a assinatura, pede-se acrescentar aos dados  
também o código de assinante.

### Para contato:

E-mail: assinaturas@paulus.com.br

Tel: (11) 3789-4000

WhatsApp: (11) 99974-1840

Para a efetuação de assinaturas, enviar dados  
e cópia de comprovante de depósito da contribuição  
para despesas postais para:  
Revista Vida Pastoral – assinaturas  
Rua Francisco Cruz, 229 – Depto. Financeiro  
04117-091 – São Paulo – SP

Contas para depósito de contribuição  
para despesas postais:

**Banco do Brasil:** agência 300-X, conta 105555

**Bradesco:** agência 0108-2, conta 324139-4

### APARECIDA – SP

Centro de Apoio aos Romeiros  
Lojas 44,45,78,79  
(12) 3104-1145  
aparecida@paulus.com.br

### ARACAJU – SE

Rua Laranjeiras, 319  
(79) 3211-2927  
aracaju@paulus.com.br

### BELÉM – PA

Rua 28 de setembro, 61 – Campina  
(91) 3212-1195  
belem@paulus.com.br

### BELO HORIZONTE – MG

Rua da Bahia, 1136  
Ed. Arcângelo Maleta  
(31) 3274-3299  
bh@paulus.com.br

### BRASÍLIA – DF

SCS – Q.1 – Bloco  
Edifício Central – Loja 15 – Asa Sul  
(61) 3225-9847  
brasil@paulus.com.br

### CAMPINAS – SP

Rua Barão de Jaguará, 1163  
(19) 3231-5866  
campinas@paulus.com.br

### CAMPO GRANDE – MS

Av. Calógeras, 2405 – Centro  
(67) 3382-3251  
campogrande@paulus.com.br

### CAXIAS DO SUL – RS

Av. Júlio de Castilho, 2029  
(54) 3221-7797  
caxias@paulus.com.br

### COTIA – RAPOSO TAVARES

Av. das Acácias, 58 – Jd. da Glória  
(11) 3789-4005  
raposotavares@paulus.com.br

### CUIABÁ – MT

Rua Antônio Maria Coelho, 180  
(65) 3623-0207  
cuiaba@paulus.com.br

### CURITIBA – PR

Pça. Rui Barbosa, 599  
(41) 3223-6652  
curitiba@paulus.com.br

### FLORIANÓPOLIS – SC

Rua Jerônimo Coelho, 119  
(48) 3223-6567  
florianopolis@paulus.com.br

### FORTALEZA – CE

Rua Floriano Peixoto, 523  
(85) 3252-4201  
fortaleza@paulus.com.br

### GOIÂNIA – GO

Rua Seis, 201 – Centro  
(62) 3223-6860  
goiania@paulus.com.br

### GUARAPUAVA – PR

Rua XV de Novembro, 7466 - Lj 01  
(42) 9926-0224  
guarapuava@paulus.com.br

### JOÃO PESSOA – PB

Rua Peregrino de  
Carvalho, 134 – Centro  
(83) 3221-5108  
joaopessoa@paulus.com.br

### JUIZ DE FORA – MG

Av. Barão do Rio Branco, 2590  
(32) 3215-2160  
juizdefora@paulus.com.br

### MANAUS – AM

Rua Itamaracá, 21, Centro  
(92) 3622-7110  
manaus@paulus.com.br

### NATAL – RN

Rua Cel. Cascudo, 333  
Cidade Alta – (84) 3211-7514  
natal@paulus.com.br

### PORTO ALEGRE – RS

Rua Dr. José Montaury, 155  
Centro – (51) 3227-7313  
portoalegre@paulus.com.br

### RECIFE – PE

Av. Dantas Barreto, 1000 B  
(81) 3224-9637  
recife@paulus.com.br

### RIBEIRÃO PRETO – SP

Rua São Sebastião, 621  
(16) 3610-9203  
ribeiraopreto@paulus.com.br

### RIO DE JANEIRO – RJ

Rua México, 111–B  
(21) 2240-1303  
riodejaneiro@paulus.com.br

### SALVADOR – BA

Rua Direita da Piedade, 75 - Barris  
(71) 3321-4446  
salvador@paulus.com.br

### SANTO ANDRÉ – SP

Rua Campos Sales, 255  
(11) 4992-0623  
stoandre@paulus.com.br

### SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SP

Rua XV de Novembro, 2826  
(17) 3233-5188  
riopreto@paulus.com.br

### SÃO LUÍS – MA

Rua do Passeio, 229 – Centro  
(98) 3231-2665  
saoluis@paulus.com.br

### SÃO PAULO – PRAÇA DA SÉ

Praça da Sé, 180  
(11) 3105-0030  
pracase@paulus.com.br

### SÃO PAULO – VILA MARIANA

Rua Dr. Pinto Ferraz, 207  
Metrô Vila Mariana  
(11) 5549-1582  
vilamariana@paulus.com.br

### SOROCABA – SP

Rua Cesário Mota, 72 – Centro  
(15) 3442-4300 3442-3008  
sorocaba@paulus.com.br

### VITÓRIA – ES

Rua Duque de Caxias, 121  
(27) 3323-0116  
vitoria@paulus.com.br

# O SÍNODO PARA A AMAZÔNIA: conveniência pastoral e audácia socioecológica

\*Pe. Paulo Suess é doutor em Teologia Fundamental (Universidade de Münster, Alemanha, 1977). Desde 1967 trabalhou como pároco e depois como professor na Amazônia. Fundou e dirigiu o Departamento de Pós-Graduação em Missiologia, em São Paulo. Entre 2000 e 2004, foi presidente da Associação Internacional de Missiologia (IAMS). Atualmente, é assessor teológico do Conselho Indigenista Missionário (Cimi). Em 2019, foi perito no Sínodo para a Amazônia. Publicou *Introdução à teologia da missão*, 4ª ed., Petrópolis: Vozes, 2015; *Dicionário da Laudato Si'*, São Paulo: Paulus, 2017; *Dicionário da "Querida Amazônia"*, São Paulo: Paulus, 2021 (no prelo). E-mail: suesspaulo@gmail.com  
[Uma versão preliminar deste texto encontra-se em: *Caminhos de Diálogo*, PUCPR, jan./jun. 2020.]  
E-mail: suesspaulo@gmail.com

*A defesa do macrobioma pan-Amazônia exige cooperação, solidariedade e justiça mundial. Essa é a causa proposta pela encíclica Laudato Si' e pelo Sínodo para a Amazônia. Para a avaliação desse sínodo, dois documentos são particularmente importantes: o Documento Final (DFSA), com as conclusões da assembleia sinodal, e a Exortação Apostólica Pós-Sinodal Querida Amazônia (QA) do papa Francisco. A etapa mais importante do sínodo será sua contextualização regional.*

## **INTRODUÇÃO**

A Amazônia, com seus mais de 7 milhões de quilômetros quadrados, é uma das maiores regiões de biodiversidade do planeta Terra. Dessa biodiversidade fazem parte as múltiplas culturas dos seus aproximadamente 33,6 milhões de habitantes, dos quais entre 2 milhões e 2,5 milhões são indígenas (DFSA). Esses habitantes são cidadãos de nove países: Brasil, Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana, Guiana Francesa, Peru, Suriname e Venezuela.

## “O MACROBIOMA DO PLANETA TERRA, QUE É DE TODOS E DE CADA UM, EXIGE COOPERAÇÃO, SOLIDARIEDADE E JUSTIÇA MUNDIAL E PLANETÁRIA”

A Amazônia é uma terra de grandes distâncias geográficas, riquezas ecológicas e diversidades culturais (ILSA 18). Por causa disso, é um território ameaçado. A pastoral pós-sinodal precisa responder a esses desafios. Desde sua colonização, a partir do século XVI, até hoje, a Amazônia é disputada, invadida e depredada por interesses econômicos externos e aventureiros, em busca de um Eldorado mitológico. A Amazônia é “um espelho de toda a humanidade, que, em defesa da vida, exige mudanças estruturais e pessoais [...], dos Estados e da Igreja” (DPSA 2). Na encíclica *Laudato Si'*, o papa Francisco incentiva “nova solidariedade universal” (LS 14), porque “tudo está interligado” (LS 16; 91; 117; 138; 240) – os micro e macrosistemas ecológicos estão interligados com os micro e macrosistemas sociais. Onde se rompe essa interligação, rompe-se a corrente que garante a transmissão da vida. O macrobioma do planeta Terra, que é de todos e de cada um, exige cooperação, solidariedade e justiça mundial e planetária. Essa é a causa proposta pela encíclica *Laudato Si'* e pelo Sínodo para a Amazônia.

### 1. ITINERÁRIO DO SÍNODO

Na origem próxima desse sínodo está o IV Encontro Pastoral da Amazônia, que se realizou em Santarém, de 24 a 30 de maio de 1972 (QUARTO ENCONTRO, 1972, p. 9-28). O evento, que fez parte de uma série de encontros pós-Vaticano II (1962-1965) e pós-Medellín (1968), insistiu na descolonização da pastoral amazônica, propondo quatro linhas prioritárias: encarnação na realidade, evangelização libertadora, formação de agentes de pastoral e comunidades cristãs de base. A pastoral indígena, estradas e outras frentes pioneiras, institutos de pastoral

e meios de comunicação social entraram no documento desse encontro como propostas de serviços pastorais.

Em 2007, a V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, em Aparecida, repercutiu o grito dos povos agredidos da Amazônia depredada (DAP 84) e as condições precárias da presença pastoral e ainda bastante colonial da Igreja (DAP 100 e). No dia 15 de outubro de 2017, dez anos depois de Aparecida, o papa Francisco convocou, a pedido de várias Conferências Episcopais, uma Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a Região Pan-Amazônica. Os prelados que pediram a realização desse sínodo pretendiam, com base em sua experiência pastoral na região, avançar em algumas questões pastorais e chamar a atenção do mundo para a tragédia ecológica ali presente. Um Sínodo para a Amazônia seria boa oportunidade de encarnar em um território concreto a Carta Encíclica *Laudato Si'* sobre o cuidado da casa comum e a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual.

Na Constituição Apostólica *Episcopalis Communio* (EC), de 2018, o papa redefiniu a função dos sínodos na Igreja católica, porém sem mudar as estruturas, o que seria um pressuposto para transformar essa redefinição em nova prática: “O Sínodo dos Bispos deve sempre mais se tornar um instrumento privilegiado de escuta do povo de Deus: ‘Para os padres sinodais pedimos, antes de mais nada, do Espírito Santo, o dom da escuta: escuta de Deus, até ouvir com Ele o grito do povo; escuta do povo, até respirar nele a vontade de Deus que nos chama’” (EC 6). Entre os dois anos que se passaram da convocação à realização do Sínodo para a

Amazônia, ocorrido entre os dias 6 e 27 de outubro de 2019, foram ouvidas e sintetizadas as vozes de mais de 87 mil pessoas em múltiplas consultas, assembleias, fóruns e rodas de conversa (DFSA 3).

O sínodo foi um *kairós*, fazendo ouvir a voz de Deus na voz dos últimos. Estes, segundo a exortação *Querida Amazônia*, “são os principais interlocutores, dos quais primeiro devemos aprender, a quem temos de escutar por um dever de justiça e a quem devemos pedir autorização para poder apresentar as nossas propostas. A sua palavra, as suas esperanças, os seus receios deveriam ser a voz mais forte em qualquer mesa de diálogo sobre a Amazônia” (QA 26). Essas escutas pareciam reforçar o tema do evento: “Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral”. No entanto, a mera escuta do povo de Deus, sem a transformação de sua voz em decisões sinodais, revelou-se também nesse sínodo como bloqueio estrutural e desconfiança no “instinto da fé” com que “Deus dota a totalidade dos fiéis” (EG 119; cf. LG 12).

No final do sínodo, como previsto na *Episcopalis Communio*, as conclusões da assembleia foram votadas e compiladas em um *Documento Final*, que foi entregue ao papa. Francisco agradeceu, de improviso, no final da assembleia sinodal: “Estamos aprendendo a pôr em prática este espírito sinodal” (PAPA FRANCISCO, 2019). Escutou “todos os tipos de injustiças” praticadas na Amazônia. Falou da “criatividade em novos ministérios”. Reconheceu que no sínodo “apareceram algumas coisas que precisam ser reformadas: a Igreja tem de se reformar sempre a si mesma”. Falou da formação ministerial *in loco*, não nas salas de aula. Admitiu: “O que foi dito no documento e no decorrer do sínodo sobre a mulher é pouco”. Mencionou a possibilidade de criar “conferências episcopais setoriais”, “pequenas conferências episcopais” ao lado das conferências nacionais. Também na Cúria Romana se deve “abrir um setor amazônico no Dicastério para o Servi-

ço do Desenvolvimento Humano Integral”. Registrou, de maneira muito espontânea, a necessidade de “uma reforma ritual”.

No final de seu discurso de despedida e agradecimento, Francisco pediu que quem venceu e quem perdeu (relativamente a suas propostas pontuais) não olhassem para as coisas pequenas. O melhor do sínodo foram “os diagnósticos, que são a parte mais consistente” – a saber, o diagnóstico cultural, social, ecológico e pastoral. “Todos vencemos com os diagnósticos que fizemos e até onde fomos em questões pastorais e intraeclesísticas”. Depois citou Péguy, que fala de grupos que insistem no “pequeno” e esquecem o “grande”. Por quê? “Porque não têm coragem de estar com o mundo, pensam que estão com Deus. Porque não têm a coragem de se comprometer com as escolhas de vida do homem, eles acreditam que estão lutando por Deus. Porque não amam ninguém, acreditam que amam a Deus”. Afirmou não ser o caso de perder tempo com este ou aquele ponto intraeclesial e perder de vista “o corpo do Sínodo, que são os diagnósticos que fizemos nas quatro dimensões” (PAPA FRANCISCO, 2019).

Entretanto, os diagnósticos macroestruturais não estariam também interligados com as microestruturas nas quais acontece o “pequeno”? Os quatro sonhos da *Querida Amazônia* não estariam também interligados? O sonho de uma Amazônia “que lute pelos direitos dos mais pobres, dos povos nativos, dos últimos” (QA 7) não estaria também interligado com os sonhos das comunidades cristãs de certo protagonismo pastoral, sacramental e ministerial, nos confins do mundo? A defesa do sonho de uma Amazônia “que guarde zelosamente a sedutora beleza natural” e “a vida transbordante que enche os seus rios e as suas florestas” (QA 7) ganha força em comunidades que – dependendo por séculos de visitas externas e agendas alheias – almejam que sua sacramentalidade essencial não seja “terceirizada”



“NAS QUATRO PARTES DE SUA CARTA,  
O PAPA FALA COM A AMAZÔNIA  
COMO SE FALA COM UMA AMADA”

## 2. UMA CARTA DE AMOR

A Exortação Apostólica *Querida Amazônia*, do papa Francisco, inscreve-se no gênero literário “carta de amor”, dirigida aos povos da Amazônia e do mundo. Nas quatro partes de sua carta, o papa fala com a Amazônia como se fala com uma amada e conta seus quatro sonhos (QA 7), que procuram antecipar novas realidades e horizontes concretos nos campos social (QA 8-27), cultural (QA 28-40), ecológico (QA 41-60) e eclesial (QA 61-110) e correspondem, em grande parte, às cinco conversões mencionadas no *Documento Final* dos padres sinodais: a conversão integral, pastoral, cultural, ecológica e sinodal.

Nas três primeiras partes de sua exortação – que transmitem, em seu conjunto, sonhos mais corajosos e inovadores do que o quarto –, o papa dirige-se a “todas as pessoas” e ao “mundo inteiro” (QA 4 e 5), enquanto, na quarta parte, em seu sonho eclesial, se dirige aos “pastores e fiéis católicos” (QA 60). Muitas inspirações da exortação *Querida Amazônia* se encontram na encíclica *Laudato Si’*, na exortação *Evangelii Gaudium*, no *Instrumentum Laboris* (ILSA) e no *Documento Final* (DFSA) do sínodo.

Nos três primeiros sonhos da *Querida Amazônia*, o papa Francisco fala com sua amada Amazônia mais ou menos assim: “Além de sermos uma aliada estratégica (DFSA 4), nós, a Igreja, te amamos apaixonadamente (QA 3), aprendemos muito de você (QA 26 e 55) e te defendemos (QA 63) – tua vida, teus direitos, tuas culturas e terras. Podes contar conosco para o que

der e vier”. Essa declaração de amor e solidariedade vale muito, sobretudo em uma situação na qual o avanço das motosserras, dos garimpos, da plantação de soja e da criação de gado tem feito aumentar a pressão sobre os territórios dos povos da Amazônia. No quarto sonho, em que o papa se dirige aos “pastores e fiéis católicos” (QA 60), ele muda o tom, seguramente pressionado por setores internos da Igreja. Avanços pastorais discutidos com liberdade durante o sínodo não contribuíram para a almejada “harmonia pluriforme” (QA 61; EG 220) do papa.

Na realidade do nosso mundo secularizado, pode-se perguntar: de que depende o futuro da Amazônia? Depende, de fato:

- da luta pelos direitos dos mais pobres;
- da preservação da riqueza cultural;
- do zelo pelos rios e pelas florestas.

Na realização desses sonhos, a Igreja é aliada entre outras aliadas. Do “sonho eclesial”, cuja realização, por ora, enfrenta extremas dificuldades, não depende o futuro da humanidade.

O futuro da humanidade:

- não depende de uma Igreja com “rostos novos com traços amazônicos” (QA 7);
- não depende diretamente de condicionantes da Igreja católica para o celibato dos padres;
- não depende da superação do vácuo sacramental nas regiões amazônicas afastadas dos centros urbanos;
- e, a rigor, não depende da cristalização de conceitos patriarcais sobre o papel possível da mulher no interior da Igreja.

Pode-se relativizar a importância do sonho eclesial para o futuro da Amazônia e para a vida do mundo, embora a centralização pastoral, os vácuos ministeriais nas comunidades e as restrições ministeriais para o pleno exercício da igualdade das mulheres tenham contribuído para ampliar a esfera de influência de grupos fundamentalistas em espaços públicos. O que não se pode relativizar, nesse sonho eclesial, é sua coerência e sua relevância para a própria Igreja.

A Igreja se apresenta como uma aliada dividida e enfraquecida, somando seus esforços em defesa da Amazônia com os de outros aliados, também enfraquecidos e divididos (por outros motivos). Na força dessa aliada – sua experiência histórica e sua motivação religiosa – está, ao mesmo tempo, sua fraqueza: suas cristalizações culturais, suas contradições doutrinárias e seu tradicionalismo político, representado por um setor em luta permanente por hegemonia.

### 3. HARMONIA PLURIFORME E AUDÁCIA

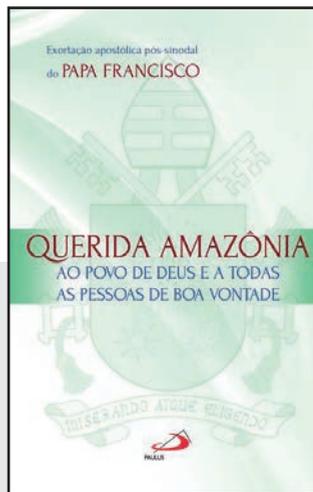
Dois documentos oficiais marcarão a caminhada pós-sinodal: primeiro, o *Documento Final* da própria Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos, que assumiu como título o tema definido por Francisco: “Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral” e foi entregue ao papa no último dia da assembleia (27/10/2019); em segundo lugar, o documento com o qual o papa Francisco, como de costume, repercutiu o evento sinodal mediante uma exortação apostólica pós-sinodal que denominou *Querida Amazônia*. Essa exortação se dirige “ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade” e faz parte do “magistério ordinário do sucessor de Pedro” (EC, art. 18, § 1).

A comparação do *Documento Final*, dos padres sinodais, com a *Querida Amazônia*, do papa, permite-nos ver dois polos que podem gerar luz para longo caminho que ainda deve ser percorrido, sem vencedores

## Querida Amazônia

Ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade

Papa Francisco



60 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

O Sínodo para a Amazônia resultou nessa exortação pós-sinodal. O documento é um norte para novos caminhos de evangelização e cuidados com o meio ambiente e os pobres. Nele, o Papa fala sobre seus quatro grandes sonhos em relação à Amazônia: o de que ela lute pelo direito dos seus povos nativos; o de que ela preserve sua riqueza cultural; o terceiro, de preservação das belezas naturais; e, por fim, o de que a Igreja se encarne na região e ganhe traços amazônicos.

Vendas: (11) 3789-4000  
08000-164011

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)

nem vencidos. Polos geram luz por serem diferentes. Um pensamento esclarecido só é capaz de compreender a si mesmo quando se relaciona com seu “outro”, que pode ser oposto ou complementar, concomitantemente universal e regional.

Enquanto, no *Documento Final*, prevalece a paixão contextual, sobretudo quando se trata de propostas concretas para o tempo pós-sinodal, na *Querida Amazônia* sente-se mais a responsabilidade universal, que não se esquece da “paixão contextual”. Na exortação, o *Documento Final* não é explicitamente citado. Francisco, porém, apresenta-o “de modo oficial”, convida “a lê-lo integralmente” e atesta que seus autores têm um conhecimento bom da “problemática da Amazônia, porque são pessoas que nela vivem, por ela sofrem e a amam apaixonadamente” (QA 3). Por isso, a exortação *Querida Amazônia* deve ser articulada com o *Documento Final* do próprio Sínodo dos Bispos para a Amazônia, ainda que ele não responda a algumas propostas concretas.

Ao longo do sínodo, o papa ouviu as intervenções e, além do *Documento Final* – como assegurou –, leu também, com interesse, as contribuições dos círculos menores. Francisco não se propôs, como deixou claro, “desenvolver todas as questões amplamente tratadas no documento conclusivo” (QA 2). Tampouco se propôs substituir ou repetir o *Documento Final* (QA 2). Na *Querida Amazônia*, desejou “apenas oferecer breve quadro de reflexão que encarne na realidade

**“UM PENSAMENTO ESCLARECIDO SÓ É CAPAZ DE COMPREENDER A SI MESMO QUANDO SE RELACIONA COM SEU 'OUTRO', QUE PODE SER OPOSTO OU COMPLEMENTAR, CONCOMITANTEMENTE UNIVERSAL E REGIONAL”**

amazônica uma *síntese* de algumas grandes preocupações já manifestadas [...] em documentos anteriores, que ajude e oriente para uma recepção harmoniosa, criativa e frutuosa de todo o caminho sinodal” (QA 2). Poder-se-ia pressupor que as propostas concretas do *Documento Final* foram silenciosamente assumidas pelo papa e que a *Querida Amazônia* devolve questões regionais não a uma conferência episcopal nacional, mas regional ou setorial?

Diversidade cultural e distância geográfica dificultam a “harmonia pluriforme” (QA 61; EG 220) e a “recepção harmoniosa” (QA 2), que são ideais de convivência do “bem viver”. Também nos escritos do papa Francisco, a construção dessa “harmonia pluriforme” está sempre presente como a meta de ofício de um construtor de pontes e diálogos.

Na *Evangelii Gaudium*, Francisco já explicou que a diversidade cultural não é uma ameaça à unidade da Igreja: “O Espírito Santo constrói a comunhão e a harmonia do povo de Deus. Ele mesmo é a harmonia [...]. É Ele que suscita uma abundante e diversificada riqueza de dons e, ao mesmo tempo, constrói uma unidade que nunca é uniformidade” (EG 117). A “harmonia pluriforme” (EG 220) é um processo lento e árduo. Na *Laudato Si'*, Francisco insere essa “harmonia pluriforme” no contexto mais amplo da “ecologia integral” e propõe que dediquemos “algum tempo para recuperar a harmonia serena com a criação” (LS 225). Precisamos “refletir sobre o nosso estilo de vida e os nossos ideais, contemplar o Criador, que vive entre nós e naquilo que nos rodeia” (*ibid.*).

Os povos indígenas, descendentes de culturas e civilizações anteriores às colonizações portuguesa e espanhola, chamam essa harmonia integral, que inclui todas as dimensões da vida, de condição do “bem viver”.

Trata-se de viver em harmonia consigo mesmo, com a natureza, com os seres humanos e com o ser supremo, pois existe uma intercomunicação entre todo o cosmos [...]. Para eles (os povos indígenas), *bem viver* é entender a centralidade do caráter relacional transcendente dos seres humanos e da criação, e supõe um *bem fazer* (DFSFA 9).

O “bem viver” e o “bem fazer” são sonhos do porvir histórico de todas as culturas, e não realizações de unanimidade.

Na “harmonia pluriforme”, não se trata de unanimidade, nem de um “consenso de escritório” (EG 218). Segundo Francisco, a aproximação à “harmonia pluriforme” é possível ao enfrentar o conflito e “transformá-lo no elo de ligação de um novo processo” (EG 227). A “harmonia pluriforme” (QA 61; EG 220) e a “recepção harmoniosa” (QA 2), na perspectiva do papa, não são panos quentes sobre o espírito profético na Igreja. “As verdadeiras soluções nunca se alcançam amortecendo a audácia, subtraindo-se às exigências concretas ou buscando culpas externas. Pelo contrário, a via de saída encontra-se por ‘transbordamento’ [...] para poder, assim, reconhecer um dom maior que Deus está oferecendo” (QA 105). A Amazônia desafia-nos a “buscar caminhos mais amplos e ousados” de presença e defesa.

#### 4. “QUANDO O GALO INSISTIR EM CANTAR” (CHICO BUARQUE)

A partir do momento em que o papa Francisco começou a acenar com a concretização pastoral de seu pensamento, sentiu forte resistência de setores tradicionalistas, sem conhecimento histórico da região e sem vínculo pastoral com a Amazônia. Esses setores conseguiram se impor na redação final da *Querida Amazônia*, ameaçaram romper com a unidade eclesial e acusaram o papa de herético. Atrás de afirmações

## A espiritualidade dos leigos

À luz do magistério eclesial desde o Vaticano II

Rudy Albino de Assunção



216 págs.

CONFIRA  
VERSÃO  
E-BOOK

Imagens meramente ilustrativas.

Um guia pelos documentos da Igreja que, desde o Vaticano II, têm discutido o tema. Trata-se de uma explicação sobre a espiritualidade específica dos leigos: a sua fundamentação nos sacramentos da Iniciação Cristã e a sua missão, que se dá em todas as esferas sociais. Além dos ensinamentos oficiais, o leitor encontrará as experiências do autor, por meio das quais ele demonstra como encontrar Deus no meio do mundo a fim de comunicá-lo aos outros.

Vendas: (11) 3789-4000  
08000-164011

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)

excessivas de ortodoxia, há geralmente uma “inflamação silenciosa” que, no campo da saúde, acompanha as doenças crônicas e, sem causar sintomas, destrói a vida dos pacientes. Na Igreja, essas “doenças crônicas” têm nomes específicos: desconhecimento histórico, colonialismo, clericalismo, tradicionalismo e preconceito. Por causa do desconhecimento histórico, do preconceito cultural e do raciocínio econômico, colocou-se em decisões pastorais inovadoras um rótulo mediante uma doutrina descontextualizada.

Aparentemente, pouco mudou em nossa prática pastoral pós-sinodal. Continuamos a chegar depois de meses ou anos às comunidades. O povo, que avistou nosso barco de longe, reunido na beira do rio, solta foguetes para avisar à comunidade: o padre está chegando. No porto, a professora do lugar com as crianças, que cantam uma canção de boas-vindas, troca de abraços com os/as catequistas e com o povo. Depois, em procissão, não muito litúrgica, todos subindo para a capela, partilha de novidades, catequese para as crianças, confissões noite adentro, enquanto os/as catequistas estão ensaiando os cânticos para a celebração da missa. No outro dia, mais uma missa, batizados devidamente preparados pelos catequistas, casamentos, visita aos doentes, almoço em clima de festa. À tarde, despedida no porto, canções, abraços de adeus, e o Jonas – nome do nosso barco – afasta-se devagar da ribanceira, rumando ao encontro com a próxima comunidade. Quando essas comunidades terão seus próprios sacerdotes, “podendo ter uma família legitimamente constituída”, como os bispos pediram no *Documento Final* (DSA 111)?

Contudo, o espaço conjuntural do Sínodo para a Amazônia não nos deixou totalmente na penumbra. De madrugada, o galo insistirá em cantar. Desde o Vaticano II, sabemos que as mudanças na Igreja e a participação do povo de Deus precisam ser ancoradas no Direito Canônico. Isso vale também para a assembleia

do Projeto de Constituição da Conferência Eclesial da Amazônia (PCCEA), realizada virtualmente nos dias 26 a 29 de junho de 2020. Segundo uma proposta do *Documento Final* do próprio Sínodo para a Amazônia, “trata-se de um organismo episcopal permanente e representativo que promove a sinodalidade na região amazônica” (DFSA 115). Dessa conferência – um organismo em construção, articulado ao Celam, à Repam, à Clar, à Cáritas e às Igrejas locais –, espera-se “que ajude a delinear a face amazônica desta Igreja e que continue a tarefa de encontrar novos caminhos para a missão evangelizadora, incorporando especialmente a proposta da ecologia integral”, tornando-se “o canal eficaz para assumir, a partir do território da Igreja na América Latina e no Caribe, muitas das propostas surgidas neste sínodo” (DFSA 115).

Descentralização institucional, regionalização cultural e participação do conjunto do povo de Deus – elementos que podem ser considerados horizontes desse novo organismo, que “reflete a unidade na diversidade de nossa Igreja e seu chamado a uma sinodalidade cada vez maior” e quer ser “uma resposta oportuna aos gritos dos pobres e da irmã-mãe Terra” (PCCEA) – necessitam de um amparo constitucional e jurídico para não se tornarem vítimas de arbitrariedades hermenêuticas e de hegemonias regionais ou curiais centralizadas.

Para o tempo pós-sinodal, a Constituição Apostólica *Episcopalis Communio* lembra que “cada princípio geral [...], se quiser ser observado e aplicado, precisa ser inculturado” e que “o processo sinodal não apenas tem seu ponto de partida, mas também o seu ponto de chegada no povo de Deus” (EC 7). Existem portas abertas para continuar o processo de descolonização e libertação, de inculturação e descentralização. A súplica do papa é uma ordem para a Igreja: “Deus queira que toda a Igreja se deixe enriquecer e interpelar por este trabalho” (QA 4). A “recepção harmoniosa” do sínodo, a qual

“nos permitirá chorar pela Amazônia e gritar com ela diante do Senhor” (QA 56), é o veto contra uma recepção sem conversão, com vencedores e vencidos.

O Sínodo para a Amazônia foi, como todos os sínodos, um sínodo episcopal, não um sínodo do povo de Deus. Os incentivos da *Episcopalis Communio* para consultar esse povo de Deus (EC, art. 6º), antes e depois da realização de um sínodo episcopal, não encontram a ressonância que permitiria um voto deliberativo do povo de Deus. Os avalistas do futuro da Amazônia são a resistência dos seus

habitantes, a solidariedade do mundo, regras constitucionais bem definidas e a esperança – que não é a última que morre. Segundo Charles Péguy, ela é a “filhinha menor” de Deus. A Fé é uma Esposa fiel. A Caridade é uma Mãe bondosa. Por sua vez, “a Esperança é uma menininha danada [...]. Entretanto, é essa menininha” que é “invencível”, “imortal”, “uma chama ansiosa que atravessou a espessura das noites, [...] impossível de apagar-se”. “E é essa filhinha menor” – inesgotável como o rio-mar Amazonas – “que atravessará os mundos” (PÉGUY, 1912). **vp**

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSEMBLEIA DO PROJETO DE CONSTITUIÇÃO DA CONFERÊNCIA ECLESIAL DA AMAZÔNIA (PCCEA). Comunicado oficial. *Secretariado Geral do Sínodo dos Bispos*, 29 jun. 2020. Disponível em: <<http://www.synod.va/content/sinodoamazonico/pt/noticias/celam--repam--comunicado-oficial-da-assembleia-do-projeto-de-co.html>>. Acesso em: 19 ago. 2020.
- CELAM. *Documento de Aparecida*: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe (DAP). São Paulo: Paulus, 2007.
- PAPA FRANCISCO. *Querida Amazônia*: Exortação Apostólica Pós-Sinodal ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade (QA). Brasília: Ed. CNBB, 2020.
- \_\_\_\_\_. *Laudato Si'*: Carta Encíclica sobre o cuidado da casa comum (LS). 2. ed. São Paulo: Paulus, 2019.
- \_\_\_\_\_. Discurso no final da Assembleia Sinodal. *Secretariado Geral do Sínodo dos Bispos*, 26 out. 2019. Disponível em: <<http://www.synod.va/content/sinodoamazonico/pt/noticias/discurso-do-papa-francisco-no-final-da-assembleia-sinodal.html>>. Acesso em: 19 ago. 2020.
- \_\_\_\_\_. *Episcopalis Communio*: Constituição Apostólica sobre o Sínodo dos Bispos (EC). Brasília: Ed. CNBB, 2018.
- \_\_\_\_\_. *Evangelii Gaudium*: Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual (EG). São Paulo: Paulus/Loyola, 2013.
- PÉGUY, Charles. O pórtico do mistério da segunda virtude. In: ALMEIDA, Guilherme de (Org.). *Poetas de França*. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958.
- QUARTO ENCONTRO PASTORAL DA AMAZÔNIA. Linhas prioritárias da pastoral da Amazônia. Santarém, 24 a 30 maio 1972. In: CNBB. *Desafio missionário*: documentos da Igreja na Amazônia. Coletânea. Brasília: Ed. CNBB, 2014. p. 9-28.
- SÍNODO DOS BISPOS PARA A AMAZÔNIA. *Documento Final do Sínodo para a Amazônia* (DFSA). Brasília: Ed. CNBB, 2019.
- \_\_\_\_\_. *Instrumentum Laboris do Sínodo para a Amazônia* (ILSA). Brasília: Ed. CNBB, 2019.
- \_\_\_\_\_. *Documento Preparatório do Sínodo para a Amazônia* (DPSA). 2. ed. Brasília: Ed. CNBB, 2018.

# Um olhar crítico e construtivo sobre a cidade à luz da Economia de Francisco

## “Mestre, onde moras?” (Jo 1,38)

\*Claudia de Andrade Silva é arquiteta e urbanista, mestranda pela FAU-USP com pesquisa focada no direito à cidade. Atua junto aos movimentos de luta por moradia em ocupações urbanas de São Paulo e junto à pastoral do povo de rua em Guarulhos-SP.

\*\*Klaus da Silva Raupp, advogado em Santa Catarina, mestre em Teologia pela PUCRS e professor na área, é doutorando em Teologia e Educação pelo Boston College (Jesuítas), com pesquisa focada em justiça econômica.

\*\*\*Eduardo Brasileiro, sociólogo, educador pastoral e social, pertence ao coletivo de paróquias Igreja Povo de Deus em Movimento. *E-mail*: eduardobrasileiro@gmail.com

Todos três participam diretamente tanto do evento convocado pelo papa (A Economia de Francisco) como de sua articulação no Brasil (ABEFC).





O papa Francisco, ao convocar jovens do mundo inteiro – especialistas das universidades e das ruas, empreendedores e agentes de mudança social – para o evento A Economia de Francisco, na cidade de Assis, na Itália, pretende lançar redes numa sociedade globalizada pela fome e pela dominação econômica e política, recolher possibilidades de retomarmos o pacto global por outro mundo possível e “realmar” a economia. Realmar, num tempo marcado por uma economia asfíxiada pela financeirização e por Estados nitidamente autoritários (DOWBOR, 2017), é tarefa hercúlea, que requer um elo vital de esperança e a articulação de forças ainda não ouvidas. Neste artigo, desenham-se possíveis “arquiteturas” que, em bases cristãs católicas, alicerçam sujeitos dispostos a forjar o novo nas cidades.

## 1. VER: UM OLHAR CRÍTICO SOBRE A CIDADE

*“O primeiro que, ao cercar um terreno, teve a audácia de dizer ‘isto é meu’ e encontrou gente bastante simples para acreditar nele foi o verdadeiro fundador da sociedade civil.*

*Quantos crimes, guerras e assassinatos [...] teria poupado ao gênero humano aquele que, arrancando as estacas e cobrindo o fosso, tivesse gritado a seus semelhantes:*

*‘Não escutem esse impostor! Estarão perdidos se esquecerem que os frutos são de todos e a terra é de ninguém.’*

*(Jean-Jacques Rousseau, em Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens)*

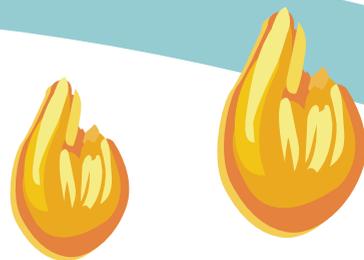
A discussão presente neste texto parte da identificação da raiz econômica das desigualdades socioterritoriais e, nesse sentido, conecta-se à produção do espaço urbano, pois a práxis nos territórios populares revela os limites e contradições de uma sociedade que se organiza segundo uma lógica capi-

talista. O urbano tem uma relação muito influenciada pelo sistema econômico, pois a cidade não é somente *locus* da produção, mas – no modo de produção capitalista – é também mercadoria que se transforma em capital. Assim, a cidade, nesta reflexão, é definida segundo a concepção de Maricato (2001), como produto de interesses em disputa, arbitrados pelo Estado, e dependente da correlação de forças de uma sociedade capitalista periférica. Sendo assim, a produção da moradia precária é entendida como parte integrante da produção da cidade, resultado da precarização gerada pelo capitalismo.

A cidade, enquanto mercadoria, em que o valor de uso de um bem comum, como a terra, foi dominado pelo valor de troca em lógica capitalista, fez que houvesse uma disputa de forças pelas localizações, e, portanto, os territórios que não interessam ao mercado imobiliário são os que restam para a população de baixa renda. Foi à margem do que estava se consolidando como uma urbanização legal que a grande parte da classe trabalhadora se instalou, com ocupação irregular e precária, nas franjas da margem urbana e em áreas ambientalmente frágeis, como beira de córregos, encostas, áreas de mananciais etc.

A partir de 1960, principalmente, com a crescente migração rural-urbana, a produção da moradia precária foi a solução possível que a população de baixa renda encontrou diante da insuficiência de meios e da exclusão do mercado imobiliário privado. Como aponta Maricato (1976), os trabalhadores são excluídos desse mercado e, sem outra opção, moram em favelas. Nos termos da autora, trata-se do “produtivo excluído”, resultado da industrialização com baixos salários. Foi o autofinanciamento de suas habitações que permitiu o rebaixamento do custo de reprodução da força de trabalho e, como conceitua Maricato (2013), de uma urbanização com baixos salários. De acordo com a autora,

## “O MODELO DE DESENVOLVIMENTO BRASILEIRO SEMPRE ASSOCIOU UM GRAU DE CRESCIMENTO ECONÔMICO A UMA DESIGUALDADE EXTREMA”



a ilegalidade na provisão de grande parte das moradias urbanas (expediente de subsistência e não mercadoria capitalista) é funcional para a manutenção do baixo custo de reprodução da força de trabalho, como também para um mercado imobiliário especulativo (ao qual correspondem relações de trabalho atrasadas na construção), que se sustenta sobre a estrutura fundiária arcaica (MARICATO, 2013, p. 147-148).

Refletir sobre a maneira como o pobre conseguiu aderir à vida urbana é uma tentativa de superar a visão estereotipada que esse tema carrega, com reconhecimento de que os territórios populares não devem ser explicados com base em conceitos como carência, pobreza ou precariedade, mas pelo entendimento de que a autoconstrução das moradias pela população de baixa renda está atrelada ao modelo brasileiro de desenvolvimento “desigual e combinado”, produto da acumulação capitalista (OLIVEIRA, 1972). O Estado não deu amparo nem garantiu condições mínimas para a concentração de trabalhadores da indústria nas cidades em formação, o que colaborou para a precarização das condições de vida em moradias e a urbanização de baixo custo. O modelo de desenvolvimento brasileiro, portanto, sempre associou um grau de crescimento econômico a uma desigualdade extrema, confirmada pelo fato de que parte da população está situada abaixo da linha da pobreza. A pobreza e a desigualdade, portanto, são características estruturais que acompanham o desenvolvimento brasileiro e estão associadas a um processo crescente de precarização e informalização das relações de trabalho (CARDOSO, 2007).

As pesquisas iniciadas na década de 1970 ampliaram o debate sobre a cidade real, demonstrando que, ao invés de os moradores de favela estarem em um processo de ascensão social, estariam em um processo de empobrecimento. Estudos pioneiros, como os de Kowarick (1980) e Taschner (1978), foram importantes na medida em que fizeram uma revisão da concepção que se tinha até então do lugar da moradia precária no processo de adaptação de migrantes à cidade. Esses estudos expuseram o papel da massa trabalhadora na economia nacional e de sua integração, mesmo que subordinada. Romperam com a visão, dominante até esse momento, do morador de favela como migrante rural, que estaria em um processo de ascensão social no meio urbano. Na realidade, “parte significativa dessa população não era composta de migrantes em processo de ascensão social, mas sim de camadas empobrecidas, em processo de mobilidade social descendente” (CARDOSO, 2007, p. 222).

A partir desse momento, a favela passa a ser entendida como uma forma de produção coletiva do espaço urbano que revela não somente a condição de exploração do trabalhador, como também sua espoliação cotidiana (KOWARICK, 1980). A defesa aqui, portanto, é de um olhar para os territórios populares que os veja não como problema, mas como uma solução possível, em um sistema que não deixa alternativa a quem é excluído da demanda programática do Estado e do mercado imobiliário formal. Parte-se do esforço de reconhecer os territórios populares como a própria cidade. Favela “é o regime de produção do espaço urbano predominante no chamado

sul global, nos termos de Gonçalves (2013); é a forma preponderante de moradia dos trabalhadores” (SANTO AMORE; LEITÃO, 2019, p. 18).

Assim, parte-se do pressuposto de que, para a superação da produção desigual da cidade, é necessária uma mudança de paradigma econômico, pois a generalização do modo de produção capitalista inexoravelmente produz desigualdades socioeconômicas, diferenciações e assimetrias nas condições de apropriação do espaço urbano (SANTO AMORE; LEITÃO, 2019). Há o reconhecimento de que, para alcançar a democratização da cidade, é imprescindível, antes, uma democratização econômica. Democratização que não se resume à distribuição da renda ou ao acesso à moradia, pois é preciso “distribuir cidade”, entendendo que o direito à cidade passa pelo acesso a bens e serviços, como também pela reforma fundiária, imobiliária e tributária.

Lembra-nos Milton Santos (2012) que a urbanização passou a ser um dado fundamental na compreensão da economia, na medida em que a circulação de mercadorias, pessoas e ideias ganhou expressão. A esse respeito, o geógrafo Roger Lee chegou a afirmar que o “sistema urbano é a economia” (SANTOS, 2012, p. 113). Assim, esse autor sustenta que, para compreender a economia de um país, é necessário dar atenção aos estudos urbanos e buscar a metodologia mais adequada para analisar a cidade, o território e a nação.

## 2. JULGAR: ENTENDER A CIDADE À LUZ DA ECONOMIA DE FRANCISCO

*“Romper as cercas da ignorância, que produz a intolerância, terra é de quem plantar... [e de quem morar... e de quem trabalhar...]”*  
(Pedro Munhoz, em *Canção da terra, com acréscimo dos autores*)

O texto bíblico que fundamenta a compreensão cristã do chamado Juízo Final deixa muito claro que o critério de julgamento é tudo aquilo que se faz aos menores dos irmãos de Jesus, o que o Cristo considera como feito a ele mesmo (Mt 25,40). A nota da *Bíblia Pastoral* (Paulus), em sua versão *on-line*, à passagem respectiva esclarece que Jesus “está identificado com os pobres e oprimidos, marginalizados por uma sociedade baseada na riqueza e no poder; por isso, o julgamento será sobre a realização ou não de uma prática de justiça em favor da libertação dos pobres e oprimidos”. De fato, desde o início de sua missão, Jesus afirma, literal e publicamente, que os pobres e oprimidos são os destinatários principais da sua boa-nova de libertação (Lc 4,18) e que a pobreza de espírito e a busca da justiça são caminhos largos na direção da bem-aventurança (Mt 5,1-12). Jesus falava do Reino de Deus – e o tornava presente – como um elemento central de sua existência histórica, identificando-o, de modo especial, entre outros valores similares, com a partilha (Lc 9,10-17). Seria tarefa inglória, portanto, negar que essa é a prática central da fé cristã e a condição para participar da vida do Reino, tanto que o mesmo Jesus apontava a dificuldade – o caminho estreito – de conhecer o Reino de Deus naqueles que são apegados à riqueza (Mc 10,23).

Diante do que observamos por meio de um olhar crítico sobre a cidade, cumpre registrar que os pobres como lugar teológico constituem uma questão hermenêutica crucial de nosso tempo (SUSIN, 2007). Em face de um capitalismo que hoje recorre ao fascismo como via de sobrevivência, faz-se mais do que atual a cristologia de Jon Sobrino, ainda que recentemente – e injustamente – perseguida. Conforme nos informam as fontes originais da fé cristã, a Igreja dos pobres é a verdadeira Igreja, de modo que a evangelização, enquanto sua missão primeira, passa por uma ação refletida (*práxis*)

que se deve impulsionar a partir desse lugar teológico (SOBRINO, 1984). É o contexto da pobreza – ainda uma realidade gritante na cidade – que nos impõe, por honestidade em relação ao real, a atualidade de uma cristologia da libertação (SOBRINO, 1991) e a necessidade de agirmos para que os pobres desçam da cruz.

Antes que um desavisado imponha aos autores rótulos difamatórios como o de “comunistas” – algo muito comum atualmente, por conta, entre outros fatores, da vasta influência do neopentecostalismo no seio da própria Igreja católica –, considere-se o seguinte: o *Catecismo da Igreja Católica*, de modo similar ao que faz em relação ao comunismo, condena moralmente o capitalismo por suas práticas, as quais atentam contra a justiça social e o bem comum (n. 2423-2425); João Paulo II ensina que a Igreja adota uma atitude crítica a ambas as ideologias e que a Doutrina Social da Igreja é uma categoria que se distingue das duas (*Sollicitudo Rei Socialis*, n. 21 e 41); o *Compêndio da Doutrina Social da Igreja* assume o bem comum, a destinação universal dos bens e a opção preferencial pelos pobres como seus princípios basilares (cf. capítulo IV); Bento XVI reconhece, numa das mediações socioanalíticas usadas pela teologia da libertação – no momento do “ver” –, aquilo que ele chama de precisão pontual na descrição das realidades do seu tempo (*Spe Salvi*, n. 20).

Francisco, que bebeu das fontes da chamada teologia do povo (SCANNONE, 2016), uma das quatro vertentes da teologia da libertação latino-americana, confirma esse entendimento da Igreja sobre o capitalismo e vai além. No capítulo II da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, que muitos consideram como o “programa” de seu pontificado, o papa faz uma crítica contundente ao atual modo de produção predominante e convoca os cristãos para quatro “nãos”: “a uma economia da exclusão e da desigual-

dade social” (n. 53-54), “à nova idolatria do dinheiro” (n. 55-56), “a um dinheiro que governa em vez de servir” (n. 57-58) e “à desigualdade social que gera violência” (n. 59-60). Ao mesmo tempo, reafirma a dimensão social da evangelização, à luz do próprio Evangelho, do Reino de Deus e da Doutrina Social da Igreja (cf. capítulo V). Como afirma Jung Mo Sung (1989), é preciso nos livrarmos do capitalismo neoliberal também enquanto mito religioso de nosso tempo, o qual inclui a idolatria do capital, a inquestionabilidade do mercado, a culpa – e a morte – dos pobres etc.

Nos Encontros Mundiais dos Movimentos Populares, realizados em Roma (2014), na Bolívia (2015) e novamente em Roma (2016), o papa conclamou para uma economia que sirva aos povos e, já no primeiro deles, afirmou que solidariedade

é também lutar contra as causas estruturais da pobreza, a desigualdade, a falta de trabalho, de terra e de casa, a negação dos direitos sociais e laborais; é fazer face aos efeitos destruidores do império do dinheiro: as deslocamentos forçados, as migrações dolorosas, o tráfico de pessoas, a droga, a guerra, a violência e todas aquelas realidades que muitos de vós suportam e que todos estamos chamados a transformar; a solidariedade, entendida no seu sentido mais profundo, é uma forma de fazer história e é isto que os movimentos populares fazem (FRANCISCO, 2014).

São os já conhecidos “três Ts” de Francisco (terra, teto e trabalho), que estranha quem o acusa de comunista por falar disso e quem não compreende que o amor aos pobres está no coração do Evangelho. Em verdade, são direitos humanos básicos, nos quais se inclui a moradia. Terra é de quem plantar, morar e trabalhar, e não de quem diz que é sua. E àqueles que seguem a Jesus



“O MODELO DE  
DESENVOLVIMENTO  
BRASILEIRO SEMPRE  
ASSOCIOU UM GRAU  
DE CRESCIMENTO  
ECONÔMICO A UMA  
DESIGUALDADE EXTREMA”

Cristo no discipulado missionário impõe-se a rebeldia amorosa da fé (FREIRE, 1997), a qual se expressa autenticamente na luta pela terra enquanto dom da criação cujo cuidado o próprio Deus confiou a toda a comunidade humana. Em outras palavras – e completando uma perspectiva também trinitária –, apreciar retamente todas as coisas, segundo o Espírito Santo, no contexto da cidade, pede de nós essa luta pela garantia da moradia do próprio Mestre, Jesus, o Cristo.

Na encíclica *Laudato Si'*, Francisco se apoia no princípio fundamental de que tudo está interligado (ecologia integral) e propõe uma economia igualmente integral, o que requer um esforço mais enérgico de prestar atenção na economia real (n. 189) e, por conseguinte, nos problemas reais da cidade. Diz o papa que essa abordagem integral pressupõe a necessária inclusão da justiça nos debates e nas práticas afins, para que se ouçam os clamores tanto da terra como dos pobres (n. 49). É nessa direção, portanto, de forma processual, que devem caminhar os que desejam participar da Economia de Francisco, sendo fiéis ao chamado feito pelo sucessor de Pedro: “promover juntos, através de um ‘pacto’ comum, um processo de mudança global que veja, em comunhão de intenções [...], todas as pessoas de boa vontade, [...] unidas por um ideal de fraternidade atento, acima de tudo, aos pobres e aos excluídos” (FRANCISCO, 2019).

### 3. AGIR: UM OLHAR CONSTRUTIVO SOBRE A CIDADE

*“E fez o Criador a natureza, fez os campos e florestas, fez os bichos, fez o mar. Fez, por fim, então, a rebeldia que nos dá a garantia, que nos leva a lutar pela terra...”*  
(Pedro Munhoz, em Canção da terra)

Ir à região periférica de uma cidade é dirigir-se como ao fundão e, neste, ao amontoado de gente prejudicada pela atual economia capitalista neoliberal, que promove tanto a precarização do trabalho como a despossessão da terra e do poder político. Neste cenário, pergunta-se: quais são as possibilidades reais de romper essa lógica? O papa Francisco traz uma provocação fundamental a esse debate: a cultura do encontro. É assim que faz em seu pontificado, e é como provoca a humanidade: encontrar as possibilidades já existentes – mas ainda não percebidas – e notar os caminhos convergentes que, apesar de latentes, foram descartados.

Realmar a economia é reivindicar a centralidade da vida, e esta percorre o chão das cidades – desde a juventude que questiona as lógicas autoritárias até as comunidades que se reúnem e rezam a partilha do pão mesmo numa sociedade que produz a lógica individualizante. É lançar uma semente que cresce como planta e ocupa espaço pela resistência.

No Brasil, houve uma convergência entre ativistas das economias, intelectuais decoloniais e movimentos do campo e da cidade para pensarem juntos novas “arquiteturas” para a sociedade brasileira, especialmente em face do *apartheid* urbano. Nesse contexto, surgiu a *Carta de Francisco e Clara*, apresentando Clara de Assis como uma figura a reivindicar que as novas economias se irromperão no tecido da cidade se as mulheres compuserem o tear das novas narrativas:

Economias no plural. Economias solidárias e populares, criativas e colaborativas. A economia circular e ecológica. As economias da dádiva, a festa comunitária, a comunhão. A economia feminista, das mulheres. As economias camponesas e tradicionais. A economia da cultura. O mundo do trabalho, enfim. As economias vivas. Do coletivo, do comum (ABEFC, 2020).

Portanto, a Economia de Francisco e Clara – nome adaptado, atribuído pela articulação brasileira ao evento citado – retoma conexões, ora dispersas, ora enfraquecidas, que, durante décadas e por força de saberes milenares, potencializam a capacidade do povo de retomar a economia a partir do seu lugar. As cidades possuem um saber coletivo fundamental em períodos de deterioração da vida neste estágio do capitalismo neoliberal: o mutirão. São saberes partilhados, construções coletivas e organização para reflexão e ação.

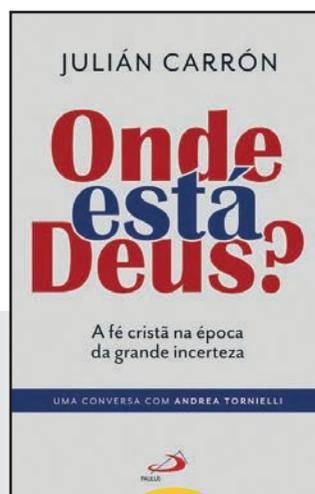
Cabe realmar a economia por meio da organização de um movimento social que reúne práticas e se assenta em territórios e comunidades. É assim que os bancos de desenvolvimento territorial (bancos comunitários) e a economia solidária, por exemplo, questionam o lucro e a ganância dos bancos e desenham uma dissociação da economia dos mercados. Também a agroecologia e as ecovilas assim o fazem, ao trazerem uma relação de produção alimentar verdadeiramente sustentável e apontarem, sobretudo, para a soberania alimentar mediante o paradigma da economia da suficiência.

Essas ações criam movimentos que superam o modelo de “des-envolvimento”, rompendo a lógica extrativista e produtivista e investindo em recursos produtivos locais, com o centramento dos padrões de consumo em nossas pequenas vilas e bairros. Assim, a espiritualidade de Francisco de Assis, que testemunha que “simplicissimamente nós

## Onde está Deus?

A fé cristã na época da grande incerteza

Julián Carrón



200 págs.

**CONFIRA  
VERSÃO  
E-BOOK**

Imagens meramente ilustrativas.

A obra traz uma entrevista do vaticanista Andrea Tornielli, jornalista do periódico *La Stampa*, com o sacerdote Julián Carrón, presidente da Fraternidade de Comunhão e Libertação (CL). A obra gira em torno de um tema principal: ainda é possível encontrar Deus na “sociedade líquida” em que estamos mergulhados? Além disso, reflete sobre a secularização e a descristianização, o relativismo, o possível fim da civilização cristã e a figura dos papas.

Vendas: (11) 3789-4000  
08000-164011

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)

viveremos daqui para a frente”, remete a um exercício autogestionário local de romper a lógica de uma educação para consumir, competir e acumular, de modo que um bairro inteiro desenhe seu bem viver.

Sintonizadas com essas práticas territoriais, novas vozes e reflexões vão preparando o caminho para o encontro em Assis com o papa. O encontro não se inicia nem se encerra em Assis, mas lá encontra sua mística e pedagogia. As vilas serão espaços onde jovens do mundo inteiro se encontrarão e partilharão. A contribuição latino-americana para o encontro em Assis sustenta-se em três eixos, a saber: as redes de solidariedade popular que a América Latina forjou em suas resistências a partir do campo e da cidade; a filosofia do bem viver, que traz o frescor de pensamentos alicerçados na vida dos povos marginalizados da cidade e do campo; os saberes nascidos deste lugar de práxis, como a teologia da libertação e a pedagogia do oprimido.

A trama das vilas será permeada pelas seguintes ideias-forças e respectivos focos: a) *Gestão e presente*: abordagens para a gestão sustentável; b) *Finanças e humanidades*: centrada nos desafios do capitalismo financeirizado por meio de novas formas de partilha e do compromisso em remanejar as grandes fortunas globais para a superação das misérias; c) *Trabalho e cuidado*: pensar o trabalho na era da revolução 4.0, com incidência da visão da “ecologia integral” (*Laudato Si'*, n. 156), a qual almeja a superação da lógica de competição e acumulação e remete ao equilíbrio da vida e do trabalho, longe de toda cadeia de exploração e escravidão em que vive boa parte das pessoas no mundo; d) *Energia e pobreza*: realmar a economia com novo sistema energético, que vise às capacidades locais de geração de riqueza, afastando-se dos monopólios corporativos; e) *Agricultura e justiça*: somente com a reforma agrária se consolida um rompimento com a cadeia

produtiva global e se mira concretamente a soberania alimentar; f) *Negócios e paz*: costurando possibilidades de responsabilização das grandes corporações nos conflitos regionais em torno do planeta e de sua superação pela lógica de economias que mirem os negócios na perspectiva da cultura colaborativa não extrativista; g) *Mulheres para a economia*: só ocorrerá uma transição quando as vozes silenciadas, sobretudo das mulheres, forem envolvidas no novo processo econômico; h) *CO2 da desigualdade*: superar o desequilíbrio da visão única de progresso sustentada no desmatamento e na destruição de territórios e pessoas; i) *Lucro e vocação*: entendendo a necessidade de superação dessa lógica atual do capital acima do trabalho, focando no desenvolvimento da superação do sujeito empresarial (DARDOT; LAVAL, 2016) e revisitando toda a sua cadeia subjetiva para formar seres humanos a caminho da liberdade; j) *Negócios em transição*: uma relação que privilegie as potencialidades e descobertas humanas e faça irromper, no lugar da competição e da acumulação, a cooperação e o compartilhamento; k) *Vida e estilo de vida*: compreendendo o desafio de uma nova cultura diante do esmagamento do consumismo e da cultura do bem-estar, que cria uma lógica de ganância e se afasta da economia para o suficiente; l) *Políticas para a felicidade*: propondo nova “arquitetura” das relações humanas, na qual a felicidade esteja acima da moral do capital, e fazendo emergir necessidades e desejos voltados para comunidades e cidades inteligentes.

A Economia de Francisco e Clara é filha da reivindicação presente nas ruas da cidade, as quais não se calam diante do genocídio de um povo por meio da economia da morte, mas ateam o fogo da esperança em corações e gestos capazes de dizer e realizar o novo, pois o ato de dizer possui a capacidade de encarnar, como Cristo o fez (Jo 1,14), resgatando a humanidade para a vida. **vp**

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABEFC. Carta de Clara e Francisco: direto do Brasil para o encontro mundial em Assis. *IHU On-Line*, 30 nov. 2019. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/594766-carta-de-clara-e-francisco-direto-do-brasil-para-o-encontro-mundial-em-assis>>. Acesso em: 19 ago. 2020.
- CARDOSO, A. L. Avanços e desafios na experiência brasileira da urbanização de favelas. *Cadernos Metrópole*, São Paulo, v. 17, p. 219-240, 2007.
- DARDOT, P.; LAVAL, C. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DOWBOR, Ladislau. *A era do capital improdutivo*. São Paulo: Autonomia Literária, 2017.
- FREIRE, Paulo. *À sombra desta mangueira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- KOWARICK, L. *A espoliação urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- MARICATO, E. T. M. Autoconstrução, a arquitetura possível. In: REUNIÃO DA SBPC, 28., 1976, Brasília. *Anais...* Brasília, 1976.
- \_\_\_\_\_. As ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias. In: ARANTES, O.; VAINER, C.; MARICATO, E. *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Brasil, cidades: alternativas para a crise urbana*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MO SUNG, J. *A idolatria do capital e a morte dos pobres*. São Paulo: Paulus, 1989.
- OLIVEIRA, F. A. Economia brasileira: crítica à razão dualista. *Estudos Cebrap*, São Paulo, n. 2, 1972.
- PAPA FRANCISCO. *Carta do papa Francisco para o evento Economy of Francesco*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2019.
- \_\_\_\_\_. *Discurso do papa Francisco aos participantes no Encontro Mundial dos Movimentos Populares*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2014.
- SANTO AMORE, C.; LEITÃO, K. Favela de nome, cidade de fato. In: FERREIRA, L.; OLIVEIRA, P.; IACOVINI, V. *Dimensões do intervir em favelas: desafios e perspectivas*. São Paulo: Peabiru TCA/Coletivo LabLaje, 2019.
- SANTOS, M. *Por uma economia política da cidade: o caso de São Paulo*. São Paulo: Edusp, 2012.
- SCANNONE, J. C. Pope Francis and the theology of the people. *Theological Studies*, v. 77, n. 1, p. 118-135, 2016.
- SOBRINO, J. *Jesucristo liberador: lectura histórico-teológica de Jesús de Nazaret*. Madrid: Trotta, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Resurrección de la verdadera Iglesia: los pobres, lugar teológico de la eclesiología*. Santander: Sal Terrae, 1984.
- SUSIN, L. C. Os pobres como lugar teológico: uma questão hermenêutica crucial de nosso tempo. In: CONGRESSO NACIONAL DA SOCIEDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO, 2007, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte, 2007.
- TASCHNER, S. P. Favelas no município de São Paulo. In: BLAY, E. (Org.). *A luta pelo espaço*. Petrópolis: Vozes, 1978.

# Diálogo profético: desafio da Campanha da Fraternidade Ecumênica de 2021

\*D. Joel Portella Amado, doutor em teologia pela PUC-Rio,  
é bispo auxiliar do Rio de Janeiro e secretário geral da CNBB.  
E-mail: joel@arquiocese.org.br

## INTRODUÇÃO

Com o tema “Fraternidade e diálogo”, a Campanha da Fraternidade de 2021 se insere no que, a partir dos desafios brotados da pandemia, se tem convenionado chamar de “novo futuro”. Discernido antes dos impactos causados pelo coronavírus, o tema “diálogo” tem mostrado importância cada vez maior, na medida em que indica o caminho para a superação de um conjunto de crises que envolvem o Brasil e o mundo. Trata-se de campanha planejada e realizada ecumenicamente, sob a coordenação do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (Conic). Esta é a quinta vez que a CF é assim realizada. Em direta continuidade com as campanhas mais recentes, o tema da CFE-2021 chama a atenção para um aspecto de vital importância para nossos dias, uma atitude que deve recuperar os primeiros lugares nas listas de preocupações. Com o risco de ser mal compreendido, o diálogo, ao revelar o mais profundo do ser humano, pede espaço

para ser objeto de reflexão e oração, gerando, em consequência, práticas e estruturas que se alimentam do diálogo e o sustentam.

## 1. EM LINHA DE CONTINUIDADE

Com quase seis décadas de existência, a CF é um convite à conversão por meio de uma pedagogia que já se consolidou. Mostra uma situação específica e, a partir dela, questionando causas e efeitos, ajuda a chegar à raiz mais profunda, que é o pecado. É por isso que a CF tem abordado temas à primeira vista tão diferentes, como participação paroquial (1970), temas ecológicos (1979, 2004 e 2017), família (1994), segurança pública (2009) e juventude (1992). São abordagens escolhidas com base em situações que marcam a vida do povo brasileiro. Algumas, é verdade, acabam adquirindo abrangência maior. Outras, embora deem a impressão de regionalidade, visam interpelar o conjunto da sociedade brasileira.

O tema “diálogo” se encontra em linha direta de continuidade com a CF anterior.



Em 2020, a reflexão proposta nos convidou a encontrar caminhos para superar a lógica da indiferença e construir relações pessoais e sociais baseadas no cuidado, expressando o fato de que, queiramos ou não, somos estruturalmente corresponsáveis uns pelos outros. Quando, por exemplo, em 2014, a CF nos apresentava o tema do tráfico humano, éramos indagados a respeito de um mundo que, de tanto desconsiderar o ser humano, acaba por transformá-lo em mercadoria, num sistema de hedionda escravidão. Por isso, em 2015, diante do risco de não percebermos a responsabilidade humanitária inerente à fé, refletimos sobre o compromisso socio-transformador, o qual diz respeito às pessoas (2018) e, numa visão integrada, ao meio ambiente (2016 e 2017). Não há, pois, como desconsiderar a continuidade entre os temas, de modo que o tema de uma CF se torna mais acessível quando recordamos os temas anteriores, especialmente os mais próximos.

## 2. CUIDAR IMPLICA DIALOGAR

Foi, portanto, nessa linha de continuidade que a CF-2020 apresentou o tema do cui-

dado. Com inspiração em Santa Dulce dos Pobres, então recentemente canonizada, e tendo como base a ecologia integral, apresentada pelo papa Francisco na *Laudato Si'*, aquela campanha pode ter deixado a impressão de que não estava abordando um tema específico, um desafio concreto, como, em outros temas, era fácil de perceber. É possível entender mais facilmente a concretude, por exemplo, do tema “juventude” (1992 e 2013) do que dos temas “cuidado” e “diálogo”, que podem dar a impressão de serem abstratos, desconectados da vida.

Por isso, é tão importante não esquecer a conexão entre os temas. Em cada um deles, o cuidado se faz presente, enquanto autêntico empenho para que a vida, em todas as suas instâncias, seja preservada. Cuidar, vimos na CF-2020, implica reconhecer a existência do outro, da outra, de todos os outros e da casa comum. Significa voltar-se para esse outro com reverência e acolhida, olhando-lhe as vulnerabilidades e ajudando a emergir, do meio de situações tristes e degradantes, a dignidade que lhe é inerente, ainda que agredida, desrespeitada.

**“O TEMA ‘DIÁLOGO’ TEM MOSTRADO IMPORTÂNCIA CADA VEZ MAIOR, NA MEDIDA EM QUE INDICA O CAMINHO PARA A SUPERAÇÃO DE UM CONJUNTO DE CRISES QUE ENVOLVEM O BRASIL E O MUNDO”**

Cuidar não se restringe, bem sabemos, à dimensão material. Embora indispensável, essa dimensão não é a única. Cuida-se, por exemplo, do faminto dando-lhe o alimento para sanar de imediato sua fome, ajudando-o a conseguir, por seu próprio esforço, sustento para si e seus familiares e não deixando morrer a indagação pelos motivos da fome. No entanto, cuidar implica também doar o ouvido, o coração e a mente para realizar uma das atitudes mais humanas e indispensáveis em todos os tempos, principalmente em períodos históricos como o atual: a escuta, o mergulho no horizonte existencial da outra pessoa, buscando compreender o modo como ela sente a vida, avalia o mundo, percebe a realidade. Desse encontro profundamente interpessoal, emergem perspectivas novas, purificadas de preconceitos, de miopias socioculturais, que só permitem enxergar o que está no restrito círculo da vida que se leva. O pecado destrói a vida, e cuidar da vida implica voltar-se a ela, permitindo-lhe recuperar não apenas sua dimensão material, mas também toda a abrangência do que significa dignidade humana.

### **3. DIÁLOGO É MAIS QUE CONVERSA**

Dialogar não é apenas estabelecer conversa. Esta pode ser uma atividade desenvolvida por duas pessoas sem que, todavia, ocorra o efetivo abrir-se à alteridade, ou seja, ao outro e à outra como diferentes de mim. O diálogo se inicia, sem dúvida, pelo ato de conversar, pois, se nem ao menos nos dirigimos às outras pessoas, se não as escutamos nem compartilhamos com

elas um pouco do que pensamos e sentimos, não daremos o passo para o verdadeiro diálogo. Conversamos sobre coisas. Dialogamos sobre nós e sobre o sentido da vida. Conversamos, por exemplo, sobre as contas a pagar, rumos de uma série televisiva ou o sistema de transportes que não atende às necessidades. Dialogamos, porém, sobre sonhos, esperanças, compreensões, expectativas, frustrações, tristezas e alegrias. Conversa pode ser o instrumento. Diálogo, porém, é a finalidade. Partimos do mais imediato para chegar ao mais importante.

Consequentemente, diálogo não é convencimento. Não é uma espécie de jogo de xadrez em que, a todo instante, procuramos pôr a outra pessoa em xeque para garantir nossos pontos de vista. Diálogo não é técnica de venda ou interrogatório. Diálogo é descoberta, é percepção do que vai no mais profundo de cada criatura. É identificar, ainda que aos poucos, o que torna cada pessoa tão original, tão diferenciada no conjunto de toda a criação. É, de algum modo, estabelecer um grau de conexão que permita sentir o que a outra pessoa sente, compreender o modo como ela percebe a vida. Não se trata, por certo, de anulação de uma das partes do diálogo, pois este implica sempre a existência, no mínimo, de dois diferentes, de dois que não se anulam nem perdem suas identidades ao se colocarem reverencialmente um diante do outro. Diálogo é compartilhamento das identidades, das crenças, das convicções. É porque as tenho que não temo compartilhá-las; e, quanto mais compartilho, mais me firmo, deixando-me purificar, transformar, converter, sem me anular.

Por isso é tão difícil conviver com pessoas ou grupos que não sabem dialogar. Na insegurança de suas identidades, acabam se fechando em fanatismos ou fundamentalismos, exigindo que a vida seja encapsulada, sem as diferenças presentes em qualquer um de nós. Prevenir-se contra essa atitude certamente não significa cair no relativismo, próprio das perdas de identidade, pois convicção não exige fechamento em si, mas, ao contrário, implica

abertura madura para o diálogo, sem temer a exposição de pensamentos e sentimentos, sabendo que as convicções, ao serem compartilhadas, se voltam para nós mais solidificadas, se bem que não poucas vezes transformadas, purificadas. Assim como acontece com o corpo humano, que, ao se exercitar, se fortalece, a postura dialogal sai fortalecida ao apresentar ao outro e à outra, bem como ao acolher o que o outro e a outra apresentam.

#### 4. JESUS DIALOGAVA

Se queremos nos compreender, devemos contemplar Jesus Cristo. Se desejamos assimilar o que o diálogo significa, precisamos nos voltar para Jesus Cristo e, alicerçados no pilar da Palavra de Deus (DGAE 88-92 e 144-159), perceber, se assim podemos dizer, o diálogo feito carne. Para isso, a CFE-2021 propõe como primeiro texto o relato dos discípulos de Emaús (Lc 21,13-35). Ali, temos um exemplo importante do que seja a atitude de diálogo. Jesus toma a iniciativa de ir ao encontro dos dois discípulos onde e como estão. O mergulho na conversa (Lc 21,17) é o caminho para iniciar o que mais amplamente podemos chamar de diálogo. O tempo gasto com os dois é condição para passar da informação para a transformação dos discípulos. Se fosse apenas uma informação, bastaria a Jesus dizer: “Eu ressuscitei. Estou aqui. Parem com isso”. No entanto, pacientemente Jesus estabelece ponte com a desolação dos discípulos. Aceita o convite para entrar na casa, conviver mais, dialogar mais, e, ao partir do pão, o diálogo se plenifica e os dois reconhecem o Senhor. Como, porém, a dinâmica dialogal é contínua, os discípulos saem ao encontro dos outros para com eles dialogar e ajudá-los a confirmar a novidade da ressurreição.

Esse relato de Emaús nos remete a muitos outros, nos quais contemplamos Jesus em diálogo. Os mais fáceis de compreender são aqueles em que, à semelhança de Emaús, uma conversa é estabelecida. É o caso do conhecido encontro com a mulher da Samaria (Jo

4,1-42) ou os diversos relatos de curas. Jesus sempre dialoga, escuta e recomenda, acolhe e transforma. É, por exemplo, o que encontramos na cura do cego de Betsaida (Mc 8,22-26). Como manifestações do Reino de Deus, as curas, que até poderiam ser feitas com maior rapidez e economia de tempo, envolvem uma experiência mais ampla, a do diálogo, atitude expressa na pergunta: “Que queres?”, mesmo que o contexto já deixe claro o que é solicitado (Mc 10,51) e até quando são pedidos inatendíveis (Mc 10,35-45).

O diálogo de Jesus com os discípulos e com as multidões revela algo mais profundo ainda: o diálogo com o Pai, na força do Espírito. Conhecemos bem o que significa a relação entre a Trindade imanente e a Trindade econômica. O que Jesus manifesta, ainda que feitas todas as ressalvas em relação ao mistério de Deus, é aquilo mesmo que é a Trindade em si: Deus do diálogo. Podemos, pois, compreender analogicamente o divino e contínuo amor circulante como diálogo entre as três divinas Pessoas. Com base nisso, é possível compreender que, tendo sido criados à imagem e semelhança do Deus-diálogo, somos estruturalmente abertos ao diálogo e, se assim não ocorre, o motivo é o pecado ter tomado conta de nós e da realidade ao nosso redor.

#### 5. DIÁLOGO E PROFETISMO

A CF sempre insistiu na dimensão profética da vivência da fé. O profeta, no dizer simples, é alguém que, tendo acolhido a Palavra de Deus, percebe o descompasso entre ela e a realidade e passa, então, a alertar o povo, ainda que arcando com um preço muito alto (Lc 13,34). Em suas atitudes e falas, o profeta faz a história avançar, purifica-a dos fechamentos e das idolatrias, leva pessoas e povos a mudar de atitude (Jn 3,1-10). Nessa relação entre Palavra de Deus e conversão, podemos identificar a ação profética.

Na medida em que nosso tempo se caracteriza por forte polarização – com fanatismos



**“SE DESEJAMOS ASSIMILAR O QUE O DIÁLOGO SIGNIFICA, PRECISAMOS NOS VOLTAR PARA JESUS CRISTO E, ALICERÇADOS NO PILAR DA PALAVRA DE DEUS PERCEBER, SE ASSIM PODEMOS DIZER, O DIÁLOGO FEITO CARNE”**

e fundamentalismos que, de acordo com a imagem muito utilizada pelo papa Francisco, são muros –, dialogar significa construir pontes, conexões entre perspectivas diversas, algumas vezes diametrais. Vivemos um tempo de pluralidade, com incontáveis visões e compreensões, num contínuo movimento que compõe mosaicos culturais variados. Se, por um lado, essa realidade carrega em si uma riqueza humana e social não experimentada antes pela humanidade, por outro, ela é igualmente capaz de gerar atitudes de autoproteção. Nestes casos, pessoas e grupos se agarram às suas concepções de um modo reativo, até mesmo bélico e, conseqüentemente, não dialogal. O diferente, o outro e a outra, que, na verdade, são irmãos e irmãs, passam a ser vistos como inimigos a combater, ainda que o resultado possa ser a morte. Nesse sentido, a ausência de diálogo é uma ameaça à vida; por conseguinte, chamar ao diálogo, possibilitar escuta mútua, auxiliar na apresentação de compreensões, tudo isso, uma vez que interpela a postura polarizada atual, pode ser considerado um jeito de ser profeta.

É possível que, durante a CFE-2021, surjam perguntas a respeito das diversas situações de morte e sua relação com o diálogo. As vítimas de chacinas e guerras, os refugiados, os agredidos pelo racismo, os que estão ingressando em situação crônica de fome, esses e outros exemplos podem levar à impressão de que o tema “diálogo” está em descompasso com a realidade, na medida em que é um tema de natureza mais pessoal, interior, intimista. No entanto, é exatamente para corrigir tal tipo de compreensão equivocada que a CFE-2021 nos propõe esse tema. Não se trata de negar que o diálogo, assim como todos os demais temas,

possui uma dimensão pessoal. Esta, contudo, se encontra em direta articulação com as demais dimensões da vida, entre as quais a socioambiental. Enquadrar a questão das inúmeras formas de sofrimento na ótica do diálogo significa indagar quais são os valores últimos a reger nossas opções e atitudes. Significa, portanto, radicalizar a questão, olhar o problema em sua raiz, como aconteceu na CF-2020 com o tema do cuidado. As incontáveis agressões à vida estão, de algum modo, ligadas pela indiferença, lembrava-nos a CF-2020. O caminho para o enfrentamento passa necessariamente por uma postura que podemos chamar de diálogo. Talvez algum outro nome poderia ser usado. O importante, porém, é a atitude de nos debruçarmos contemplativamente sobre pessoas e grupos, especialmente sobre os que, na pluralidade do mundo atual, assumem perspectivas distintas das nossas. Em lugar de indiferença e armas, convívio e escuta. Em lugar de autosuficiência e polarização, diálogo.

## **6. ATITUDES EM FAVOR DO DIÁLOGO**

Surge, desse modo, a pergunta pelo agir na CFE-2021. Anualmente, a CF apresenta inúmeras propostas, em geral sistematizadas nos níveis pessoal, comunitário e social. Nos últimos anos, em razão da crescente consciência ambiental, também a questão ecológica tem sido irreversivelmente considerada. Importa não separar os três âmbitos da ação, acrescentando ainda o âmbito especificamente religioso.

Em nível pessoal, o primeiro passo é o testemunho. Não há como avançar diretamente para os outros âmbitos sem que exista a conversão pessoal de perspectiva. Como pensar em diálogo no âmbito socioambiental se a estrutura pessoal se conserva fechada em si

mesma, belicosa e reigente? Como falar em favor dos vulneráveis se não os escutamos, se não nos debruçamos para dialogar com eles, escutar suas dores e propostas de superação? Precisamos reconhecer que todos nós corremos o risco do fechamento em torno de nossas perspectivas. Por isso, a CFE-2021 nos pede, conseqüentemente, para sermos pessoas de diálogo, não apenas de conversa, mas de escuta e de apresentação – na verdade e na caridade – das razões de nossa esperança.

Em nível comunitário, ou seja, no âmbito das instituições, também as religiosas, é importante gerar experiências de convívio, escuta e partilha. Num contexto sociocultural em que predominam o individualismo e a indiferença, ser escutado e escutar possui grande força transformadora. É por isso que serviços de apoio à solidão, à adicção e a angústias são indispensáveis no enfrentamento de situações que podem levar, como mecanismos de defesa, ao fanatismo, à agressividade e a atitudes de extermínio de si ou de outrem. Fica, desse modo, fácil compreender a importância das rodas de conversa e outras formas de partilha da vida, tanto no âmbito pessoal quanto nos demais âmbitos da existência.

No caso das instituições religiosas, mais especificamente das comunidades católicas, adquire relevância a prioridade das atuais Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil – as *comunidades eclesiais missionárias*. Pequenas no número de pessoas e construídas com base nos vínculos entre os membros, trazem em si a vocação de serem verdadeiras escolas de cuidado e diálogo, onde os problemas pessoais e socioambientais são abordados na confiança e à luz da Palavra de Deus. O convívio-diálogo, apesar das dificuldades inerentes a cada grupo, é a base a partir da qual a Palavra se faz vida e a vida se deixa iluminar pela Palavra.

Ainda no âmbito religioso, um campo fértil e desafiador para o exercício do diálogo encontra-se no ecumenismo e no diálogo

## Sermões de São João Maria Vianney, o Cura D’Ars

Sermões do Primeiro Domingo do Advento à Sexta-feira Santa – Vol. I

João Batista Maria Vianney



424 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

A íntegra dos sermões escritos por São João Maria Vianney. Trata-se da primeira tradução completa desses textos para o português brasileiro. Conhecido pelas horas ininterruptas de dedicação às multidões que o procuravam, o Cura D’Ars deixou, nesses textos, um tesouro espiritual, histórico e cultural. São abordados diversos temas, como: o juízo final, as verdades eternas, o mistério da encarnação, o matrimônio, as tentações e tantos outros.

Vendas: (11) 3789-4000  
08000-164011

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)

inter-religioso. Em nossos dias, muitos têm sido os motivos de ruptura, em virtude das polarizações. Também as religiões estão envolvidas nesse triste processo. No caso das religiões cristãs, isso se torna ainda mais grave, na medida em que faz parte do ser cristão a fraterna busca da unidade. São compreensões e experiências diferentes em torno da mesma Boa-nova. Não são, porém, opostas nem concorrentes, e – por mais desafios que possam surgir –, sem o testemunho da unidade, todo o restante corre o risco de não ser assimilado. Diante de conflitos de natureza religiosa, algumas vezes dentro da própria família, o diálogo se mostra um caminho por excelência para a superação dos conflitos.

No âmbito social, inúmeras ações podem ser levadas a efeito. Num primeiro grupo, encontram-se as ações que indicam o pecado e chamam à conversão (Ez 16,2). É preciso mostrar as sequelas trazidas pela indiferença, pelo egoísmo, pelo desprezo à vida, pela financeirização das escolhas, pela corrupção e por tudo mais que gera morte. Não podemos delegar essa responsabilidade às pedras (Lc 19,40). Em segundo lugar, é necessário participar dos diversos grupos que ajudam a consolidar a democracia, entre os quais os conselhos de políticas públicas, também conhecidos como conselhos paritários ou outros nomes. É preciso também assumir a dimensão política, para que seja sanado o estigma de que, sendo político, é necessariamente sujo.

Em termos especificamente ambientais, o diálogo exige que dediquemos “algum tempo para recuperar a harmonia serena com a criação, refletir sobre nosso estilo de vida e nossos ideais, contemplar o Criador, que vive entre nós e naquilo que nos rodeia e cuja presença não precisa ser criada, mas descoberta, desvendada” (LS 225).

Em meio a todos esses âmbitos, adquire força o âmbito educacional. É preciso educar para o diálogo. É necessário discernir os rumos da educação em nosso país. Trata-se,

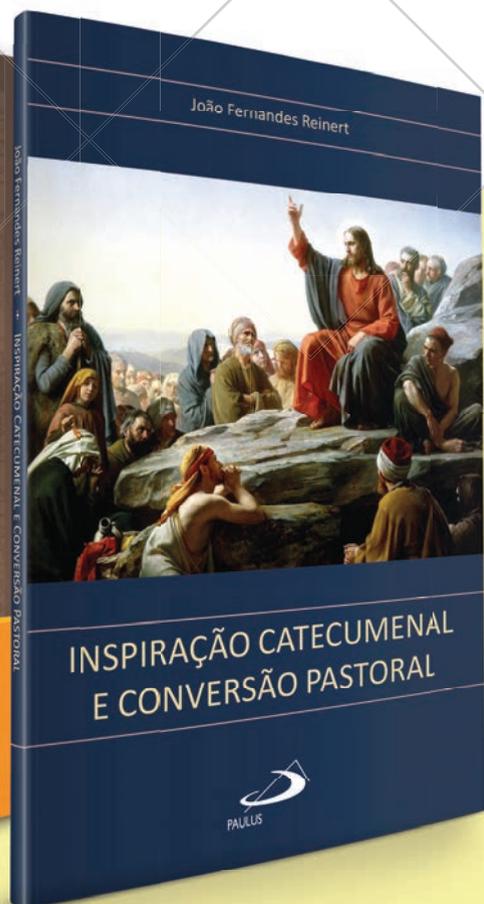
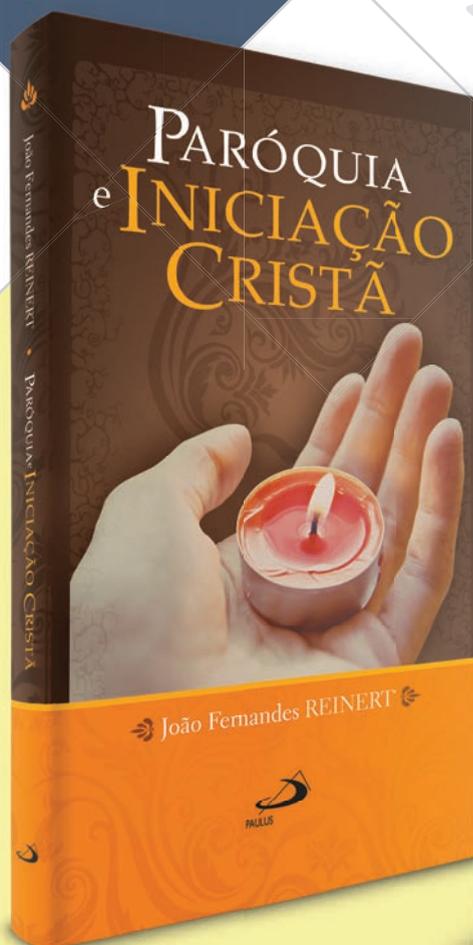
por certo, de tarefa longa e detalhada, que, por isso, em muito ultrapassa esta apresentação da CFE-2021. Seu ponto de partida, entretanto, deve ser a opção por um processo educador que tenha no diálogo seu ponto de partida: educar para dialogar.

## 7. UMA CAMPANHA QUE NÃO TERMINA

Em sua longa trajetória, a CF sempre insiste que o tempo mais intenso de oração e conscientização é a Quaresma. Isso, entretanto, não significa que os desafios apresentados cheguem à Páscoa integralmente vencidos. Ao contrário, o tempo mais intenso da CF cumpre, na maioria das vezes, a função primeira, a da conscientização. Uma vez que tratam de situações crônicas na realidade brasileira, os temas exigem continuidade, num processo que pode levar longo tempo. O importante, porém, é que sejam dados os primeiros passos, sem os quais pessoas e situações não se transformam. A pandemia trazida pelo coronavírus pôs às claras não apenas os aspectos sanitários. Ela realçou inúmeras chagas da realidade brasileira, fazendo nascer o desejo pelo que se tem convencionado chamar de *novo futuro*.

Olhando, porém, a gravidade do que se vivenciou ao longo de 2020, com a multipandemia, é indispensável dizer que essa não é apenas uma questão de futuro, mas do tempo presente, a partir do qual se constrói o futuro. Não se trata de um futuro a esperar, mas de um futuro a construir. Indesejável e injustificável em todos os sentidos, a pandemia acabou possibilitando experiências de convívio que já não podem ser desconsideradas. Relativizou o consumismo, mostrando que os bens não substituem as pessoas, num mundo criado pelo e para o amor, o cuidado, o diálogo. Por isso, a última – porém não menos importante – atitude a ser mencionada para o agir da CFE-2021 há de ser a valorização do que temos conseguido em meio a tantas tristezas oriundas da multipandemia que veio a nos assolar. **vp**

# catequese de qualidade para introdução e aprofundamento na fé



# Primeira eucaristia e crisma

Essa coleção é fruto da reflexão suscitada pelo Concílio Vaticano II e pelo documento Catequese Renovada, da CNBB, que é um marco na caminhada catequética no Brasil. A partir dele, a formação na fé supera o modelo de memorização da doutrina, transforma os seus métodos e passa a relacionar a fé com a vida.

coleção fé - vida - comunidade



# Perseverança

Os adolescentes passam por grandes questionamentos e dúvidas em relação a tudo, incluindo os valores da família, da sociedade, da Igreja e da fé. A atenção da Igreja a essa etapa da vida, estimulando a participação dos jovens em algum grupo religioso é essencial para que a experiência catequética anterior não seja minada ou deixada para trás.



coleção rotas de navegação

# catequese com adultos

Frente às dificuldades enfrentadas pelas metodologias tradicionais de catequese, a Província Eclesiástica de Pouso Alegre/MG, em parceria com a PAULUS, reuniu nessa coleção caminhos e respostas de orientação catecumenal. Nela, o catequista encontrará diretrizes para uma prática catequética efetiva, que gere um vínculo real com Cristo.



coleção viver em cristo

# Pedro Casaldáliga:

## o mártir que não conseguiram matar



\*Marcelo Barros é monge beneditino, biblista e escritor. Assessora, em todo o Brasil, as comunidades eclesiais de base e movimentos sociais como o MST. Tem 57 livros publicados no Brasil e alguns outros no exterior. Seu livro mais recente é *Teologias da libertação para os nossos dias*, Ed. Vozes, 2019. Publicou pela Paulus, *Evangelho e Instituição*, e *Dom Helder Câmara – Profeta para os nossos dias*. E-mail: [irmarcelobarros@uol.com.br](mailto:irmarcelobarros@uol.com.br)

Imagem: Wikimedia Foundation/Casaldáliga-Causas.org

## “DESDE O INÍCIO DO SEU MINISTÉRIO, O BISPO PEDRO NOS REVELAVA DEUS NA ALEGRIA DAS CRIANÇAS SE BANHANDO NAS MARGENS DO ARAGUAIA”

Qualquer pessoa que teve a graça de conhecer pessoalmente Pedro Casaldáliga e pôde alguma vez escutá-lo, se tiver alguma referência de fé bíblica e evangélica, certamente compreenderá a verdade do que o mártir Ignacio Ellacuría escreveu sobre o bispo mártir Óscar Romero: “Na pessoa dele, Deus passou por El Salvador”. O padre Ellacuría sabia que Deus não somente “passa”. Está presente e atuante em nós e através de nós, ainda que essa presença seja oculta. Para ser procurado, Deus gosta de permanecer presente, mas escondido. Pessoas como Óscar Romero e Pedro Casaldáliga devem frustrar muito a Deus, porque nem o deixam se esconder. Em sua pele e em seu jeito de ser, a presença divina transparece como luz amorosa que encanta o universo e chama a humanidade a se renovar.

De fato, desde o início do seu ministério, o bispo Pedro nos revelava Deus na alegria das crianças se banhando nas margens do Araguaia. Mostrava-nos o Pai de amor cuidando dos pescadores que voltam para casa depois de uma noite em busca do alimento. Reconhecia Jesus atuante na resistência dos peões de trecho e na pele negra dos quilombolas e nordestinos em busca de trabalhos nas fazendas. Adorava os encantados, como manifestação do Espírito divino na resiliência dos povos indígenas e no protagonismo das mulheres na luta pela vida. Adorava a Deus e o testemunhava presente em qualquer lugar e tempo nos quais a vida teima em ressuscitar das cinzas do egoísmo e da ambição.

Para quem o conheceu mais de perto e teve a graça de conviver com ele, não será fácil ver o mundo sem sua presença. Afinal, desde que, como padre ainda jovem, recebeu a missão de coordenar a nova prelazia de São Félix do Araguaia (1970), ninguém o encontrou sem, de alguma forma, ficar marcado. No contato com ele, as pessoas abertas ao apelo divino da justiça e da paz receberam sempre alento e força. Aqueles que, por interesses pessoais ou por alienação da vida, não aceitaram o anúncio do Reinado divino o rejeitaram. Alguns o odiavam. Diante de sua palavra e suas posturas proféticas, era impossível ficar indiferente. Agora, cabe a todos nós, que nos sentimos seus companheiros e companheiras no discipulado e no seguimento de Jesus, resgatar a profecia de Pedro e prosseguir seu caminho. Entre os muitos elementos que podemos recolher como herança que esse profeta nos deixa, podemos destacar três, que nos parecem mais urgentes e indispensáveis para o hoje de Deus em nossa vida e missão:

### 1º) A ESPIRITUALIDADE MARTIRIAL

*“Vidas pela Vida, / vidas pelo Reino, / todas as nossas vidas / como as suas vidas, / como a vida dela, / como a vida dele, / o mártir Jesus”* (Zé Vicente).

Em todo o Brasil, esse cântico do Zé Vicente recorda Pedro Casaldáliga. Foi Pedro que, ainda nos anos 1970, já nos falava de Jesus como mártir, título que não era comum dar a Jesus. O cristianismo tradicional fala de muitos santos e santas como mártires de Cristo. Jesus é a meta e objeto do testemunho dos mártires. No entanto, o livro do Apocalipse nos apresenta Jesus como mártir, ou seja, testemunha fiel (Ap 1,5 e 3,14).

A espiritualidade da caminhada e, a partir dela, as teologias da libertação (teologias cristãs negras, indígenas, feministas e outras) têm nos ensinado a desconstruir a teologia sacrificial e a compreender a paixão e ressurreição de Jesus nessa dimensão martirial, como testemunho do projeto divino no mundo e proposta de nova vida no Espírito.

Quando, em agosto de 1999, no Recife, falecia dom Helder Câmara, a querida amiga Clelia Luro publicava na Argentina, sobre dom Helder, o livro: *El mártir que no mataron* (PODESTÁ, 2000). Agora, Pedro Casaldáliga pode ser proclamado o mártir que não conseguiram matar. E não foi por falta de tentativas e ameaças. Pedro sempre fez questão de ser um da imensa nuvem de testemunhas do Reino que são “mártires da caminhada”.

Desde os anos 1960, milhares de irmãos e irmãs, ao darem a vida pela causa da terra, da justiça e dos direitos dos pobres, ensinaram-nos a repensar a espiritualidade e a teologia decorrente do martírio. Como velho militante dessa causa, tive o privilégio de conviver com alguns desses irmãos e irmãs mártires e até de tê-los como companheiros em encontros de pastoral. No entanto, podemos dizer que, sem dúvida, junto com dom Óscar Romero e a irmã Dorothy Stang, Pedro Casaldáliga é quem, de forma explícita, mais nos ajudou a unir a espiritualidade e a teologia martirial à opção social e política de um novo mundo possível.

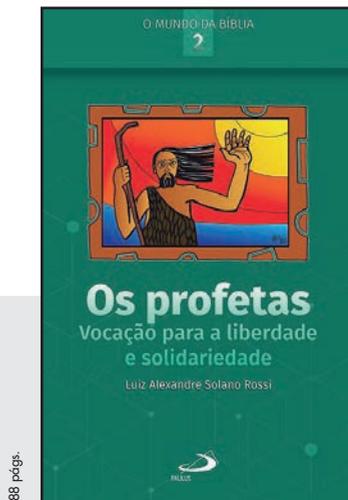
Até hoje, por toda a América Latina, ressoa a advertência feita por dom Óscar Romero, ao pregar uma homilia alguns dias antes do seu martírio:

Tenho sido frequentemente ameaçado de morte. Devo dizer-lhes que, como cristão, não creio na morte, mas sim na ressurreição. Se me matarem, ressuscitarei no povo salvadorenho. Isto lhes digo sem nenhum orgulho, mas com a maior humildade [...]. Como pastor, estou obrigado por

## Os profetas

Vocação para a liberdade e solidariedade

Luiz Alexandre Solano Rossi



88 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

A obra analisa a literatura profética do Antigo Testamento a partir de duas palavras-chave: liberdade e solidariedade. Nesse sentido, os leitores são convidados a refletir sobre a identidade dos profetas de Deus enquanto pessoas que souberam ser sensíveis à maldade e à injustiça tomando-as como um golpe mortal na existência. Diante disso, eles dão voz aos mais vulneráveis e falam de um Deus que preza pela liberdade, solidariedade e proteção de seu povo.

Vendas: (11) 3789-4000  
08000-164011

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)

lei divina a dar minha vida por aqueles que amo, que são todos os salvadorenhos, mesmo por aqueles que vão me matar. Se chegarem a cumprir as ameaças, desde já ofereço a Deus o meu sangue pela redenção e salvação de El Salvador. O martírio é uma graça que não creio merecer. Mas se Deus aceita o sacrifício de minha vida, que meu sangue seja semente de liberdade e sinal de que a esperança será em breve uma realidade [...] (ROMERO apud TOJEIRA, 2005, p. 164-165).

Pedro Casaldáliga, em 1971, já ameaçado de morte por ter denunciado os crimes do latifúndio, escrevia um de seus mais belos poemas:

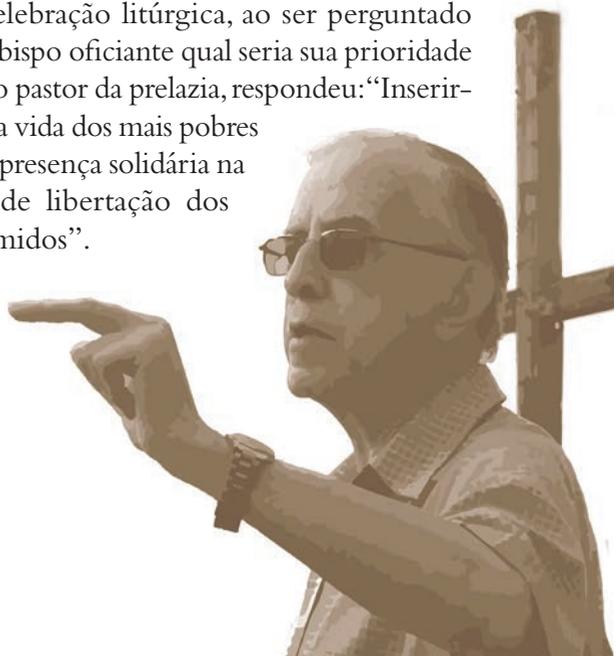
“Eu morrerei de pé como as árvores.  
Me matarão de pé.  
O sol, como testemunha maior,  
porá seu lacre  
sobre meu corpo duplamente unguído. [...] Eu direi a minhas palavras:  
– Não mentia ao gritar-vos.  
Deus dirá a meus amigos:  
– Certifico  
que viveu com vocês esperando este dia.  
De golpe, com a morte,  
minha vida se fará verdade.  
Por fim terei amado!”

Pedro conviveu continuamente com o martírio. Assumiu-o não só como ideal místico, mas como estilo de vida doada. Nos primeiros anos da década de 1980, em todo o Brasil se multiplicaram os assassinatos de irmãos e irmãs. Só para citar alguns: na Pa-

raíba, Margarida Alves; em Goiás, Nativo da Natividade; em Rondônia, o padre Ezequiel Ramin; em Eldorado de Carajás, a irmã Adelaide Molinari. Quando, em julho de 1986, as comunidades eclesiais de base se encontraram para o VI Encontro Intereclesial de CEBs em Trindade-GO, havia apenas dois meses tínhamos celebrado a páscoa do padre Josimo Tavares. Ali, o bispo Pedro assessorou as comunidades, conduzindo-as a refletir sobre o martírio e sobre nossa responsabilidade de sermos uma Igreja dos mártires. Na carta de conclusão do encontro, as comunidades escreveram: “Nós queremos nossos mártires vivos, e não mortos”. Pedro nos ajudou a descobrir que o martírio não é apenas uma forma de morrer, mas sobretudo um modo de viver. Assim se desenvolveu verdadeira espiritualidade dos mártires da caminhada. Ele gostava sempre de repetir: “Uma Igreja que não celebra seus mártires não seria Igreja do mártir Jesus”. Celebrar os mártires da caminhada é nos colocarmos, cada um de nós, também como testemunhas do Reinado divino nesse mesmo processo de luta, resistência, fé e esperança.

Foi essa espiritualidade e teologia dos/das mártires da caminhada que fez Pedro, em 1971, no mesmo dia em que foi ordenado bispo, publicar sua primeira carta pastoral: *Uma Igreja da Amazônia em conflito com o latifúndio e a marginalização social*. Naquele dia, na celebração litúrgica, ao ser perguntado pelo bispo oficiante qual seria sua prioridade como pastor da prelazia, respondeu: “Inserir-se na vida dos mais pobres e ser presença solidária na luta de libertação dos oprimidos”.

**“QUANTO MAIS MERGULHAVA  
NA SOLIDARIEDADE AOS PEQUENOS,  
MAIS INSISTIA NA FORMAÇÃO BÍBLICA  
E TEOLÓGICA PARA TODOS/AS DAS  
COMUNIDADES”**



Era este o objetivo da missão: uma Igreja toda mártir, testemunha do amor divino no serviço solidário aos pobres e no compromisso prioritário com as causas da libertação. E ninguém se engane: isso não o fazia cuidar menos da organização interna da Igreja e das tarefas de catequese e liturgia. Ao contrário, quanto mais mergulhava na solidariedade aos pequenos, mais insistia na formação bíblica e teológica para todos/as das comunidades. Já nos anos 1970, publicava as cartilhas de catequese e o livro *Orações da caminhada*. Era a espiritualidade dos mártires da caminhada que o levava a repetir, como lema de sua vida e proposta para todos nós:

“Ser o que se crê.  
Falar o que se crê.  
Crer no que se prega.  
Viver o que se proclama,  
até as últimas consequências”.

## 2º) A DIMENSÃO MACROECUMÊNICA DA FÉ

Em setembro de 1992, estávamos em Quito, Equador, na I Assembleia do Povo de Deus (APD), encontro continental de comunidades negras e indígenas que protestavam contra as celebrações triunfalistas que a Igreja católica e governos faziam dos 500 anos da conquista. Ali houve um começo de conflito. Os índios propunham a “desevangelização”. Um chefe indígena repetiu a palavra de um índio ao papa Paulo VI em Bogotá em 1968: “Quando vocês, cristãos, chegaram aqui, vieram com a Bíblia e nós tínhamos terra. Vocês nos deram a Bíblia e tomaram nossas terras. Agora queremos lhes devolver a Bíblia e pedir que devolvam nossas terras”.

Com paciência e humildade, Pedro assumiu a defesa da proposta dos índios, mostrando que seu sentido era descolonizar a fé e a missão cristã. E ali cunhou o novo termo “macroecumenismo”, ou seja, um caminho ecumênico não só entre as Igrejas

cristãs, nem apenas um diálogo inter-religioso concernente às diversas religiões, mas um processo espiritual que envolva todas as pessoas, religiosas ou não, que aceitem se pôr a serviço da libertação da humanidade. Trata-se de um ecumenismo a partir dos pobres e da fé, na direção do Reinado divino da justiça e da libertação.

Essa espiritualidade macroecumênica já estava, de alguma forma, presente no projeto que, no final dos anos 1970, levou Pedro Casaldáliga e Pedro Tierra a escrever juntos a letra dos cânticos da Missa da Terra sem Males, musicada por Martin Coplas, e depois, em 1980, a Missa dos Quilombos, musicada por Milton Nascimento. Não se tratava propriamente de uma missa diferente, e sim de cânticos para uma missa que se pudesse celebrar em comunhão com a utopia indígena e a espiritualidade afro-descendente. Assim que conseguiu, o Vaticano proibiu a experiência. Ainda no X Encontro das CEBs em Ilhéus-BA, em julho de 2000, quando se quis cantar a Missa dos Quilombos, Pedro coordenou um ágape fraterno com pão, vinho, pipoca e cocada. No âmbito da música popular brasileira, Rolando Boldrin compôs a canção *Novo amanhecer*, que retoma a introdução de Pedro Casaldáliga na abertura da Missa da Terra sem Males:

“Em nome do Pai de todos os povos,  
Maíra de tudo, excelso Tupã.  
Em nome do Filho, que a todos os  
homens nos faz ser irmãos.  
No sangue mesclado com todos os  
sangues,  
em nome da aliança da libertação.  
Em nome da luz de toda cultura,  
em nome do amor que está em todo  
amor.  
Em nome da Terra-sem-males,  
perdida no lucro, ganhada na dor,  
em nome da Morte vencida,  
em nome da Vida,  
cantamos, Senhor!”

Que essa profecia, proclamada de um jeito próprio no começo dos anos 1980, reencontre os modos atuais de ressoar o amor e o cuidado da Igreja com as populações indígenas e afrodescendentes.

### 3º) A ECLESIALIDADE PARA ALÉM DA PRÓPRIA DIMENSÃO RELIGIOSA

Desde muito novo, ao assumir em sua vida o Evangelho, Pedro casou com a Igreja. Ele a amava como se fosse seu próprio corpo. No entanto, tinha um jeito próprio de ser Igreja, de viver, em cada poro da pele e em cada célula do corpo, a identificação com a Igreja.

Ao ser ordenado bispo, entre as prioridades que assumiu em seu trabalho na prelazia, junto com a “inserção na luta dos pobres a serviço de sua libertação”, propôs-se organizar uma Igreja que fosse verdadeiramente sacramento de comunhão, ensaio do mundo novo que desejamos: irmandade, igualdade entre homem e mulher e participação de todos no serviço do Reino divino.

Ainda nos anos 1970, em um encontro de bispos, um diplomata do Vaticano lhe diz: “Dom Pedro, é preciso saber que a Igreja não é e não pode ser uma democracia”. Pedro respondeu: “Estou de acordo. Democracia para a Igreja é pouco. Jesus quer que ela seja comunhão. Vá muito além da democracia. Seja ensaio do jeito novo que Deus quer para o mundo”.

Para assumir a missão episcopal, Pedro exigiu que todos os irmãos e irmãs da equipe missionária votassem, dizendo que só assumiria o episcopado se o grupo todo o escolhesse. A partir dali, todo o trabalho era organizado e realizado em comum. As equipes pastorais eram compostas de padres, religiosas e leigos, sem que nenhum fosse superior ao outro. Tudo era feito em comum. Uma vez, Pedro definiu isso como “uma eclesialidade para fora da própria esfera reli-

giosa”, porque ensaiava, no mundo, um jeito de viver, de trabalhar e de propor a educação e a organização das relações humanas.

O Concílio Vaticano II chamou isso de colegialidade, mas a palavra acabou usada quase exclusivamente para a missão conjunta dos bispos: colegialidade episcopal. Quando Pedro começou a missão em São Félix do Araguaia, o irmão Roger Schütz animava o projeto de um “concílio de jovens”. Atualmente, o papa Francisco propõe a sinodalidade como modo de a Igreja ser. A prelazia de São Félix do Araguaia vivia isso já nos anos 1970.

Em um dos primeiros encontros intereclesiais, um bispo confessou: “O que mais me impressionou aqui foi ouvir lavradores e índios apresentarem os bispos, dizendo: ‘Tomás é o bispo da minha Igreja’. E o outro completava: ‘Apresento a vocês Pedro Casaldáliga, pastor da minha Igreja’”. Aqueles lavradores que tinham apresentado Tomás e Pedro como “bispos de suas Igrejas” eram homens inseridos nas lutas da terra e nas cooperativas e sindicatos de trabalhadores rurais. Não eram agentes de pastoral de paróquia – que, aliás, nem existia em São Félix do Araguaia. A Igreja era realmente uma “Igreja em saída”. E o sair não tinha sido na forma de uma Igreja em passeio, que sai e volta ao lugar de onde saiu. Era a Igreja seguidora dos passos de Jesus, que afirmou: “O Filho do Homem não tem nem onde reclinar a cabeça” (Mt 8,20). No Centro de Encontros de São Félix do Araguaia, ainda sem luz elétrica e no dormitório comum, muitas vezes, Pedro perguntava: “Em qual cama vou dormir?”

No livro em que nos presenteia com o testemunho da vida de Pedro Casaldáliga, o amigo Pedro Ribeiro de Oliveira conta que, há poucos anos, o reencontrou em sua casa em São Félix do Araguaia, já muito fragilizado pelo Parkinson. Este é seu testemunho:

Depois do café, aproveitei para uma conversa a sós [...]. Falei que seu verso “queremos terra na Terra, já temos terra no céu” é o fundamento da minha espiritualidade político-libertadora. Ele explicou que a inspiração lhe veio quando, junto com os posseiros, resistia a uma ação armada de intimidação. Na falta de papel, escreveu o poema a canivete num tronco de bananeira. A conversa seguiu e aproveitei para perguntar-lhe como definir a missão evangelizadora. A resposta veio de pronto: “Nossa missão é transmitir ressurreição”. Assim mesmo. Tenho certeza. Ele não usou o verbo “anunciar” nem reduziu a ressurreição com o artigo que a restringiria a Jesus. É isso que ele fez durante toda a vida e que nos pede que façamos: levar ressurreição aonde a morte agora está vencendo. Afinal, como diz outro verso dele, somos “combatentes derrotados de uma causa invencível” (OLIVEIRA, 2018, p. 174).

Queridos irmãos e irmãs, essa é a profecia que recebemos de Pedro Casaldáliga como missão comum para todos nós. Como me disse dom Helder Câmara em nossa última conversa nesta terra: “Não deixe cair a profecia”. **vp**

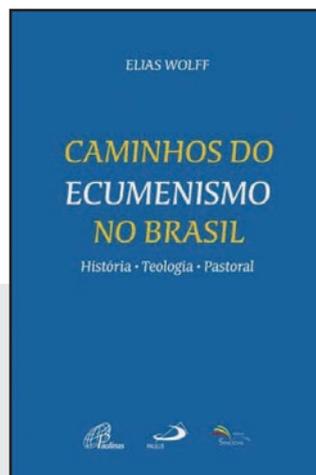
## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASALDÁLIGA, Pedro. *Orações da caminhada*. Rio de Janeiro: Graal, 1977.
- OLIVEIRA, Pedro Ribeiro. *Fé e política: uma trajetória*. Vila Velha: Quatro Irmãos, 2018.
- PODESTÁ, Clelia Luro. *El mártir que no mataron*. Buenos Ayres: Nueva Utopia, 2000.
- TOJEIRA, José María. *El martirio ayer y hoy: testimonio radical de fe y justicia*. San Salvador: UCA, 2005.

## Caminhos do ecumenismo no Brasil

História - Teologia - Pastoral

Elias Wolff



440 pags.

Imagens meramente ilustrativas.

O livro explora o desenvolvimento do ecumenismo nas relações entre igrejas-membro do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC). Ele os faz com detalhamento e sem deixar de lado os aspectos históricos, teológicos e pastorais. E a história que ele traça mostra que o empreendimento não só vale a pena, como corresponde ao espírito evangélico que anima essas mesmas Igrejas, unindo-as num espírito e propósito comuns.

Vendas: (11) 3789-4000  
08000-164011

**paulus.com.br**

# ROTEIROS HOMILÉTICOS

Aíla L. Pinheiro de Andrade\*

SANTA MÃE DE DEUS

1º de janeiro

## Santa Maria, Mãe de Deus “nascido de mulher” para nos tornar filhos de Deus

### I. INTRODUÇÃO GERAL

“Deram-lhe o nome de Jesus, como fora chamado pelo anjo” (Lc 2,21). Essa afirmação do Evangelho de Lucas harmoniza-se com a primeira leitura: “assim invocarão o meu nome [...] e eu os abençoarei” (Nm 6,27). Tal bênção, reservada outrora ao povo de Israel, estende-se agora a todos os povos por intermédio de Jesus, o Filho de Deus “nascido de mulher” (Gl 4,4). Em Jesus, a face de Deus (Nm 6,25-26) está voltada para o ser humano. Porque é verdadeiro Deus e verdadeiro homem, Jesus viveu integralmente a humanidade e a elevou à mais alta dignidade de filiação divina.

Por sua encarnação, participou em tudo da condição humana, para que o ser humano participasse em tudo da condição divina por sua ressurreição.

### II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

#### 1. Evangelho (Lc 2,16-21)

As promessas de Deus haviam sido feitas a pastores, tais como Abraão, Isaac, Jacó, Moisés,

Davi e outros. Por isso os anjos anunciam o cumprimento dessas promessas aos pastores, nos arredores de Belém. O Evangelho destaca o sinal da salvação: o recém-nascido está na manjedoura, lugar onde é posto o alimento. Jesus, desde o início, vem ao mundo como alimento, e o lugar do reconhecimento do Salvador dá-se na Eucaristia, fonte e ápice da vida cristã.

Com a circuncisão, Jesus é inserido na comunidade judaica e na Primeira Aliança. Isso significa que ele não é um mito, mas participa em tudo da realidade histórica, é alguém inserido no mundo e sujeito às suas leis.

“Deram-lhe o nome de JESUS, como lhe chamara o anjo” (v. 21). É o próprio Deus, e não os seres humanos, quem dá o nome Jesus (“Salvador”), e com isso o Evangelho assegura que todas as promessas feitas a Israel foram agora realizadas, o tempo da espera pelo Messias terminou.

#### 2. I leitura (Nm 6,22-27)

O livro dos Números certifica aos sacerdotes levitas que, ao pronunciarem essa bênção, o nome de Deus estará sobre os filhos de Israel (6,27). Era nessa ocasião que os sacerdotes tinham a permissão de pronunciar o nome de Deus dentro do templo de Jerusalém.

Com a destruição do templo, o nome de Deus deixou de ser pronunciado e foi subs-

\*Ir. Aíla L. Pinheiro de Andrade, nj, graduada em Filosofia e em Teologia, cursou mestrado e doutorado em Teologia Bíblica pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – Faje (MG). Atualmente, leciona na pós-graduação em Teologia na Universidade Católica de Pernambuco – Unicap.

E-mail: aylanj@gmail.com

tituído pelo termo “Senhor”. “O SENHOR te abençoe e te guarde” (v. 24). “Abençoar”, na cultura de Israel, inclui almejar todo tipo de coisas boas, sejam materiais, sentimentais, sociais ou espirituais. “Guardar” se refere à proteção de Deus. “Fazer resplandecer a face” (v. 25) significa lançar um olhar favorável. “Mostrar a face” (v. 26) quer dizer fixar a atenção em alguém com um propósito benevolente, em contraste com a angústia experimentada quando Deus esconde o rosto.

O último pedido, para que Deus conceda a paz (*shalom*), é o mais importante de todos. Em hebraico, *shalom* significa muito mais que a ausência de conflitos, mas inclui todos os tipos de bem-estar, entre os quais a salvação. Então, a bênção de Nm 6,22-27 nos apresenta Deus como um Pai bondoso que deseja dar tudo o que é bom ao ser humano, também a salvação – seu próprio Filho, Jesus.

### 3. II leitura (Gl 4,4-7)

Paulo utiliza uma alegoria para falar sobre nossa participação na filiação divina. Na Antiguidade, ainda que potencialmente um menino fosse o herdeiro da família, não poderia exercer a plena liberdade e autonomia de um adulto enquanto não adquirisse a idade previamente estabelecida pelo pai. No caso de um órfão, era comum o recurso a um curador (v. 2) ou tutor que representasse legalmente o menor até que este alcançasse a maioridade. Durante o período da menoridade, o herdeiro não usufruía totalmente da herança.

Na alegoria de Paulo, algo semelhante se verificou com a humanidade antes da encarnação, morte e ressurreição de Jesus. Quando se completou o tempo previamente estabelecido pelo Pai, o Filho de Deus nasceu de uma mulher (tornou-se humano) para elevar a humanidade inteira à maioridade e ao pleno usufruto da herança eterna, a filiação divina.

Jesus nasceu submisso à Lei para redimir os que estavam sob a lei da menoridade e, assim, elevá-los a uma relação superior, a adoção de filhos com plenos direitos de cidadania no Reino de Deus. Paulo afirma que o Espírito foi enviado após o Cristo. Isso significa que a Trindade está envolvida na realização da filiação divina do ser humano. É pelo Espírito do Ressuscitado que o cristão clama *Abba*. No idioma aramaico, a palavra *Abba* significa “Pai”. Jesus usava esse termo quando se referia a Deus, e agora também nós o podemos usar porque, pelo Espírito de Cristo, somos herdeiros de todas as bênçãos recapituladas na salvação integral do ser humano.

### III. PISTAS PARA REFLEXÃO

A homilia deve ter um viés cristológico e soteriológico, ou seja, a ênfase deve estar no mistério da encarnação, realizada em vista da salvação do ser humano. Uma homilia exageradamente devocional a Maria tira a liturgia de seu eixo principal. O objetivo do Filho de Deus, ao tornar-se humano, foi nos tornar filhos de Deus. Associando-se a seu Filho, servindo-o no mistério da redenção (LG 56), Maria colabora nesse mistério da salvação como modelo do perfeito discípulo, que penetra o mistério de maneira mais íntima. A filiação divina resulta na exigência de que se viva o cotidiano de acordo com a vontade do Pai, a exemplo de Maria, que obedecia a Deus mesmo quando não compreendia totalmente a vontade dele.

#### EPIFANIA DO SENHOR

3 de janeiro

## As nações se encaminham para a luz

### I. INTRODUÇÃO GERAL

Na liturgia da solenidade de Maria, Mãe de Deus, o enfoque estava na humanidade

de Jesus; hoje celebramos a manifestação e o reconhecimento de sua divindade. O que celebramos na liturgia é o que esperamos: que todos os povos reconheçam e adorem em Jesus o Deus de Israel.

A primeira leitura anuncia a vocação das nações à fé no Deus vivo e verdadeiro. No Evangelho, vemos em torno de Jesus os magos (sábios do Oriente), como representantes de todos os povos, para prestar-lhe homenagem e adoração. Na humildade do ambiente onde se encontra o menino, deve-se reconhecer a luz da salvação oferecida por Deus a todos os seres humanos. Também Paulo fala deste grandioso mistério que ele mesmo teve a missão de anunciar: os gentios são chamados a formar o mesmo corpo, isto é, a ser participantes da mesma promessa anteriormente destinada apenas a Israel. É na luz de Jesus que caminham os cristãos e é para essa luz que deve se encaminhar toda a humanidade.

## II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

### 1. Evangelho (Mt 2,1-12)

Epifania significa literalmente *manifestação*. Nesta solenidade, a liturgia nos apresenta a manifestação da universalidade da salvação realizada em Cristo. Jesus, o Rei dos judeus, é adorado pelos magos (sábios do Oriente), representantes de todos os povos. Isso significa que a promessa feita primeiramente a Israel atinge agora a todos os que acolhem o Cristo.

Na época em que foi escrito o Novo Testamento, os povos ainda eram politeístas (adoravam muitos deuses). Por isso se usava a metáfora de que as nações caminhavam nas trevas, enquanto Israel era orientado pela luz da Escritura. Com a entrada de Jesus na história, a Palavra de Deus incultura-se. O Evangelho afirma que alguns sábios estrangeiros (do Oriente) viram a estrela e a seguiram. Isso significa que Deus se valeu da admiração que os astros exerciam sobre as

nações politeístas e as guiou para o Cristo. Os sábios orientais enfrentaram um caminho desconhecido e encontraram o menino, a verdadeira luz, da qual a estrela era apenas um sinal. Os sábios se deixaram guiar e encontraram um menino muito mais humilde e também mais importante do que pensaram.

Depois daquele encontro, eles percorreram outro caminho, já não guiados por um corpo estelar, mas pela estrela de Davi, o Messias. Seguiram o caminho indicado por Deus, o caminho que é a verdade e a vida, o próprio Jesus.

O Evangelho afirma que os mestres (ou sábios) judeus tinham conhecimento até do local onde deveria nascer o Messias descendente de Davi. Entretanto, apesar de serem os primeiros destinatários das promessas de Deus, aqueles mestres de Jerusalém não acolheram a luz verdadeira que é Jesus. Foi necessário que sábios estrangeiros viessem do Oriente para lhes anunciar (orientar sobre) a chegada do Messias de Israel, quando, ao contrário, Israel é que deveria orientar as nações para Deus.

### 2. I leitura (Is 60,1-6)

Quando o povo de Israel foi expulso da Terra Prometida e se dispersou pelo mundo, sentia-se mergulhado nas trevas das nações politeístas e violentas. Contudo, não obstante essas circunstâncias, o profeta vê um final glorioso: quando tudo parecer desmoronar e dissolver-se na escuridão, a glória de Deus será refletida por meio de Israel e iluminará as nações, que começarão a andar na luz do amanhecer de um novo tempo.

O profeta está convencido de que os judeus retornarão para a Terra Prometida, as nações nas quais estavam dispersos verão a glória de Deus refletida no povo de Israel e, então, também elas se encaminharão para Jerusalém. Israel será como um oceano de luz para as nações antes imersas nas trevas do politeísmo.

### 3. II leitura (Ef 3,2-3a.5-6)

Paulo afirma ter recebido um encargo sagrado (v. 3): foi-lhe conferida a graça de proclamar o Evangelho aos gentios, ou seja, aos não judeus. O apóstolo insiste que sua atividade missionária entre os gentios não foi uma decisão pessoal. Dar a conhecer o Evangelho a todas as nações foi um ato poderoso de Deus, em seu plano eterno de salvação da humanidade. Coube a Paulo a docilidade e a fidelidade ao chamado divino.

### III. PISTAS PARA REFLEXÃO

O enfoque da liturgia não está na devoção aos magos, mas sim na manifestação da divindade de Jesus e no apelo à missão. Quem vê a luz da estrela deve pôr-se a caminho. Solicitude e prontidão são as atitudes dos magos e do apóstolo Paulo, os quais servem de exemplo aos cristãos de nosso tempo. No hoje de nossa existência, faz-se necessário reconhecer a luz de Cristo numa sociedade dividida, na qual se verifica a pluralidade de tantas luzes que apontam para várias direções, mas nem sempre refletem a luz inextinguível que é o Cristo. Para que as pessoas do tempo presente possam adorar o Deus vivo e verdadeiro, é necessário que os cristãos saiam do comodismo e do individualismo e, por meio da missão e do testemunho, façam brilhar para o mundo a “estrela de Davi”, o Filho de Deus.

#### BATISMO DO SENHOR

10 de janeiro

## Jesus de Nazaré foi ungido por Deus

### I. INTRODUÇÃO GERAL

A festa do Batismo do Senhor marca o fim do tempo do Natal e o início do Tempo Comum no ciclo litúrgico. As liturgias do

Tempo Comum nos lembram as implicações contínuas do nosso batismo: aquele momento em que Deus nos ungiu com seu Espírito e nos autorizou e enviou para continuar a missão de Jesus.

A celebração do Batismo do Senhor é um momento ímpar, em que seremos novamente convocados por Deus, ungidos pelo Espírito Santo, declarados filhos amados dele e enviados a ser luz do mundo, para efetivar a justiça, curar os feridos da alma e ajudar a evitar que as luzes tremeluzentes da esperança se apaguem.

### II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

#### 1. Evangelho (Mc 1,7-11)

As pessoas se aglomeravam para ouvir João Batista, mas ele redirecionou o foco das atenções para outra pessoa, que – embora seja, no relato, um desconhecido da multidão – os leitores do Evangelho sabem que é Jesus. João o identifica como alguém “mais forte”, alguém com uma missão mais importante do que a sua. O precursor reforça isso mediante a afirmação de que não é digno de “desamarrar-lhe a correia das sandálias”, significando que a distância entre ele e Jesus era maior do que a distância entre um senhor e seu escravo.

Essas palavras devem ter deixado a multidão atônita. Quem poderia, naquele momento, ter uma missão e um carisma maiores que os de João? Nenhum profeta tinha sido enviado ao povo de Israel por mais de três séculos, até que João veio preparar aquela geração para a vinda do Messias. O povo não poderia pensar em ninguém que fosse maior que João. Obviamente todos esperavam o Messias, mas este seria um descendente de Davi, um novo rei, e jamais um rei seria maior que um profeta. Os profetas eram aqueles que enfrentavam os reis quando estes se desviavam de Deus. Portanto, o povo ficou em dúvida a respeito desse alguém “maior”.

As comparações continuam e destacam as diferenças entre dois batismos: o praticado por João e um batismo futuro, a ser realizado pelo “mais forte”. O primeiro é em água, o novo batismo será no Espírito Santo. Isso era algo surpreendente, porque, após séculos de história sem profetas, ou seja, sem derramamento do Espírito, João estava anunciando que aqueles penitentes seriam batizados no Espírito Santo.

Ao ouvir essas palavras, o povo se recorreu do livro do profeta Isaías, no qual se afirma que, durante o êxodo, Deus havia enviado seu Espírito aos hebreus (Is 63,11). Recordou-se também do anúncio profético de que ocorreria um segundo êxodo, como um tempo no qual haveria novo derramamento do Espírito (Is 32,15; 44,3). As palavras do Batista indicavam que havia chegado esse tempo anunciado pelas profecias. E aquele que João tinha descrito como “o maior” seria o doador do Espírito Santo, mediante novo tipo de batismo.

O Evangelho de Marcos continua esse tema com novo relato, que se inicia com a frase: “aconteceu naqueles dias” (v. 9a). Essas palavras servem de transição, afirmando que já chegou “aquele que estava por vir”, aquele que foi indicado como “o maior”.

Então Jesus faz sua entrada na narrativa. Não uma entrada triunfal, como se esperava do rei Messias. Seu surgimento não foi na capital, Jerusalém. Essa cidade era o local onde se encontrava o templo e, portanto, estava associada à presença de Deus. Além disso, era a cidade do grande rei Davi, e ali o rei Messias deveria se manifestar. No entanto, Jesus vem de Nazaré. A menção ao lugar de sua origem é um escândalo para aquela época. Nazaré era uma vila insignificante, e a região onde se encontrava, a Galileia, era famosa como local com grande concentração de rebeldes e onde a religião não era vivida de forma ortodoxa, pois o contato com pagãos

havia favorecido o sincretismo. Naquele tempo, informar que Jesus vinha de Nazaré da Galileia não indicava que tivesse boa reputação.

João, ao contrário, desenvolvia sua atividade na região da Judeia, não muito distante de Jerusalém. E Jesus foi “foi batizado por João no rio Jordão”. Tudo isso levava a crer que João era mais importante que Jesus.

Jesus não veio para tomar o poder político; seu batismo no Jordão é uma profecia sobre o que acontecerá no final do Evangelho. Ele assume nossa condição de pecadores para nos libertar do pecado e nos fazer filhos de Deus. Seu batismo no Jordão é uma prefiguração de sua morte. Após o batismo, o Espírito Santo realiza a unção messiânica sobre Jesus. Assim, ele pode dar início à sua missão de resgatar os pecadores. Jesus e o Espírito Santo estiveram juntos para realizar essa missão. Por isso, no final de sua missão, Jesus pôde batizar a todos com o Espírito Santo.

O texto afirma que Jesus “viu os céus abertos”. Para compreendermos essa expressão, devemos nos reportar a uma oração que está no livro do profeta Isaías. O autor roga a Deus que rasgue os céus e desça (Is 64,1). Essa oração pede a Deus que rompa a distância e se aproxime da humanidade. Desta forma, o evangelista claramente pretende indicar que, no batismo de Jesus, Deus responde à oração do livro de Isaías.

O evangelista também afirma que o Espírito desceu sobre Jesus como pomba. O Espírito não é uma pomba. Ele é invisível como o vento e pode ser representado por vários símbolos. A menção à presença do Espírito “como uma pomba” pretende simplesmente nos ajudar a visualizar sua descida, já que o ponto principal desse trecho do Evangelho de Marcos é a afirmação de que o Espírito Santo ungiu Jesus para a missão messiânica.

Por fim, Deus confirma a identidade de Jesus como Filho amado de Deus, cuja fidelidade agrada ao Pai. “Tu és meu Filho amado”; “tu és minha filha amada.” Da mesma forma que Jesus assumiu nossa condição de pecadores, nós, agora, por sua ressurreição, assumimos sua condição de Filho; agora participamos de sua condição divina, como ele participou de nossa condição humana.

## 2. I leitura (Is 42,1-4.6-7)

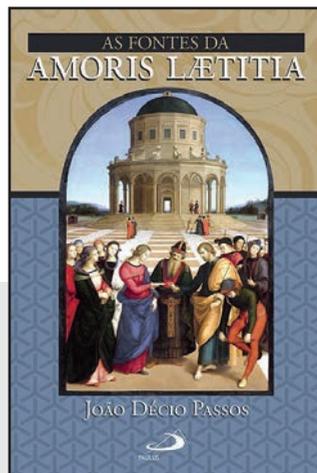
No final do exílio, Deus chamou os judeus para serem seus servos e lhes deu uma missão inesperada. Era o tempo em que os judeus tiveram permissão do rei persa para voltar à Terra Prometida e reconstruir sua nação. O profeta interpretou esse acontecimento à luz do fim dos tempos, como se Deus estivesse acabando o mundo e o recriando a partir do retorno dos judeus para sua terra.

O profeta descreveu a relação de Israel com o Senhor com ênfase na atribuição de uma missão ao servo. O Senhor escolhe o servo, apoia-o, agrada-se dele e lhe dá o Espírito Santo. A missão do servo, o que ele deve realizar, é estabelecer a justiça na terra, abrir os olhos dos cegos, libertar os prisioneiros e os que estão nas trevas. O servo não deve gritar, não pode quebrar a cana rachada ou apagar o pavio fumegante – imagens de gentileza, compreensão e paciência nas relações do servo com aqueles a quem for enviado. Com efeito, sua missão vai além do povo de Israel, é muito mais ampla. Ele é enviado a “países distantes”, como “luz para as nações”.

Então, Israel estava sendo desafiado a sair de si mesmo e se tornar instrumento de Deus em uma missão junto a outros povos. Trata-se da consequência lógica das descobertas ocorridas durante o exílio, a saber: como o Senhor de Israel é o único Deus, deveria então ser conhecido de todas

## As fontes da *Amoris Laetitia*

João Décio Passos



128 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

A Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*, escrita pelo papa, foi o resultado do Sínodo dos Bispos sobre a Família, realizado em 2014 e 2015. Diante da delicadeza do texto, João Décio Passos decidiu escrever um roteiro para que o leitor tenha uma compreensão mais profunda do documento, a partir da exposição do contexto eclesial em que foi escrito e do apontamento das fontes da Tradição a que o próprio texto se remete.

Vendas: (11) 3789-4000  
08000-164011

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)

as pessoas, de todos os povos que ainda estavam adorando ídolos, e os exilados seriam as únicas pessoas qualificadas para mostrar essa verdade aos pagãos.

Na mente do autor original, o servo provavelmente era um símbolo do povo de Israel ou de um remanescente fiel em meio ao povo. Às vezes, porém, o servo é descrito como um profeta cujo sofrimento traria benefícios para o povo. E ainda como uma figura misteriosa, que falava em primeira pessoa e a quem Deus se dirigia. Os Evangelhos mostram claramente que tanto Jesus quanto a Igreja primitiva viam aspectos da vida e missão de Jesus prefigurados nos cânticos do servo do livro de Isaías. Também podemos atualizar este texto para nossa vida: “Eis o meu servo, meu eleito, sobre o qual coloquei meu Espírito. Ele não levanta a voz. Não quebra a cana rachada nem apaga o pavio que ainda fumeja. Não esmorecerá nem se deixará abater. Eu, o Senhor, te chamei e te tomei pela mão; eu te formei e te constituí como luz das nações”.

### 3. II leitura (At 10,34-38)

Em visões separadas, Deus chamou Pedro, o apóstolo judeu-cristão, e Cornélio, o centurião romano, para se encontrarem. Trata-se de encontro sem precedentes, porque os judeus tinham muito preconceito contra os demais povos, que eram politeístas e famosos por seu comportamento liberal em relação a questões morais. Outro agravante é que o Império Romano era uma potência política que havia conquistado o mundo daquela época e dominava os povos com violência e opressão, tendo os centuriões a tarefa de coagir as massas para evitar lutas pela libertação nacional. Não sendo diferente dos demais judeus, Pedro provavelmente detestava Roma e os centuriões.

O texto bíblico destaca que tanto Pedro, escolhido por Jesus para a primazia na comunidade cristã, quanto Cornélio, o

centurião pagão, receberam uma mensagem de Deus por meio de visões sobrenaturais simultâneas, que os preparavam para o encontro.

O encontro entre ambos tornou-se um fato marcante para a Igreja, porque, a partir dele, Deus revelou que a comunidade cristã deveria ser constituída de todos os tipos de pessoas. Esse acontecimento, porém, só foi possível porque Pedro se tornou dócil à voz de Deus.

Foi o relacionamento com Jesus, desde o início do ministério público na Galileia até sua ressurreição, que fez Pedro perceber, na oração e na prática, que deveria renunciar aos próprios preconceitos com relação aos pagãos e aos chefes do exército romano. O Evangelho anunciado por Pedro a Cornélio é a vida de Jesus, essa é a boa notícia. Sem uma experiência pessoal de amizade com Jesus, é impossível anunciar o Evangelho. Quando não há essa experiência, anunciamos nossas próprias ideias, não a boa notícia do Reino de Deus.

Para Pedro, a grande revelação foi que Deus não mostra parcialidade em relação às pessoas. Todos são bem-vindos à comunidade cristã, todos devem receber o Evangelho, e os seguidores de Jesus devem romper com suas ideias preconcebidas a respeito dos outros e constituir uma Igreja em saída, sendo luz para as nações.

### III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Quando celebramos a festa do Batismo do Senhor, também celebramos nossa própria identidade de filhos de Deus, ungidos pelo Espírito Santo e enviados em missão a todas as nações como luz do mundo. O que aconteceu com Jesus acontece conosco. Ele assumiu nossa condição de pecadores para que nos tornássemos filhos no Filho. Somos continuadores da missão de Cristo, até que ele venha. Tornamo-nos e somos filhos e filhas amados do Pai.

Isso é o que o sacramento do batismo faz em nós, e é isso que devemos experimentar em nossa vida. Tal compreensão não significa que Deus não ame todas as pessoas, que não seja Pai de quem não foi batizado – ele é Pai de todos e ama a todos. É isso que vemos na segunda leitura. No batismo, todavia, assumimos nossa filiação e recebemos o Espírito Santo, que nos capacita para vivermos como filhos muito amados do Pai dentro da comunidade dos eleitos.

Somos filhos amados de Deus por causa de Jesus, e o Espírito Santo nos capacita para vivermos como Cristo viveu. Isso significa entrar em um processo de conversão, no qual, a exemplo de Pedro, vamos renunciando a tudo que nos afasta do modo como Jesus viveu. A vida de Cristo é o padrão da nossa vida e missão. A vida de Cristo é a Boa Notícia, o Evangelho.

2º DOMINGO DO TEMPO COMUM

17 de janeiro

## Tu me chamaste, aqui estou

### I. INTRODUÇÃO GERAL

A liturgia deste domingo nos mostra alguns exemplos de como as pessoas discernem o chamado de Deus no cotidiano da vida. Um discernimento autêntico não apenas muda o rumo da vida, mas também capacita a pessoa para levar uma vida centrada em Cristo.

A primeira leitura descreve como aconteceu o chamado de Samuel, destacando a iniciativa divina e a resposta humana. Na segunda leitura, Paulo lamenta que os cristãos de Corinto tenham falhado em discernir entre o que é santo e o que é pecaminoso. O Evangelho apresenta João Batista proclamando Jesus como o “Cordeiro de Deus” a dois de seus discípulos. Como resultado dessa proclamação, estes

decidem deixar João Batista e iniciar uma jornada de discipulado para discernirem seu chamado ao seguimento de Jesus.

## II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

### 1. Evangelho (Jo 1,35-42)

O testemunho de João Batista foi crucial para o início do ministério de Jesus. João já havia testemunhado Jesus aos sacerdotes e levitas enviados de Jerusalém (Jo 1,19-34). Agora, dá testemunho a seus próprios discípulos, apontando para Jesus: “Eis o Cordeiro de Deus!” Como resultado disso, dois discípulos pararam de seguir João e começaram a seguir Jesus. Nesse ponto, tendo cumprido sua tarefa de testemunhar, o Batista desaparece de cena, diminuindo a si mesmo para que a missão de Jesus pudesse se desenvolver: “Que ele cresça e eu diminua” (Jo 3,30).

A expressão “Cordeiro de Deus” trazia à mente dos primeiros cristãos alguns aspectos que precisam ser destacados:

- o cordeiro fornecido por Deus a Abraão para o sacrifício no lugar de Isaac (Gn 22,8-13);
- o cordeiro pascal, cujo sangue salvara os hebreus da morte durante sua libertação da escravidão no Egito (Ex 12);
- o cordeiro mencionado nos livros proféticos, que, pelo seu sacrifício, redimiria o povo. Este, sendo oprimido, não abria a boca, à semelhança do cordeiro levado ao matadouro ou o que ficava mudo diante dos tosquiadores (Is 53,7; Jr 11,19);
- os cordeiros sacrificados diariamente no templo para redimir o povo de seus pecados.

Tais passagens certamente se tornaram importantes para que a Igreja compreendesse a identidade de Jesus e sua missão.

Também era significativa a afirmação de que o Espírito permanecia em Jesus (v. 32). O verbo “permanecer” descreve um relacionamento profundo e duradouro,

em vez de trivial ou passageiro. Era esse tipo de relacionamento que Jesus tinha com o Espírito, e da mesma forma a comunidade cristã deve estar vinculada ao Espírito (20,22).

Os primeiros discípulos seguiram Jesus como resultado do testemunho de João, e não em resposta a um chamado direto de Jesus. Quando este viu que o estavam seguindo, perguntou-lhes: “Que estais procurando?” Em resposta, chamaram-no de rabino (mestre) e quiseram saber onde permanecia, manifestando o desejo de ir a esse local para receber instruções, pois os rabinos tinham um local adequado para ensinar os discípulos. E, então, temos as palavras: “Vinde ver!” Agora houve um chamado direto. E eles foram, viram e permaneceram com ele – quer dizer, fizeram experiência com o modo de viver de Jesus. Também hoje devemos ir após Jesus e experimentar seu estilo de vida.

Por fim, é importante destacar algo mais nesse trecho do Evangelho: o fato de que André levou seu irmão, Simão, a Jesus. Em outra passagem, Filipe vai fazer o mesmo com Natanael (v. 43-46). João Batista encaminhou a Jesus seus discípulos e estes levaram outros, formando uma cadeia de gerações de seguidores. Isso significa que a missão de cada um é levar pessoas a seguir Jesus. Somos devedores de alguém que nos evangelizou: nossa família, nossa paróquia, uma pessoa em particular. Precisamos seguir adiante, formando novos elos para a corrente de discípulos de Jesus.

## 2. I leitura (1Sm 3,3b-10.19)

O povo de Israel estava vivendo um novo período histórico. O êxodo havia passado, o povo estava estabelecido na terra da promessa. O tempo de Moisés, Aarão e Josué se fora. O período dos juízes já estava bem adiantado, ia começar a transição para o tempo da monarquia, Samuel seria o último juiz.

Samuel havia nascido como fruto da intervenção divina. Ana, sua mãe, não podia ter filhos, e Deus havia respondido suas orações com o nascimento de Samuel. Então seus pais o entregaram para o serviço de Deus no santuário de Silo, e ele, quando jovem, se tornou um aprendiz do sacerdote Eli. Foi nesse santuário que Deus chamou Samuel para ser profeta.

O chamado aconteceu certa noite, enquanto o jovem estava dormindo. Samuel presumiu que Eli o tivesse chamado e foi até ele. Isso se deu por três vezes, até que o velho sacerdote percebesse o que estava acontecendo: era Deus que falava com o menino. Eli o instruiu a dar uma resposta de prontidão, de escuta e docilidade.

Samuel ouviu o chamado de Deus, mas se enganou por três vezes: “Tu me chamaste, aqui estou”, dizia prontamente ao sacerdote Eli. O jovem se enganou quanto à identidade de quem o chamava. Na segunda e na terceira vez que correu até Eli, Samuel devia estar confuso, pois o sacerdote sempre respondia: “Eu não te chamei, volta a dormir!”

O nome Samuel significa literalmente “Deus ouviu”. Ouvir é fundamental nesse livro bíblico, pois primeiramente Deus ouve o clamor de uma mulher estéril e, posteriormente, ouve o pedido do povo por um rei.

O texto destaca que o chamado de Deus é direto e pessoal. No entanto, Samuel precisou de ajuda para discerni-lo. O velho e quase cego Eli, sacerdote de Silo, com sua sabedoria e ternura paternal, capacitou o jovem para ouvir a voz do Senhor e responder ao seu chamado. Embora Eli devotasse sua vida ao serviço sacerdotal, não foram seus filhos que receberam o chamado, e sim Samuel, que, apesar de estar vivendo em um santuário, ainda não havia feito experiência com Deus. O texto nos esclarece que Deus chama quem ele quer, quando quer e onde quer.

A tripla ida de Samuel a Eli é característica do processo de discernimento.

Quando reconheceu a voz do Senhor com sua humilde oração e um coração dócil, o jovem recebeu a enorme responsabilidade do chamado profético. Como resultado do seu chamado, a Palavra de Deus foi ouvida mais uma vez em Israel. Depois disso, Samuel capacitou o povo para discernir a vontade de Deus em relação às obrigações da Aliança, bem como em relação às questões religiosas e políticas que afetavam o destino da nação como um todo.

Da mesma forma que Eli ajudou Samuel a discernir a vontade de Deus a respeito de sua missão, Samuel ajudou o povo a discernir a vontade de Deus para a nação. Isso acontece ainda hoje: somos elos de uma corrente de ajuda mútua para que a vontade divina continue a agir e para que as pessoas continuem fiéis.

### 3. II leitura (1Cor 6,13c-15a.17-20)

A antiga Corinto era um centro sofisticado de debate religioso e filosófico, uma cidade portuária cosmopolita e politeísta, conhecida por sua riqueza e luxo, e famosa por sua imoralidade. Isso significa que as necessidades da comunidade de Corinto eram muitas e complexas. Era um lugar difícil para o anúncio do Evangelho e, mesmo assim, Paulo o fez. Os recém-convertidos lutaram para manter sua fé viva naquele ambiente tão desafiador e enfrentaram muitas questões levantadas por sua nova fé. Nem todos estavam de acordo a respeito da necessidade de viver nova moralidade, o que provocou muita polêmica e causou grandes preocupações ao apóstolo.

Para transformar o estilo de vida dos cristãos de Corinto, com o objetivo de viverem de acordo com a vida de Jesus, Paulo lhes escreveu a respeito de nova moralidade e das razões para observá-la. Estes são seus principais argumentos:

- o corpo é para o Senhor, e não para a imoralidade;

- nossos corpos são membros de Cristo;
- o corpo é templo do Espírito Santo.

Conclui-se daí que a conduta moral dos cidadãos de Corinto era imprópria para quem havia sido batizado em Cristo. Paulo estava defendendo a santidade da pessoa humana (corpo e espírito). Para o apóstolo, ser seguidor de Cristo não envolve concessões quando se trata de integridade moral. Como resultado, não há lugar para nenhum estilo de vida que seja incongruente com a virtude cristã da santidade.

Paulo indica que um discernimento autêntico por parte dos cristãos irá facilitar o abandono dos maus caminhos e abraçar uma vida centrada em Cristo.

### III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Deus chama pessoas para cumprir uma missão em determinado tempo e lugar. A resposta a esse chamado, no entanto, requer discernimento cuidadoso, implicado no chamado. Vemos isso em Samuel, André e Pedro, os quais, depois de profunda experiência de discernimento, ofereceram a vida, integral e gratuitamente, ao serviço de Deus. Esse discernimento é o que Paulo espera dos coríntios, para que possam viver sua vida cristã em santidade. Todos os cristãos são chamados a um discernimento cuidadoso, para que, de modo semelhante ao salmista, possam dizer: “Eis que venho, Senhor, com prazer faço a vossa vontade”.

O mundo barulhento procura afogar a voz gentil e poderosa de Deus. Ao praticar o discernimento, vamos fundo naquele espaço sagrado dentro de nós e descobrimos a voz eloquente de Deus nos chamando a tomar ações e direções específicas na vida. A voz que chamou Samuel, a voz que disse aos dois discípulos de João Batista: “Vinde e vede”, é a mesma voz que está chamando cada um de nós. Que possamos ouvi-la e, como Samuel, responder: “Fala, Senhor, que teu servo escuta”.

## Mostrai-me, ó Senhor, vossos caminhos

### I. INTRODUÇÃO GERAL

Na liturgia deste domingo, Jesus chama os quatro primeiros discípulos, e estes o seguem imediatamente. A primeira leitura enfatiza que também os ninivitas imediatamente se arrependeram e fizeram penitência após a pregação de Jonas. Naquele tempo, o povo de Israel pensava ser o único povo de Deus. A narrativa, contudo, mostra que os pagãos já eram sedentos de Deus no coração. Era necessário apenas que alguém lhes falasse sobre o Deus de Israel, para que se tornassem verdadeiros adoradores do único Deus. E Jonas, o escolhido do Senhor para essa missão, é um servo rebelde. Apesar de Jonas ter dificultado bastante o anúncio da mensagem divina aos ninivitas, estes, imediatamente, mostraram sinais de conversão após a pregação do profeta rebelde. Os ninivitas se prepararam para o julgamento de Deus, desejaram receber o perdão dos pecados. Esse tema retorna na segunda leitura: Paulo acreditava, como quase todos os cristãos daquela época, que Jesus voltaria glorioso a qualquer instante e tudo iria mudar. Então o apóstolo incentivou os cristãos a se prepararem para aquele momento.

### II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

#### 1. Evangelho (Mc 1,14-20)

Após narrar o ministério de João Batista (1,2-8), o batismo de Jesus (1,9-11) e a tentação no deserto (1,12-13), Marcos se dedica ao relato sobre o chamado dos primeiros discípulos, episódio que deu início ao ministério de Jesus. O evangelista, porém, esclarece que Jesus somente começou seu ministério depois que João Batista havia sido preso.

Jesus começou seu ministério anunciando o Reino de Deus. Reino, aqui, não é um território geográfico ou um lugar sobre o qual um rei exerce seu poder, mas significa que o Pai, Criador de tudo, é soberano na vida das pessoas e na história. Essa proclamação de Jesus não ficou clara para as pessoas da época, porque pensavam no Reino de Deus como uma restauração do poder político que Israel desfrutara durante o reinado de Davi e de Salomão. Quando ouviam a expressão “Reino de Deus”, pensavam em Deus governando sobre todas as nações por meio do povo de Israel. Jesus, contudo, falava sobre um tipo muito diferente de reino.

No anúncio de Jesus, a resposta apropriada para a vinda do Reino é dupla: 1) arrepender-se; 2) acreditar na Boa-nova. O arrependimento não é um sentimento de culpa, mas uma mudança de mente ou de direção; significa ver as coisas de uma perspectiva diferente. Acreditar, por sua vez, é estar convencido de que algo é verdadeiro e confiar nisso. A fé possibilita que as pessoas vivam com confiança em meio às dificuldades; permite dar um passo à frente na escuridão, confiantes de que Deus providenciará uma base segura, sobre a qual se podem dar passos firmes.

Por que os discípulos seguiram Jesus? Nada no texto responde a essa pergunta. Aparentemente, os quatro homens viram algo impactante em Jesus, algo que os fez renunciar a um estilo de vida e a coisas importantes para segui-lo. Para Simão e André, o sacrifício era deixar suas redes de pesca. Para Tiago e João, era deixar o pai e os barcos.

A iniciativa não foi daqueles quatro homens. Eles não se apresentaram a Jesus, pedindo que os aceitasse como discípulos. André e Simão estavam com a atenção voltada para a tarefa que estavam realizando – lançar as redes, na esperança de boa captura de peixes. O texto mostra que

a iniciativa foi de Jesus. Isso é típico dos relatos de vocação: foi assim com Abraão, Moisés, Samuel, Isaías etc.

O chamado é pessoal. É um convite para seguir Jesus, não para se juntar a uma causa qualquer. Em contraste, os rabinos esperavam que os aspirantes a discípulos pedissem para segui-los. Além de tomar a iniciativa de chamar seus discípulos, Jesus tinha um objetivo diferente, porque os chamou não para ensiná-los a interpretar a Lei de Moisés, mas para aprenderem com a vida dele, com a convivência com ele, a discernir a vontade de Deus e realizá-la.

Jesus os chamou a trilhar um caminho que será mostrado aos poucos, um caminho não definido de antemão, o qual os discípulos não compreenderão até que tenham caminhado. É isto que o discipulado envolve: a fé para entrar no desconhecido, confiando em Cristo e se deixando conduzir por ele.

O detalhe sobre Zebedeu permanecer no barco com os empregados ilustra a rapidez com que Tiago e João tomaram a decisão de seguir Jesus. A razão de sua partida rápida é a natureza convincente do chamado de Jesus e a urgência do Reino de Deus.

## 2. I leitura (Jn 3,1-5.10)

A primeira leitura destaca a missão de Jonas e a resposta que os ninivitas deram ao anúncio que o profeta lhes fez. Aparentemente, o sucesso fácil da missão em Nínive é uma ironia a tudo que foi narrado anteriormente a respeito das atitudes de Jonas.

Quando se trata de Jonas, a maioria das pessoas pensa imediatamente na baleia que o engoliu. Essa é uma forma muito superficial de considerar a história. O Senhor havia chamado Jonas para ir a Nínive, uma cidade pagã, inimiga de Israel, para profetizar contra os pecados de seus habitantes. Jonas, possivelmente com medo e duvidando que o povo de

## Encontros de aprofundamento para coroinhas e acólitos

*Edson Adolfo Deretti*



200 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

A obra quer ajudar coroinhas e acólitos a viver com mais intensidade e ardor o seu chamado ao serviço litúrgico e à santidade.

Para isso, propõe encontros de espiritualidade e formação que os coloquem em contínua iniciação aos mistérios da fé.

Vendas: (11) 3789-4000  
08000-164011

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)

Nínive acreditaria nele, tomou um navio e fugiu para a direção oposta ao destino que lhe fora indicado por Deus. Uma terrível tempestade ameaçou o navio, e os que estavam a bordo, pensando que Deus estava castigando Jonas, o jogaram no mar para que os demais pudessem se safar.

A narrativa, todavia, afirma que Deus salvou a vida de Jonas e o enviou, pela segunda vez, a Nínive para proclamar a necessidade de arrependimento dos pecados. Então os ninivitas imediatamente demonstraram arrependimento, mediante gestos concretos de penitência. Assim, Jonas ficou zangado, porque Nínive se arrependeu e Deus não destruiu a cidade.

O livro de Jonas foi escrito após o exílio na Babilônia. Na ocasião, muitos judeus se fecharam no nacionalismo extremo e se sentiam superiores às outras nações. Semelhantes a Jonas, também desejavam que Deus destruísse as nações consideradas inimigas de Israel. O objetivo do relato é que os judeus da época percebam sua falta de misericórdia e se conscientizem de que Deus ama e ajuda todos os tipos de pessoas. Os chamados por Deus, os escolhidos para uma missão, não são privilegiados ou amados de modo diferenciado por ele. Deus chama as pessoas em vista de uma missão, e os escolhidos são seus colaboradores. Os vocacionados são intermediários pelos quais Deus chega até aqueles a quem tanto ama, a saber, os destinatários da missão. Jonas é escolhido não porque é melhor ou mais amado que os outros, e sim porque Deus ama os ninivitas, apesar de serem pecadores. É para que se arrependam e mudem de vida que Deus envia Jonas até eles.

Jonas estava equivocado quando pensou que Deus queria destruir os ninivitas. Ele é um antiprofeta, porque proclamou aos ninivitas uma mensagem de vingança, afirmando que a cidade seria destruída

como castigo por seus pecados. Tinha preconceito contra os ninivitas e não queria a conversão deles, por isso, desde o início, se recusou a abraçar a missão. Seu descaso foi tão grande, que, mesmo depois de aceitá-la, levou apenas um dia para atravessar a cidade, que precisava de três dias para ser percorrida. Jonas correu com a tarefa que Deus lhe havia dado. Fez de qualquer jeito, só por fazer, só para cumprir uma obrigação.

Mesmo assim, todo o povo de Nínive se arrependeu, “todos eles, grandes e pequenos”. Da parte de Deus, sua resposta aos ninivitas foi a misericórdia. A salvação chegou até eles, todos foram poupados, até plantas e animais. E tudo isso foi realizado apesar de o missionário negligenciar sua missão.

### 3. II leitura (1Cor 7,29-31)

Houve variadas razões pelas quais São Paulo teve de ser muito enfático e detalhista em seus ensinamentos aos cristãos de Corinto. Entre elas, estão:

- Corinto era uma cidade portuária com muitos visitantes, e nos locais de hospedagem havia todo tipo de vícios;
- embora Corinto não fosse Atenas, era um importante centro de filosofia e de religião; ideias novas e estranhas eram constantemente divulgadas ali. Portanto, a mensagem cristã se espalhou rapidamente;
- o cristianismo ainda não era considerado uma nova religião, mas um desenvolvimento do judaísmo, com muitas e inquietantes questões ainda sem respostas;
- os cristãos acreditavam que Jesus voltaria em breve e então o fim do mundo aconteceria. Sendo assim, não valia a pena planejar o futuro nem fazer mudanças radicais.

Por todas essas razões, Paulo dedicou esse texto importante aos temas do casamento e da moral sexual. Suas orientações aos casados, aos que estão de luto,

aos que estão alegres e aos compradores têm por objetivo esclarecer que, quando o Cristo retornar, tudo irá mudar. Viver em prontidão durante a espera da vinda de Cristo faz parte da identidade cristã.

### III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Visto que Jesus fez do Reino de Deus o centro de sua pregação, seus discípulos precisam fazer o mesmo. A Igreja, entretanto, é sempre tentada a deixar que outras coisas substituam a proclamação do Reino. Estamos sendo infiéis ao projeto de Jesus quando permitimos que isso aconteça. Tudo o que pensamos ser mais importante do que a proclamação do Reino de Deus torna-se um ídolo e não pode ser bom nem para a Igreja nem para a sociedade. O Reino é nosso objetivo, nosso horizonte e nosso maior bem, diante do qual tudo o mais se torna relativo.

É por causa do Reino que Deus nos chama e nos envia em missão, para poder alcançar todas as pessoas. Somos apenas instrumentos do Reino. Não sejamos rebeldes ao chamado de Deus, como foi Jonas.

Talvez algumas questões nos ajudem a refletir mais profundamente sobre as leituras. Consideremos, primeiramente, que o chamado é para cada um. Todos são vocacionados, as vocações é que são diferentes. Estou pronto(a) para responder ao chamado? Para seguir Jesus? Quais são minhas “redes”, isto é, o que está limitando minha liberdade de seguir Jesus? O que está dificultando meu caminhar até as pessoas às quais sou enviado(a)? Quais ambições egocêntricas me impedem de me doar?

Nada do que temos, sejam coisas ou apegos pessoais, é permanente. Tudo pode desaparecer a qualquer momento. Nada dura para sempre, senão os valores fundamentais do Reino de Deus – a verdade e o amor, a liberdade e a justiça. É o que somos, não o que temos, que conta, afinal.

## Somos seu povo e seu rebanho

### I. INTRODUÇÃO GERAL

As leituras deste domingo enfocam o tema da verdadeira autoridade. As palavras e ações de Moisés, de Paulo e de Jesus testemunham que eles tinham autoridade para anunciar a mensagem de Deus sem medo. Fazem parte de um encadeamento de gerações comprometidas com essa mensagem e estavam dispostos a renunciar a tudo o que pusesse em risco o cumprimento dos propósitos salvíficos de Deus. De todas as pessoas ao longo da história da revelação divina, Jesus se destacou na autoridade, no compromisso e na renúncia, em virtude de sua maior comunhão com o Pai.

As ações podem falar mais alto do que as palavras, mas às vezes as palavras são necessárias para explicar as ações. Com Jesus não foi diferente. Ele veio como o Messias para revelar às pessoas a verdade sobre Deus. O Evangelho descreve Jesus ensinando na sinagoga com a autoridade de quem tem forte conexão com o Pai. E, com a mesma autoridade com que ensina, Jesus liberta uma pessoa de um espírito impuro. Esses dois aspectos estão interligados, suas ações e palavras apontam para sua missão: instaurar o Reino de Deus.

O Evangelho deixa claro que Jesus, em suas ações e ensino, cumpre as promessas que Deus havia feito ao povo de Israel. Na primeira leitura, Deus se compromete com Moisés e com o povo, atestando que enviaria um profeta poderoso, alguém que fosse membro do povo escolhido; dessa forma, assegura que nunca deixará o povo abandonado, Israel sempre será orientado pela palavra do Senhor.

A comunidade dos seguidores de Jesus continua essa missão de ser instrumento de

Deus para que sua mensagem seja sempre atual. É por isso que, na segunda leitura, o apóstolo Paulo orienta as pessoas a viver de acordo com os ensinamentos do Evangelho até que Cristo venha. Tal vinda deve fazer que as pessoas ponham suas prioridades em ordem.

## II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

### 1. Evangelho (Mc 1,21-28)

O Evangelho relata que Jesus passou a residir em Cafarnaum, cidade próspera, no extremo norte do mar da Galileia, onde moravam seus primeiros discípulos.

No sábado, Jesus foi à sinagoga. Aqui é preciso fazer um esclarecimento. Existia apenas um templo e este ficava em Jerusalém, mas as sinagogas eram muitas e estavam espalhadas em várias cidades, também fora da terra santa. Nas sinagogas se realizavam orações e a leitura pública das Escrituras, seguida de sua explicação. Era costume que, se houvesse algum judeu visitando a sinagoga, este deveria receber a honra de ser convidado a fazer um comentário sobre a leitura das Escrituras. Isso explica o episódio de Jesus ter ensinado na sinagoga de Cafarnaum.

Ressalve-se, contudo, que os escribas, estudiosos das Sagradas Escrituras, eram os encarregados principais de interpretar os textos proclamados nas sinagogas e orientar o povo a respeito da forma mais adequada de pôr a Palavra de Deus em prática. Por causa disso, na época de Jesus, os escribas desfrutavam de considerável respeito e honra.

O evangelista frisa que as pessoas na sinagoga ficaram maravilhadas com o ensino de Jesus. Ao contrário dos escribas, Jesus ensinava com autoridade. Sua autoridade não se baseava em credenciais acadêmicas, nem na capacidade de citar os mestres judeus das gerações passadas, mas no Espírito Santo que havia descido sobre ele em seu batismo (Mc 1,10). Sua autoridade vinha de sua comunhão ou conexão ímpar com Deus.

Marcos não dá nenhuma informação sobre o que Jesus disse na sinagoga e que causou tanto espanto nos presentes. O evangelista apenas destaca a surpresa dos ouvintes e o impacto que sentiram com as palavras de Cristo. Narra também um exorcismo praticado por Jesus na ocasião. É estranho que aquele homem possesso estivesse na sinagoga, porque o espírito impuro o tornava inadequado para participar do culto. Contudo, faz parte do projeto teológico de Marcos mostrar que as instituições judaicas da época estavam corrompidas, impuras e precisavam que Jesus as purificasse.

O exorcismo confirmou a autoridade de Jesus, revelada pelo seu ensino. Jesus poderia ter escolhido qualquer tipo de milagre para autenticar sua autoridade, mas opta por um exorcismo por causa de seu valor simbólico. No Evangelho de Marcos, Jesus vem para derrotar o mal e efetuar a salvação. Ele começa esse processo por seu ministério de ensino e exorcismo na sinagoga. Como partes integrantes da mesma obra de salvação, ensino e cura/exorcismo estão interligados. Sua autoridade de ensino prepara as pessoas para receber sua autoridade de cura, e sua autoridade de cura confirma e reforça seu ministério de ensino.

A atitude das pessoas na sinagoga sugere que devemos ouvir Jesus com maior atenção. Seus ensinamentos se tornaram tão familiares, depois de 2 mil anos, que somos tentados a ouvi-los distraidamente. Precisamos estudar seus ensinamentos de maneira mais profunda, para entender seu impacto sobre os primeiros discípulos. Da mesma forma que as pessoas do primeiro século, devemos permitir que Jesus nos deixe inquietos e nos desafie a sair de nossa zona de conforto.

### 2. I leitura (Dt 18,15-20)

Os israelitas eram monoteístas, ou seja, acreditavam em um só Deus. No entanto, o ambiente politeísta em seu entorno os incentivava a serem sincretistas, isto é, pessoas

que enxertam novas ideias religiosas na fé por elas já professada, sem se preocuparem com contradições entre seus diversos aspectos doutrinários.

O livro do Deuteronômio surgiu em um período em que alguns dos líderes do judaísmo enfatizavam duas ideias complementares: a unidade de Deus e a eleição dos judeus como seu povo eleito. Isso reflete uma luta para manter a fé monoteísta, em um ambiente de muitas e sedutoras ofertas religiosas, e para acabar com o sincretismo.

A promessa acerca do envio de um profeta futuro era a resposta ao sério e perene problema da infidelidade ao Deus dos patriarcas, que libertou os escravos no Egito. Diferentemente dos demais deuses dos povos vizinhos, o Deus da Aliança era exigente e não se deixava manipular pelas pessoas em troca de adoração. Não era um Deus que favorecia interesses pessoais em troca de louvores ou dízimos.

O povo de Israel de fato se sentia seduzido por ofertas religiosas segundo as quais os deuses fariam a vontade dos adoradores se estes lhes dessem o que os sacerdotes pediam. O Deus de Israel, ao contrário, exigia que sua vontade fosse cumprida, para que o ser humano pudesse ser libertado de seu egoísmo. Por esse motivo, enviava profetas que conduziam o povo de volta à Aliança.

É importante a orientação dada por Moisés sobre as três características fundamentais de um profeta do verdadeiro Deus:

- primeiro, Deus escolhe o profeta do meio do povo e o envia ao povo;
- em segundo lugar, o profeta recebe o dom do Espírito Santo, que o capacitará a dizer a mensagem divina;
- finalmente, Deus fala por meio do profeta que comunica sua Palavra, e não os próprios pensamentos e intuições.

Como resultado, a autoridade divina apoia o profeta, pois ele é escolhido, capacitado e enviado para comunicar a Pa-

lavra de Deus. Não é um cartomante ou futurólogo, mas um porta-voz de Deus e intérprete dos sinais dos tempos, exortando o povo a honrar e viver a Aliança com Deus. Um profeta autêntico, portanto, não faz previsões, mas anuncia uma mensagem que guia o povo no presente e projeta o futuro de acordo com a vontade divina.

### 3. II leitura (1Cor 7,32-35)

Muitos fatores influenciaram a primeira carta de Paulo aos cristãos de Corinto, mas a expectativa do retorno iminente de Jesus dá o tom da passagem proclamada neste dia.

É sob a expectativa da volta de Jesus que Paulo exorta os solteiros a permanecer nessa condição, por causa do pouco tempo restante até a vinda de Cristo. Isso os levaria a ficarem focados em preparar o mundo para a ocasião em que todos deveriam prestar contas de sua vida ao Criador.

O apóstolo contrasta os estados de vida e suas respectivas ansiedades. A diferença entre casados e solteiros (celibatários) é, respectivamente, a preocupação com o mundo e a dedicação integral às coisas do Senhor.

A reflexão feita por Paulo se insere no tema do desapego, ao qual o apóstolo dedica essa parte da carta. Contudo, nos versículos proclamados nesta liturgia, Paulo enfatiza a praticidade da vida de solteiro (celibatário) por causa do Reino de Deus. Ele reflete sobre sua própria situação: porque era solteiro, estava livre para viajar e anunciar o Evangelho sem as exigências próprias de um compromisso matrimonial e com os filhos.

Devemos esclarecer que a solteirice de um homem provocava fofocas, boatos e até mesmo calúnias de vizinhos e familiares, tanto naquele tempo quanto hoje. Obviamente, a vida de solteiro (celibatário), naquela época e no presente, tem vantagens reais para a dedicação ao Reino de Deus. A vida de casado pode distrair o marido ou a esposa de sua dedicação ao Senhor. Entretanto, o compromisso e os

Izabel Patuzzo\*\* (A partir do 5º domingo do Tempo Comum)

sacrifícios mútuos entre os cônjuges e por seus filhos podem se tornar um caminho adequado para a santidade de novas gerações e para a instauração de uma sociedade mais honesta, justa e fraterna, por meio de famílias que tenham como propósito fomentar a santidade em todos os aspectos da existência.

Paulo escreveu com base em sua experiência de vida e em suas expectativas pessoais. Seu conselho foi (e ainda é) fundamental, mas há outra importante vocação a considerar. Uma comunidade de pessoas solteiras pode se concentrar integralmente no Senhor. Os cuidados do mundo exigidos pelo estado de casado interferem nesse enfoque. Todavia, mesmo as “distrações” provocadas pela vida matrimonial podem fortalecer a vida espiritual de uma pessoa. A vida de solteiro ou casado depende da vocação dada por Deus, e tanto solteiros quanto casados são chamados a uma vida de santidade, enquanto peregrinam neste mundo para a casa do Pai.

### III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Autoridade como serviço foi o modo como Jesus exerceu seu ministério. Isso ele ensinou aos seus seguidores e até mesmo exigiu deles. Não veio para dominar ou para ser servido, mas para servir. Veio, antes de tudo, para libertar a humanidade; para que, vivendo em liberdade, as pessoas possam expandir-se, desenvolver-se como seres humanos, viver em plenitude.

Jesus nos libertou dos “espíritos malignos” do medo, das compulsões, do egocentrismo estreito, da raiva, do ressentimento, da hostilidade e da violência, que impedem as pessoas

de realmente desfrutar a experiência de estarem vivas. Quão triste é, então, constatar que tantas pessoas veem a fidelidade à fé cristã como um fardo a ser descartado para que possam ser “livres” da opressão e da limitação da religião. Até que ponto a Igreja é responsável por essa imagem, tão contraditória com a mensagem do Evangelho?

Vamos pedir a Jesus que a mensagem do Evangelho seja verdadeira fonte de libertação para nós. Que Jesus nos liberte de tudo o que nos torna surdos, mudos, cegos para Deus e para o próximo e paralisados pelo medo.

5º DOMINGO DO TEMPO COMUM

7 de fevereiro

## A comunidade missionária de Jesus

### I. INTRODUÇÃO GERAL

A liturgia do 5º domingo do Tempo Comum reflete sobre algumas realidades concretas e fundamentais da existência humana, como a dor, o sofrimento, perdas materiais e afetivas, plasticidade para cumprir a missão que Deus pede a cada um de nós. As leituras nos apresentam três exemplos de enfrentamento dos grandes desafios da vida, na perspectiva da fé em Deus. A primeira leitura relata o sofrimento e a dor de Jó; ele é desafiado a buscar um sentido para o sofrimento causado pelo inimigo. Na segunda leitura, Paulo sente o forte apelo ao anúncio do Evangelho aos irmãos, mesmo em meio às provocações. No Evangelho, Jesus anuncia a chegada do Reino de Deus, curando os

\*Ir. Izabel Patuzzo pertence à Congregação Missionárias da Imaculada – PIME. É assessora nacional da Comissão Episcopal Pastoral para a Animação Bíblico-Catequética da CNBB. Mestre em Aconselhamento Social pela South Australian University e em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, é licenciada em Filosofia e Teologia pela Faculdade Nossa Senhora da Assunção, em São Paulo. E-mail: Isabellapatuzzo@hotmail.com

doentes e expulsando os espíritos maus para amenizar a dor e o sofrimento daqueles que vêm até ele.

O Evangelho segundo Marcos continua a nos apresentar o ministério de Jesus na Galileia, com ações que demonstram sua sensibilidade pelo sofrimento das pessoas e seu cuidado para com elas, curando e expulsando demônios. O evangelista também nos faz ver que a realização de milagres, embora fosse parte importante na missão de Jesus, não era uma demonstração de superpoderes para atrair aplausos, e sim expressão de seu cuidado amoroso com os sofredores. Ele também cultivava sua vida de oração, sinal de sua relação íntima com o Pai.

## II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

### 1. I leitura (Jó 7,1-4,6-7)

O livro de Jó, escrito em forma de narrativa poética, trata de um drama real: o sofrimento do inocente que teme a Deus. O personagem Jó experimenta grande situação de sofrimento, a qual não é consequência de suas más ações nem vem de Deus, que admira sua retidão e fidelidade. Seu sofrimento vem do tentador, que duvida das motivações de sua fé. Toda sua dor é causada por ele, que desafia Deus e sua convicção de que alguém pode manter sua fé e retidão diante de sofrimentos e grandes perdas em situações-limite.

Jó expõe sua dor na oração diante de Deus. Sua oração é carregada de lamento, amargura, angústia e desespero. É como um grito a Deus para que olhe sua condição. Embora, às vezes, expresse revolta com o fato de Deus permitir tamanho sofrimento, no final sua prece é de quem acredita que somente Deus pode dar ouvido às suas súplicas e mudar sua sorte. O drama vivido por Jó pode ser o de tantas pessoas inocentes que não conseguem encontrar um sentido para o sofrimento. A sabedoria que se esconde no drama do personagem se revela ao longo do livro, com a conclusão de que o mal

## Origens do Cristianismo

Eduardo Hoornaert



208 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

**CONFIRA  
VERSÃO  
E-BOOK**

A obra não trata de teologia, mas de história e análise literária.

Pretende ajudar na leitura de escritos antigos da tradição de Jesus, desde os primeiros, elaborados por Paulo, Marcos, Mateus, Lucas e João, até alguns posteriores, redigidos entre os séculos II e V, como os de Marcião, Orígenes e Agostinho. Situa esses textos em seus devidos contextos, ao mesmo tempo que se atenta ao imaginário, ao enredo e à intencionalidade própria de cada escritor.

Vendas: (11) 3789-4000  
08000-164011

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)

não vem de Deus. O ensinamento que se destaca é que, quando se perde tudo e todos, Deus permanece ao lado daquele que sofre, como companheiro na dor. Mesmo quando os amigos de Jó o abandonam, Deus se faz ternura, socorre-o e devolve-lhe a esperança.

## 2. II leitura (1Cor 9,16-19.22-23)

Nesta leitura, Paulo se dirige à comunidade de Corinto, inserida no contexto da cultura grega de seu tempo. Os cristãos de Corinto recebiam grande influência de costumes e práticas pagãs, e o apóstolo sente o chamado de anunciar o Evangelho de Jesus Cristo nessa realidade. Como discípulo missionário e com espírito de gratuidade, ele se apresenta como servidor da Palavra. A partir do seu encontro com Jesus Cristo, anunciá-lo àqueles que não o conheciam se tornou um imperativo para Paulo. Ele renunciou a tudo para dedicar a vida, com toda a sua sabedoria, ao anúncio do Evangelho em uma cultura diferente da sua. O princípio que orientou toda a sua missão foi ver em cada pessoa um irmão e uma irmã, independentemente de raça, religião, gênero ou classe social. Deixando suas convicções pessoais de judeu, após sua conversão, Paulo pôs toda sua vida em função do anúncio do Evangelho de Jesus Cristo.

## 3. Evangelho (Mc 1,29-39)

O início do Evangelho de Marcos apresenta Jesus como o Messias, isto é, realizando as obras esperadas para os tempos messiânicos, como curar os doentes, expulsar os demônios e anunciar a Boa-nova aos pobres e sofredores. O evangelista ressalta que a missão de Jesus consiste em ir ao encontro dos que sofrem nos lugares onde se situam: nas casas, nas sinagogas, nos povoados, pelos caminhos e nas cidades. A comunidade missionária constituída por Jesus está continuamente em missão, acolhendo e envolvendo novos discípulos.

O texto deixa claro que o anúncio do Evangelho transforma a vida das pessoas. Aqueles

que são curados por Jesus também se tornam protagonistas da missão: ao serem tocados por ele, põem-se a serviço dos outros, como a sogra de Pedro. Marcos também menciona aqueles que traziam as pessoas até Jesus: são seus colaboradores, agindo como intercessores dos necessitados. Ainda há aqueles que, como Simão e seus companheiros, deixam tudo para segui-lo, como discípulos seus. A oração e a ação missionária eram partes essenciais da missão de Jesus e dos discípulos. Também se dedicavam à atividade catequética nas sinagogas, onde continuamente se estudavam as Escrituras. Dessa forma, o Evangelho apresenta as várias atividades que faziam parte da missão da comunidade de Jesus e atesta como ele cuidava de todos os aspectos da vida das pessoas.

## III. PISTAS PARA REFLEXÃO

A liturgia ressalta vários aspectos que envolvem o cuidado pastoral de uma Igreja em saída, como nos recorda o papa Francisco em sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. A alegria de encontrar-se com Jesus enche o coração do discípulo para anunciá-lo com a dedicação, o entusiasmo e a generosidade que tomaram conta do apóstolo Paulo. A dor dos que sofrem como Jó espera por uma resposta de acolhida solidária.

Como nos exorta o papa Francisco, cada cristão e cada comunidade são chamados a ser instrumentos de Deus a serviço da libertação dos pobres, daqueles que sofrem, para que estes possam ser plenamente acolhidos em nossas comunidades e na sociedade.

## 6º DOMINGO DO TEMPO COMUM

14 de fevereiro

## A comunidade que acolhe os excluídos e marginalizados

### I. INTRODUÇÃO GERAL

A liturgia do 6º domingo do Tempo Comum nos revela a ternura de Deus, que

não exclui ninguém, mas acolhe a todos na comunidade de seus filhos, particularmente os empobrecidos, os excluídos, os portadores de graves doenças. A primeira leitura e o Evangelho relatam dois exemplos concretos de como a comunidade dos fiéis cuida daqueles que mais precisam de acolhida e atenção. O profeta Eliseu representa a comunidade profética, que não somente anuncia com palavras que a salvação de Deus é para todos, mas também, com gestos concretos, expressa o cuidado amoroso de Deus, curando o sírio Naamã.

Curar os doentes de pele é uma das características marcantes do ministério de Jesus, já que a doença então denominada lepra era fator de exclusão e marginalidade. No Evangelho, Jesus se compadece de um enfermo nessa condição, cura-o e devolve-lhe a dignidade e a alegria. Além de ser curado, o homem é integrado na comunidade de fé e pode voltar ao convívio social. Na segunda leitura, o apóstolo Paulo recorda que a missão da comunidade é dar glória a Deus e estar a serviço dos irmãos, e que todos são chamados a testemunhar a fé em Jesus Cristo.

## II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

### 1. I leitura (2Rs 5,9-14)

O profeta Eliseu exerceu seu ministério durante o reino unido em Israel. Ele pertencia ao Reino do Norte e atuou durante o reinado de Jorão, que foi infiel a Deus, cultuando deuses estrangeiros. Eliseu deu continuidade à missão profética de Elias e se fez grande defensor da Aliança com Deus, preservando as tradições e a sabedoria de seu povo. Essa sabedoria é posta a serviço da cura de um grande líder sírio, chamado Naamã. Ao contrário do rei Jorão, infiel a Deus, o estrangeiro vem pedir a bênção do Deus de Israel.

A ação profética de Eliseu, ao se colocar como instrumento mediador da cura do doente de pele, revela que quem de fato

cura é Deus. O relato deixa claro que a oferta de salvação é dirigida a todos os povos. A gratuidade do Senhor Deus transforma a vida das pessoas, porque ele olha para o sofredor, independentemente de sua pertença étnica. O ensinamento da leitura ressalta a gratidão de Naamã, que não apenas ficou livre da doença, mas também encontrou o Deus único e verdadeiro. Em sinal de agradecimento, o estrangeiro quer oferecer presentes ao profeta. Eliseu recusa receber qualquer benefício, recordando-lhe que foi Deus quem operou o milagre. O profeta, como autêntico temente a Deus, exerce seu ministério na gratuidade, pois acredita em um Deus que é amoroso, bondoso e generoso para com todos os que o temem.

### 2. II leitura (1Cor 10,31-11,1)

São Paulo, nesta leitura, encoraja os cristãos de Corinto a fazer tudo para a glória de Deus. O texto faz alusão aos costumes dos gentios, considerados impuros pelos cristãos de origem judaica. O apóstolo não rejeita os irmãos de origem não judaica, mas orienta a comunidade para abster-se das carnes sacrificadas aos ídolos, pois servir-se delas poderia ser causa de grande escândalo na comunidade, sobretudo para os irmãos de origem judaica. A comunidade cristã acolhia pessoas provenientes de várias culturas; havia entre elas diversos níveis de compreensão da fé cristã. Por isso, o que Paulo recomenda é que todos saibam acolher essa diversidade, a fim de não faltarem com a caridade e preservarem os princípios e fundamentos da vida cristã.

### 3. Evangelho (Mc 1,40-45)

O Evangelho segundo Marcos relata uma cura realizada por Jesus. Em virtude de longa tradição, os portadores de doenças identificadas sob o nome “lepra” viviam isolados e à margem da sociedade. Tinham de se vestir de um jeito próprio e adotar determinados hábitos

para facilitar a percepção de sua enfermidade, o que reforçava sua condição humilhante. A cena narrada pelo evangelista ressalta que Jesus, diferentemente da grande maioria das pessoas de seu tempo, acolhe o doente de pele e favorece o encontro com ele, realizando a cura e devolvendo-lhe a dignidade de pessoa. Agora curado, o homem pode frequentar a assembleia do povo de Deus e participar do culto e das orações no templo.

Todo portador daquele tipo de enfermidade era o protótipo de alguém marginalizado, pobre e excluído. No entanto, a fé do homem em Jesus o liberta da doença e lhe dá a chance de uma vida nova. Ele passa a dar testemunho de sua fé em Jesus e também se torna anunciador das maravilhas que Deus operou em sua vida por meio de Jesus. Marcos destaca que Jesus tem compaixão, toca aquele doente; um gesto que somente Deus podia realizar, porque não se deixava condicionar pelas leis humanas. O dito de Jesus: “Quero, seja purificado!” denota que seu gesto visava superar toda uma tradição e um sistema legal que não favoreciam a cura daqueles que mais precisavam de cuidados. Jesus promove a libertação integral desse homem e o instrui a cumprir os preceitos exigidos pela Lei antiga, mesmo que isso não fosse condição para se tornar seu discípulo. O homem purificado se torna um testemunho da presença amorosa de Deus no meio de seu povo e um sinal de que um novo tempo está chegando com a presença do Messias enviado. Marcos conclui a narrativa sugerindo que todos aqueles que experimentam o poder transformador de Jesus se tornam discípulos missionários desejosos de anunciar as maravilhas de Deus aos irmãos.

### III. PISTAS PARA REFLEXÃO

A marginalização dos doentes de pele retratada no Antigo Testamento e no Evangelho era total: considerados impuros aos olhos das pessoas e de Deus, eram excluídos da convivência familiar, da participação no tem-

plo e na sinagoga. A prática de Jesus rompe com a exclusão e a marginalização primeiramente porque ele acolhe, se faz próximo, tem compaixão e, com atitudes concretas, liberta as pessoas do sofrimento. Jesus não apenas conforta com palavras, mas também realiza ações libertadoras. A comunidade dos seus discípulos, seguindo seu exemplo, tem o dever de acolher e integrar todas as categorias de pobres, excluídos e marginalizados do tempo presente.

A liturgia deste domingo também destaca a atitude de gratidão daqueles que reconhecem a ação libertadora de Deus na própria vida. Esta é a atitude que os discípulos de Jesus devemos cultivar: sermos gratos a Deus e àqueles que são solidários conosco nos momentos de dificuldade. Do coração agradecido devem brotar atitudes de gratidão a Deus e às pessoas que ele põe em nosso caminho quando estamos necessitados.

Em sua mensagem por ocasião do dia mundial dos pobres, em 15/11/2020, o papa Francisco, tomando o texto de Eclo 7,32 – “estende tua mão ao pobre” –, recorda-nos que a sabedoria contida nas Escrituras revela que oração e solidariedade com os pobres e enfermos são ações inseparáveis para o cristão. Inspirados pela ação de Jesus, aprendamos que estender a mão aos necessitados é um sinal de proximidade, solidariedade e amor.

## QUARTA-FEIRA DE CINZAS

17 de fevereiro

## A misericórdia divina aceita nossa penitência e conversão

### I. INTRODUÇÃO GERAL

Com esta liturgia, iniciamos um tempo especial na vida da Igreja, a Quaresma, em que intensificamos a prática da oração, do jejum e da caridade para entrarmos, de modo mais profundo, no mistério da paixão, morte e ressurreição de Jesus. As cinzas que

recebemos vêm de longa tradição bíblica e significam a fragilidade e finitude da nossa vida. São também sinal de arrependimento diante de Deus.

Nossa Igreja local inicia também a Campanha da Fraternidade, que neste ano reflete sobre o tema: “Fraternidade e diálogo: compromisso de amor” e o lema: “Cristo é nossa paz: do que era dividido fez uma unidade” (Ef 2,14), tendo como objetivo enriquecer o tempo quaresmal com o convite ao diálogo – dirigido a todos os cristãos e pessoas de boa vontade –, como forma de superar as polarizações e a violência que têm marcado nossa sociedade nos últimos tempos. Como discípulos de Jesus, somos chamados a testemunhar a unidade na diversidade por meio do diálogo fraterno e amoroso.

## II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

### 1. I leitura (Jl 2,12-18)

Nesta leitura, o profeta Joel mostra que o Senhor Deus chama o povo escolhido à conversão por meio de jejum, lágrimas e lamentos. O profeta exerce seu ministério no pós-exílio. Fiel ao serviço do templo de Deus, ele exorta o povo em momentos de crise. O flagelo da fome atingia grande parte da população. O culto havia cessado com a destruição do templo, e sua reconstrução levou décadas para ser concluída. O clima era de desânimo, pois retomar a vida no pós-exílio foi difícil para todos em vários aspectos.

A súplica do profeta para que o povo volte ao Senhor por meio da penitência e da conversão é, na verdade, forte apelo ao povo para retomar o caminho de proximidade com Deus, é uma proposta de reunir a comunidade dispersa e voltar a ser novamente o povo de Deus reunido. Por meio de sua profecia, Joel convida Israel à prática do amor sincero a Deus, a uma fé constante e à reconstrução de sua esperança, que se expressa na oração penitente, pois o Senhor Deus é cheio de zelo e compaixão para com seu povo.

### 2. II leitura (2Cor 5,20-6,2)

Nesta mensagem de Paulo dirigida aos cristãos de Corinto, o apóstolo exorta os discípulos de Jesus a se reconciliarem com Deus por meio da graça. Essa reconciliação, segundo ele, parte da iniciativa divina, e não humana. A reconciliação, de acordo com Paulo, é oferecida por Deus; Ele é o sujeito dessa ação. A leitura nos recorda que Cristo, por livre decisão, carregou sobre si o pecado do mundo. O apóstolo convida a comunidade de Corinto a acolher o tempo da graça como um tempo favorável de reconciliação; ou seja, o convite é para que cada um se torne nova criatura em Cristo, uma pessoa renovada que se deixa conduzir pela graça.

### 3. Evangelho (Mt 6,1-6.16-18)

O evangelista oferece orientações para ajudar a comunidade na prática da caridade, da oração e do jejum. No relato de Mateus, Jesus pede aos seus discípulos que procurem ir além dos escribas e fariseus, no que se refere à prática da justiça. A esmola tinha como único objetivo a solidariedade para com o necessitado e não podia ser usada como meio de obter prestígio. A oração se refere à íntima relação com Deus. Orar exprime a necessidade de estar sempre em contato com ele. O discípulo cultivava sua vida de oração porque sente a necessidade de se aproximar de Deus, e não para receber aplausos. O jejum deve ser sinal de nossa penitência e desejo de conversão. É fazer um esforço de nos privarmos de algo que falta para muitos. Pode ser uma forma de ser solidário a quem não tem o necessário para viver.

Jesus nos ensina que as obras de penitência, como a esmola, o jejum e a oração – que também são nossas práticas quaresmais –, devem ser expressão de nossa retidão, de nosso sincero desejo de sermos mais coerentes com nossas convicções e nossa fé em Cristo. Tais

práticas nos convidam a sair de nós mesmos e não são razões para sermos admirados, mas uma oportunidade para crescermos em santidade, em nossa solidariedade com o próximo e em nossa relação com Deus.

### III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Iniciamos nossa caminhada de 40 dias, que nos prepara para a Páscoa do Senhor, fazendo memória do tempo que Jesus permanece no deserto antes de iniciar seu ministério público. Tempo de silêncio, de nos retirarmos para nos preencher do essencial, de vencer as tentações, de nos fortalecermos nas decisões que nos tornam verdadeiros filhos e filhas de Deus. Tempo de esmola, jejum e oração no silêncio, para que somente Deus veja.

A Campanha da Fraternidade, por meio do símbolo da ciranda, põe-nos em relação com os outros. Na ciranda não há o primeiro nem o último, estamos juntos em comunhão. É o esforço para entrarmos no mesmo compasso do discipulado de Jesus, que é serviço. Que a proposta da CF fortaleça nossa disposição de sermos instrumentos e construtores do diálogo e da paz. Que apliquemos todo nosso esforço para encontrar formas de superação das divisões e violências existentes na sociedade e entre nós. Que a caminhada quaresmal nos anime ao diálogo fraterno que constrói a unidade querida por Deus.

1º DOMINGO DA QUARESMA

21 de fevereiro

## Tentações da humanidade

### I. INTRODUÇÃO GERAL

As leituras deste 1º domingo da Quaresma nos convidam a renovar nossa aliança com Deus. A primeira leitura relata a aliança incondicional entre Deus e Noé, representante da humanidade inteira. É aliança fundamentada na purificação, na recriação

e na restauração. Tal aliança é selada sob o arco-íris, que simboliza a fidelidade de Deus.

Na segunda leitura, Pedro nos recorda a Nova Aliança que Deus estabeleceu conosco por meio de Jesus Cristo. Jesus pagou um alto preço para nos redimir. Renovou e fortaleceu a Aliança com seu próprio sangue. No dilúvio, o pecado da desobediência foi eliminado pelas águas; em Cristo, pela água do batismo e pelo dom do Espírito Santo. Já o Evangelho nos ensina que Jesus foi testado por satanás, mas venceu as forças do mal, mostrando-nos o caminho para a fidelidade ao projeto de Deus.

## II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

### 1. 1ª leitura (Gn 9,8-15)

O episódio narrado na primeira leitura faz parte de antigas tradições, que surgiram como ensinamentos catequéticos, transmitidos oralmente por muito tempo, antes de serem escritos. Essa narrativa não tem como objetivo nos dar informações históricas de fatos concretos do passado, mas traz lições de sabedoria para a vida. Como outros contos do livro do Gênesis, eram narrativas compostas para transmitir e explicar verdades de fé. O texto faz alusão a grandes inundações que aconteciam naquela região. O autor bíblico toma esses acontecimentos para estabelecer uma comparação com a pedagogia usada por Deus para purificar as infidelidades e a desobediência de seu povo. A história do dilúvio foi composta para ensinar que Deus não aceita passivamente o pecado e o desvio da humanidade. Ele sempre encontra caminhos para purificar a humanidade de seus erros.

Deus se serve de pessoas íntegras, que agem com retidão, que se dispõem a colaborar com o Senhor – como Noé –, na tarefa de resgatar aqueles que se desviam. O texto dá a entender que a aliança entre Deus e o povo só pode ser estabelecida depois da purificação, pois supõe fidelidade e obediência por parte da grande família de Noé, símbolo

do povo escolhido. A mensagem central do texto é o amor incondicional de Deus, que deseja fazer aliança com a humanidade, mesmo que esta se desvie. Nunca mais no futuro haverá dilúvio, porque Deus não quer que o pecador morra, e sim que se arrependa, se converta e siga os preceitos da lei divina.

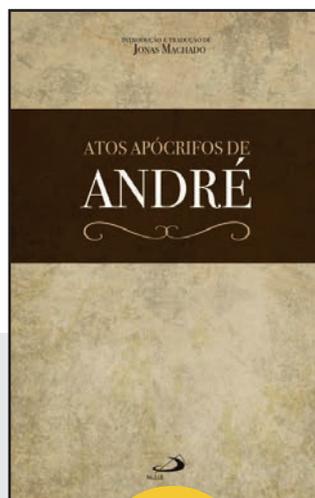
## 2. II leitura (1Pd 3,18-22)

A carta, atribuída ao apóstolo Pedro, é dirigida às comunidades cristãs espalhadas em cinco províncias romanas da Ásia Menor. Em sua maior parte de tradições greco-helenistas, provavelmente foram catequizadas no final do século I d.C., talvez depois da morte do apóstolo. O autor da carta certamente foi um cristão anônimo de tradição apostólica. Ele conhece os sofrimentos das comunidades cristãs, por isso exorta os cristãos a permanecerem fiéis na fé, dirigindo um olhar ao próprio Cristo, que passou pela paixão e morte de cruz para chegar à glória da ressurreição. O texto da liturgia constitui uma exortação às comunidades para manterem a esperança, o amor e a solidariedade, mesmo diante das adversidades.

A mensagem central da leitura é de encorajamento aos discípulos, confrontados com provocações, injustiças e hostilidades por testemunharem a fé em Jesus Cristo. A carta faz um apelo para que os irmãos não se cansem de fazer o bem, mesmo em meio aos sofrimentos. O agir do cristão deve sempre estar em conformidade com o agir do Cristo e Senhor. Estabelecendo um paralelo com o dilúvio, o autor aponta para o fato de que, pela sua morte e ressurreição, Jesus purificou a todos. Sua morte redentora atingiu toda a humanidade, mesmo os pecadores que conheceram o dilúvio no tempo de Noé. Dessa forma, o autor da carta sugere que, assim como Cristo propiciou a salvação mesmo aos injustos, os batizados, que nasceram do Espírito, devem dar testemunho diante daqueles que os perseguem, em conformidade com Jesus Cristo.

## Atos Apócrifos de André

Jonas Machado



88 págs.

**CONFIRA  
VERSÃO  
E-BOOK**

Imagens meramente ilustrativas.

O livro nos desafia a uma compreensão diferente do cristianismo das origens, retomando textos que não foram aceitos como oficiais pela Igreja.

Apesar do rótulo negativo que receberam, são importantes fontes históricas, que ilustram como certos grupos cristãos antigos pensavam e viviam a sua fé. Interessam também pela perspectiva menos atravessada pelas relações da Igreja com os poderes imperiais, algo marcante nos textos tradicionalmente aceitos.

Vendas: (11) 3789-4000  
08000-164011

**paulus.com.br**

### 3. Evangelho (Mc 1,12-15)

A experiência de Jesus ser conduzido pelo Espírito Santo ao deserto, lá ficar por 40 dias e, nesse lugar de escassez, ser tentado por satanás foi relatada por Mateus, Marcos e Lucas. Cada evangelista apresenta um relato distinto desse episódio. Nas Escrituras, o deserto é apresentado como lugar de prova, de tentação e de escolha de vida. Foi no deserto que Israel foi confrontado a escolher o caminho indicado por Deus, depois da tentação de voltar à escravidão e adorar o bezerro de ouro. Os 40 dias de Jesus no deserto recordam os 40 anos necessários para Israel deixar o sistema de escravidão a fim de entrar na terra da liberdade.

No tempo de Jesus, satanás era concebido como um espírito mau, inimigo da criatura humana, que procurava desviar as pessoas dos caminhos de Deus. Marcos o apresenta como aquele que tenta desviar Jesus de sua missão de enviado do Pai para que faça escolhas pessoais, segundo suas necessidades do momento, mesmo que tais escolhas estejam em contradição com os planos do Pai para ele. Provavelmente o evangelista estava pensando na real situação das lideranças religiosas e políticas de seu tempo. O tentador procura induzir Jesus a entrar no jogo dos poderosos, enveredando pelos caminhos da busca do prestígio, do poder, dos privilégios e renunciando à sua missão profética de serviço e doação da vida. Como Israel no deserto, Jesus tem diante de si dois caminhos: ser fiel aos planos do Pai, o que implica passar pela paixão e morte de cruz para construir o Reino de Deus neste mundo, ou se desviar do projeto de Deus, comungando com os líderes de seu tempo.

O relato de Marcos não deixa dúvidas sobre qual foi a opção de Jesus: ele escolheu ser fiel aos planos do Pai, iniciando sua missão pública nas periferias da Galileia, distante das propostas dos poderes religiosos e políticos de Jerusalém. É a partir das periferias

existenciais e geográficas que Jesus começa a anunciar a Boa-nova e proclamar que o tempo de Deus reinar chegou. O tempo de construir um mundo novo, uma comunidade de discípulos que caminham com ele, já chegou. O texto afirma que Jesus foi servido por anjos, símbolo de todos aqueles que atenderam ao seu chamado de se pôr a serviço do Reino de Deus.

### III. PISTAS PARA REFLEXÃO

O relato da tentação de Jesus no deserto nos mostra que ele foi confrontado a fazer opções e teve de discernir suas escolhas à luz dos planos do Pai. Teve de buscar o que realmente correspondia à missão de Filho enviado. Foi desafiado e tentado a enveredar pelo caminho mais fácil, sem sofrimento, do egoísmo, do poder e da autossuficiência, prescindindo do Pai. Contudo, na obediência, ele reúne ao seu redor discípulos, que se dispõem a segui-lo, nesse caminho difícil, para gerar nova realidade. Jesus teve de fazer muitas renúncias para levar à plenitude sua missão redentora.

Escutar os apelos que a Palavra divina nos faz também implica discernir quais tentações nos afastam do caminho de Deus. As escolhas mais fáceis nem sempre nos conduzem à fonte do bem e à vida de comunhão com Deus. Da mesma forma que as tentações de Jesus não se resumiram aos 40 dias no deserto, as observâncias quaresmais são apenas o começo, uma preparação para nos fortalecer em nossa luta contínua de resistir às tentações em nosso cotidiano e nos pôr a serviço do Reino de Deus. É tempo de conversão verdadeira do coração. Onde estou buscando a felicidade? Quais satisfações me realizam? Quais dificuldades me fazem perder o foco de minha vida? Quais tentações me desviam do caminho do bem? Pela graça do batismo, também nós somos conduzidos pelo Espírito Santo a rejeitar o mal e seguir o caminho do discipulado, continuando a missão de Jesus neste mundo.

## O Filho transfigurado

### I. INTRODUÇÃO GERAL

O Evangelho do 2º domingo da Quaresma é o relato da transfiguração de Jesus. O Mestre toma consigo Pedro, João e Tiago para subirem com ele à montanha. Os três são testemunhas da grande revelação de que Jesus é o Filho amado de Deus. No alto da montanha, Jesus se transfigura diante deles, na presença de Moisés e Elias – dois grandes líderes de Israel, que as Escrituras apresentam como mediadores entre Deus e o povo. Moisés é aquele que mediou a entrega da Lei com todos os ensinamentos e preceitos; Elias, o grande profeta que defendeu os pobres da terra e a justiça.

A primeira leitura narra a oferta de Isaac realizada por Abraão, a qual prefigura a infinita bondade de Deus e a obediência total de Jesus, que se entregará como o verdadeiro sacrifício por sua morte de cruz. O sacrifício de Isaac que Deus recusa, porque não quer o sacrifício humano, vai se realizar em Jesus, pois ele, livremente e por amor, entrega a vida na cruz.

Depois de sua transfiguração, Jesus toma a firme decisão de descer a montanha e se direcionar para Jerusalém, onde aceitará a morte de cruz para ser fiel ao plano do Pai. Sua morte não foi um projeto traçado por Deus, mas consequência de sua fidelidade à missão. Sua sentença de morte é o resultado de uma condenação humana injusta, realizada pelas autoridades, que se desviaram das Escrituras.

### II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

#### 1. I leitura (Gn 22,1-2.9a.10-13.15-18)

A primeira leitura apresenta o drama de Abraão com seu filho Isaac. O relato do sacrifício de Isaac tem como base uma tradição

antiga que circulava na Palestina. Era uma história, com finalidades catequéticas, que contava o fato de que Deus havia salvado uma criança de um sacrifício, preservando a vida do inocente e revelando que somente animais deveriam ser oferecidos. Os descendentes de Abraão aplicaram esse ensinamento ao drama da oferta de seu amado filho, Isaac. O Deus de Abraão era o Deus da vida e, diferentemente dos deuses cananeus, não aceitava sacrifício humano.

Segundo a tradição dos patriarcas, Abraão foi o grande pai dessa fé no Deus da Aliança, protetor da vida. Ele passou por muitas provas, mas sempre foi fiel a tudo o que Deus lhe pedia. Compreendeu que Deus era rico em bondade e misericórdia e que havia aceitado o sacrifício do carneiro em lugar de seu filho. No início de sua caminhada de fé, Abraão sentiu-se posto à prova, pois ainda estava iniciando nova experiência de fé, estabelecendo os primeiros fundamentos dos princípios que norteariam a caminhada do povo escolhido. Ainda tinha a tentação de comparar o Deus verdadeiro com deuses de povos vizinhos, a quem eram oferecidas vidas humanas. Abraão superou todas as provas e foi agraciado com a revelação de que Deus era a favor da vida; o patriarca carregou esse grande drama, essa luta interior, mas aceitou ser guiado por Deus.

#### 2. II leitura (Rm 8,31b-34)

Paulo escreve à comunidade dos romanos durante sua terceira viagem missionária, quando começa a planejar levar o Evangelho de Jesus Cristo à cidade de Roma. O objetivo dessa carta era preparar sua visita à comunidade. Dessa forma, ele procura entrar em contato com os cristãos de Roma para orientá-los pastoralmente. Um dos graves problemas ali presentes era a falta de unidade, pois a comunidade integrava judeus e gentios. Nesse contexto

de divisão interna, o apóstolo recorda os destinatários da carta de que em Jesus Cristo não há distinção entre judeus e gentios, pois Jesus nos congrega em um só povo.

Paulo acredita profundamente no Evangelho que anuncia; o Deus revelado em Jesus Cristo, pelo apóstolo anunciado, tem um amor profundo, total, radical, que nada nem ninguém conseguem apagar. Esse amor, que supera toda forma de divisão e é oferecido a todos, transforma cada discípulo e o capacita para viver o amor fraterno universal; enche o coração do cristão de coragem para enfrentar as adversidades da vida; é fonte de confiança em que Deus é por nós, aconteça o que acontecer. O discípulo vive pela fé em Jesus Cristo, por ela serve e se entrega por amor.

### 3. Evangelho (Mc 9,2-10)

O relato da transfiguração, segundo o Evangelho de Marcos, é apresentado logo depois que Jesus anuncia sua paixão aos discípulos. É nesse contexto que Jesus começa a prepará-los para aceitar que sua morte na cruz faz parte de sua missão; a cruz que também cada discípulo será chamado a carregar. O evento da transfiguração é momento de grande consolo e conforto antes de subirem a Jerusalém, onde acompanharão o processo da paixão, morte e ressurreição do Mestre. Os acontecimentos finais em Jerusalém serão de grande impacto na vida dos discípulos. O sofrimento de Jesus abalou a todos. Foi como ficar sem chão. Por isso Pedro deseja permanecer no alto da montanha, contemplando a glória de Jesus e a presença de Moisés e Elias. A sugestão da construção de três tendas – uma para Moisés, uma para Elias e outra para Jesus – significa que Pedro resiste a descer da montanha e ir para Jerusalém.

No evento da transfiguração, o Pai revela que Jesus é seu Filho amado. A comunidade de Marcos, ao recordar o fato, faz o anún-

cio querigmático de que Jesus é o Senhor, o Messias enviado, e nele se cumpriram as Escrituras. Moisés e Elias surgem como testemunhas de que o Filho de Deus é maior que eles. Por isso desaparecem, e a voz de Deus anuncia que Jesus é o Filho amado, cuja Palavra os discípulos devem escutar. Isso implica observar tudo que o Mestre fez e ensinou. E ele ensinou a trilhar o caminho do serviço, da doação, da solidariedade, a assumir a cruz da missão, do mesmo modo que fez ao descer da montanha.

### III. PISTAS PARA REFLEXÃO

A contemplação da transfiguração de Jesus durante a caminhada quaresmal tem o sentido de nos preparar para o mistério que em breve vamos celebrar: a subida do Senhor para Jerusalém a fim de entregar sua vida. Um olhar desatento pode querer concluir que Jesus não tinha plena consciência do que iria acontecer ou que não teve escolha. O evento da transfiguração nos revela que Pedro queria permanecer na montanha. Lá era agradável, não havia necessidade de ir a Jerusalém. No entanto, Jesus assume sua missão até as últimas consequências. Embora fosse pessoa com sentimentos, tristezas e angústias, não pede ao Pai que mude sua missão.

O que significa, em nossa vida cotidiana, querer ficar na montanha? Quais são os medos de descer da montanha e se direcionar para Jerusalém? Recordamos o papa Francisco, em sua Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*, sobre o chamado à santidade no mundo atual (GE 92.94): “A cruz, especialmente as fadigas e os sofrimentos que suportamos para viver o mandamento do amor e o caminho da justiça, é fonte de amadurecimento e santificação. [...] Abraçar diariamente o caminho do Evangelho, mesmo que nos acarrete problemas: isto é santidade”. É o caminho do discípulo. **vp**

# COLEÇÃO INICIAÇÃO CRISTÃ CATECUMENAL

Formando verdadeiros discípulos missionários de Cristo!

A inspiração catecumenal é uma diretriz para a catequese de hoje. Atenta a essa necessidade, a Diocese de Joinville elaborou, em parceria com a PAULUS, uma coleção especial para auxiliar o catequista na preparação e na formação de verdadeiros discípulos missionários de Cristo, orientando os catequizandos no caminho da fé. **Confira!**

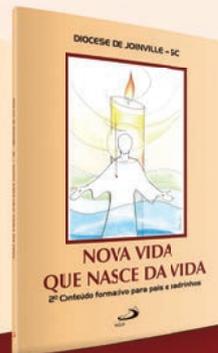
## BATISMO



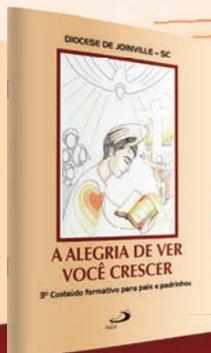
Catequista



1º Conteúdo formativo para pais e padrinhos

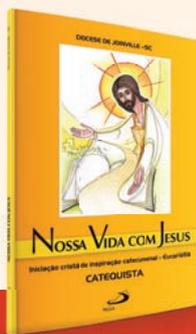


2º Conteúdo formativo para pais e padrinhos

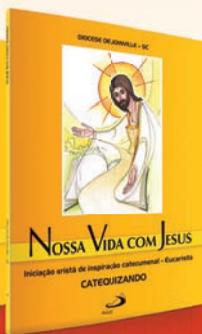


3º Conteúdo formativo para pais e padrinhos

## EUCARISTIA

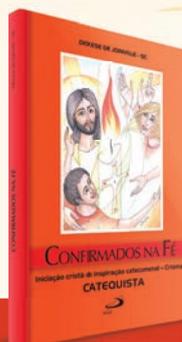


Catequista

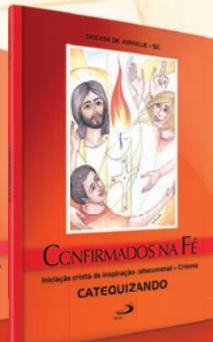


Catequizando

## CRISMA

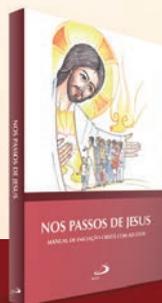


Catequista



Catequizando

## INICIAÇÃO CRISTÃ COM ADULTOS



## APROFUNDAMENTOS PARA A QUARESMA



paulus.com.br/loja  
11 3789-4000 | 08000-164011  
vendas@paulus.com.br  
f @editorapaulus

Comunicação para  
**um mundo melhor**

  
**PAULUS**

# A alegria da fé para crianças



Nestes subsídios para a catequese de Iniciação Cristã, as atividades são estruturadas a partir da oração do Credo.

Além do objetivo central de fazer a criança conhecer e experienciar o Mistério Pascal, o material conta com propostas de diversão, poesia e música.

Descubra como a catequese pode ser, ao mesmo tempo, profunda e divertida!